



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

AYMARA MONTEZUMA DE MELLO

**“A MARAVILHA QUE É A GENTE SE DAR BEM
CONSIGO MESMA”: TRANSIÇÃO CAPILAR, CABELO
CACHEADO/CRESPO E MULHERES NEGRAS**

Salvador

2024

Aymara Montezuma de Mello

**“A MARAVILHA QUE É A GENTE SE DAR BEM
CONSIGO MESMA”: TRANSIÇÃO CAPILAR, CABELO
CACHEADO/CRESPO E MULHERES NEGRAS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Antropologia.

Orientador: Prof. Dr. Livio Sansone

Coorientadora: Profa. Dra. Maria Andrea Soares

Salvador

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

M527 Mello, Aymara Montezuma de
“A maravilha que é a gente se dar bem consigo mesma”: transição capilar, cabelo e
cacheado/crespo e mulheres negras / Aymara Montezuma de Mello, 2024.
160 f.

Orientador: Prof.º. Dº. Livio Sansone

Orientadora: Profª. Drª. Maria Andrea Soares

Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

1. Negras – Cabelo – Brasil. 2. ICabelo - Alisamento.3. Mulheres – Cabelo.
4. Identificação 5. Produtos para cabelo.6. Relações étnicas I. Sansone, Livio. II. Soares,
Maria Andrea, III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas. IV. Título.

CDD: 305.42



Universidade Federal da Bahia
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA)

ATA Nº 28

Ata da sessão pública do Colegiado do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA), realizada em 01/08/2024 para procedimento de defesa da Dissertação de MESTRADO EM ANTROPOLOGIA no. 28, área de concentração Antropologia, do(a) candidato(a) AYMARA MONTEZUMA DE MELLO, de matrícula 2022112393, intitulada A maravilha que é a gente se dar bem consigo mesma: transição capilar, cabelo cacheado/cresto e mulheres negras. Às 14:00 do citado dia, FFCH-UFBA, foi aberta a sessão pelo(a) presidente da banca examinadora Prof. Dr. LIVIO SANSONE que apresentou os outros membros da banca: Prof. Dr. MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E SILVA, Prof^ª. Dra. DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ, Prof^ª. Dra. LUANE BENTO DOS SANTOS e Prof^ª. Dra. MARIA ANDREA DOS SANTOS SOARES. Em seguida foram esclarecidos os procedimentos pelo(a) presidente que passou a palavra ao(à) examinado(a) para apresentação do trabalho de Mestrado. Ao final da apresentação, passou-se à arguição por parte da banca, a qual, em seguida, reuniu-se para a elaboração do parecer. No seu retorno, foi lido o parecer final a respeito do trabalho apresentado pelo(a) candidato(a), tendo a banca examinadora aprovado o trabalho apresentado, sendo esta aprovação um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre. Em seguida, nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão pelo(a) presidente da banca, tendo sido, logo a seguir, lavrada a presente ata, abaixo assinada por todos os membros da banca.

Documento assinado digitalmente
 DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ
Data: 20/08/2024 13:22:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. DENISE FERREIRA DA COSTA CRUZ, UNILAB

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
 LUANE BENTO DOS SANTOS
Data: 21/08/2024 12:25:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. LUANE BENTO DOS SANTOS, PUC - RJ

Examinadora Externa à Instituição

Documento assinado digitalmente
 MARIA ANDREA DOS SANTOS SOARES
Data: 20/08/2024 13:38:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. MARIA ANDREA DOS SANTOS SOARES, UNILAB

Documento assinado digitalmente
 MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E SILVA
Data: 21/08/2024 07:32:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Externa à Instituição

Dr. MOISES VIEIRA DE ANDRADE LINO E SILVA, UFBA

Examinador Interno
Documento assinado digitalmente
 LIVIO SANSONE
Data: 05/08/2024 20:05:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. LIVIO SANSONE, UFBA

Presidente



Universidade Federal da Bahia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA (PPGA)

AYMARA MONTEZUMA DE MELLO

Mestrando(a)



Documento assinado digitalmente

AYMARA MONTEZUMA DE MELLO

Data: 28/08/2024 13:32:05-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

AGRADECIMENTOS

Começo, citando o artista contemporâneo Snoop Dogg: “Gostaria de agradecer a mim por acreditar em mim. Gostaria de agradecer a mim pelo trabalho duro. Gostaria de agradecer a mim por nunca ter desistido. Gostaria de agradecer a mim por ter tentado fazer mais o certo do que o errado. Gostaria de agradecer a mim por ter sido eu em todos os momentos”. A jornada na pós-graduação teve poucos bons momentos, e foi uma experiência desagradável em quase todos. Sem saber bem como ou por que, sofrendo e sentindo-me perdida e frustrada, eu terminei e, por isso, sou grata a mim.

Ao orientador e à coorientadora, por terem aceitado exercer tal papel, e pelas vezes que pudemos ter boas discussões, e que pude por ter meu material lido e avaliado com cuidado. Agradeço também à banca, pois foram pessoas presentes em toda a minha jornada no mestrado, contribuindo muito para os encaminhamentos desta pesquisa.

Às mulheres que compartilharam suas experiências e a todas as pessoas entrevistadas e que trocaram conversas comigo para fazer esta pesquisa possível. Agradeço às que vieram antes e deixaram suas reflexões no campo.

À minha mãe e ao meu pai pela criação, pela ajuda acadêmica e por todo o apoio. À família, que me apoiou e que esteve presente na minha criação.

Aos professores e professoras que me constituíram e me trouxeram tantos ensinamentos. Aos colegas de turma pelos momentos compartilhados.

Às mulheres que moraram comigo e fizeram a minha permanência na cidade algo mais leve e agradável, e por terem cuidado de mim, a ermitã oficial do lar. Às várias amigas que me sustentam. À Catarine, que esteve comigo durante toda a jornada. À Wifeyline, que me mantém igualmente louca e sã.

Aos artistas que também me sustentam. O fim desta dissertação jamais seria possível sem Hanbin, Luizinho, BangTan, 21p, Miyazaki-san e Takahata-san e tantos outros e outras que me ajudam a lidar e achar sentido na vida.

You and I, best moment is yet to come

MONTEZUMA, Aymara. **“A maravilha que é a gente se dar bem consigo mesma”**: transição capilar, cabelo cacheado/crespo e mulheres negras. Orientador: Livio Sansone. 2024. 160 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMO

O corpo se constitui socialmente, em conjunto e por meio de sistemas e símbolos raciais, de gênero, idade, classe etc. No corpo, o cabelo, nas relações sociais brasileiras, tem importante papel no processo de identificação de pessoas negras por ser entendido como um dos elementos constituintes da percepção de raça. No caso das mulheres negras, a dimensão de raça e de gênero coloca o cabelo numa situação de proeminência devido à relação que essa parte do corpo tem com ideias de feminilidade. Por muitos anos, no contexto das relações raciais brasileiras, muitas mulheres negras fizeram uso de alisantes e relaxantes que alteram a estrutura do cabelo para o liso ou cacheado. Nos últimos anos, tem ocorrido um movimento de maior escala para a não mais utilização de tais produtos e técnicas, denominado transição capilar. Tal movimento pode ser acompanhado por um processo de questionamento, reflexão e alteração da relação com o corpo e a subjetividade, podendo ser compreendido como um canalizador de alterações na relação consigo mesma. Em meio a esse processo, pode surgir um novo ideal estético entendido como cacho perfeito, que traz dinâmicas próprias de cuidados e expectativas. Em diferentes momentos da relação com o cabelo cacheado/crespo, existe a comparação entre o cabelo real e o cabelo ideal, e a vivência desta diferença constrói uma relação com o corpo interpretada em termos de prisão e liberdade. A transição possibilita questionamentos e reflexões sobre a relação com o cabelo, o corpo, e consigo, realizadas a partir de outros modelos e referências que não tenham corpos e experiências brancas como padrão, de forma que esta pode vir a possibilitar uma criação e expressão de outra vivência como mulher negra. Esta pesquisa teve como objetivo investigar o surgimento de novas relações corpóreas e subjetivas por meio da experiência da transição, assim como alterações na percepção e vivência como mulher negra. Para tanto, foi utilizada a análise de entrevistas abertas com mulheres negras que passaram pelo processo, assim como a análise de materiais audiovisuais sobre a temática. Foi possível constatar que a transição capilar levou a transformações corpóreas e subjetivas das mulheres negras entrevistadas.

Palavras-chave: transição capilar; identificação racial; cabelo; cacho perfeito.

MONTEZUMA, Aymara. **“The wonder of how we can get along with ourselves”**: hair transition, curly/coily hair and black women. Thesis advisor: Livio Sansone. 2024. 160 s. Dissertation (Master in Anthropology) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

ABSTRACT

The body is socially constituted, together and through systems and symbols of race, gender, age, class etc. On the body, hair, in Brazilian social relations, plays an important role in the process of identifying Black people as it is understood as one of the constituent elements of the perception of race. In the case of Black women, the dimension of race and gender places hair in a prominent position due to the relationship that this part of the body has with ideas of femininity. For many years, in the context of Brazilian race relations, many Black women used straighteners and relaxers that change the structure of their hair to straight or curly. In recent years, there has been a larger-scale movement to no longer use such products and techniques, called hair transition. Such movement can be accompanied by a process of questioning, reflection and change in the relationship with the body and subjectivity, and can be understood as a channel of changes in the relationship with oneself. In the midst of this process, a new aesthetic ideal may emerge, understood as a perfect curl, which brings its own dynamics of care and expectations. At different moments in the relationship with curly/coily hair there is a comparison between real hair and ideal hair, and the experience of this difference builds a relationship with the body interpreted in terms of prison and freedom. The transition enables questions and reflections about the relationship with hair, the body, and oneself, carried out from other models and references that do not have white bodies and experiences as a standard, so that this can enable the creation and expression of another experience as a Black woman. This research aimed to investigate the emergence of new corporeal and subjective relationships through the experience of transition, as well as changes in perception and experience as a Black woman. To this end, the analysis of open interviews with Black women who went through the process was used, as well as the analysis of audiovisual materials on the topic. It was possible to verify that the hair transition led to bodily and subjective transformations among the Black women interviewed.

Keywords: hair transition; racial identification; hair; perfect curl.

MONTEZUMA, Aymara. **“La maravilla de cómo podemos llevarnos bien con nosotras mismas”**: transición capilar, cabello rizado/crespo y mujeres negras. Orientador: Livio Sansone. 2024. 160 p. Tesis de maestría (Maestría en Antropología) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

RESUMEN

El cuerpo se constituye socialmente, juntos y a través de sistemas y símbolos de raza, género, edad, clase etc. En el cuerpo, el cabello, en las relaciones sociales brasileñas, tiene un papel importante en el proceso de identificación de las personas negras, entendido como uno de los elementos constitutivos de la percepción de raza. En el caso de las mujeres negras, la dimensión de raza y género coloca el cabello en un lugar destacado por la relación que tiene esta parte del cuerpo con las ideas de feminidad. Durante muchos años, en el contexto de las relaciones raciales brasileñas, muchas mujeres negras utilizaban planchas y alisadores que cambiaban la estructura de su cabello a liso o rizado. En los últimos años, ha habido un movimiento a mayor escala para dejar de utilizar este tipo de productos y técnicas, lo que se denomina transición capilar. Tal movimiento puede ir acompañado de un proceso de cuestionamiento, reflexión y cambio en la relación con el cuerpo y la subjetividad, y puede entenderse como un canal de cambios en la relación con uno mismo. En medio de este proceso, puede surgir un nuevo ideal estético, entendido como un rizo perfecto, que trae consigo una dinámica propia de cuidados y expectativas. En diferentes momentos de la relación con el cabello rizado/crespo hay una comparación entre el cabello real y el cabello ideal, y la experiencia de esta diferencia construye una relación con el cuerpo interpretado en términos de prisión y libertad. La transición posibilita preguntas y reflexiones sobre la relación con el cabello, el cuerpo y uno mismo, realizadas desde otros modelos y referentes que no tienen como estándar los cuerpos y las experiencias blancas, de modo que esto pueda posibilitar la creación y expresión de otra experiencia como una mujer negra. Esta investigación tuvo como objetivo investigar el surgimiento de nuevas relaciones corporales y subjetivas a través de la experiencia de transición, así como cambios en la percepción y la experiencia como mujer negra. Para ello se utilizó el análisis de entrevistas abiertas a mujeres negras que atravesaron el proceso, así como el análisis de materiales audiovisuales sobre el tema. Se pudo verificar que la transición capilar provocó transformaciones corporales y subjetivas entre las mujeres negras entrevistadas.

Palabras clave: transición capilar; ; identificación racial; cabello; rizo perfecto.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Kabela. Yasmin Thainá, 2015	42
Figura 2 – Eu na apresentação da peça e a capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado	46
Figura 3 – <i>Sailor Moon</i>	60
Figura 4 – Xuxa	61
Figura 5 – Boneca Barbie clássica	62
Figura 6 – Variações e bonecas Barbie	62
Figura 7 – <i>Prints</i> do <i>Instagram</i> ilustrando a manutenção do cabelo alisado com chapinha	70
Figura 8 – <i>Prints</i> do <i>Instagram</i> ilustrando a manutenção do cabelo alisado com secador, escova e chapinha	70
Figura 9 – <i>Print</i> do <i>Instagram</i> ilustrando a angústia da raiz aparecendo.	71
Figura 10 – <i>Print</i> do <i>Instagram</i> ilustrando a praticidade do cabelo alisado.....	72
Figura 11 – Cenas do filme Felicidade por um Fio – mãe penteando Violet para um banho de piscina.	74
Figura 12 - Cenas do filme Felicidade por um Fio – (a) Violet pula na piscina; (b) Violet após o mergulho.	74
Figura 13 - Duda e Bruna juntas em Friburgo e indo em festas onde dançavam Ludmilla e Beyoncé	84
Figura 14 – Ludmilla	85
Figura 15 – Beyoncé	85
Figura 16 – Mosaico de Cenas de Formation.....	86
Figura 17 – Ilustração de tipos de curvatura.....	91
Figura 18 – Exemplos de tipos de curvaturas.....	91
Figura 19 – Produtos com indicação do tipo de curvatura para qual são destinados	92
Figura 20 – Cabelo cacheado com duas texturas.....	93
Figura 21 - Cabelo crespo com duas texturas.	93
Figura 22 - Cena de Violet raspando o cabelo.....	97
Figura 23 - Violet careca	97

Figura 24 - Iris com suas primeiras tranças	99
Figura 25 – Momentos nos quais me senti bela - (a) Meu primeiro grande corte de cabelo; (b) minhas primeiras tranças	99
Figura 26 – Produtos que indicam se são liberados, veganos, sem crueldade animal etc.	105
Figura 27 – Cabelos que crescem para baixo	114
Figura 28 – Cabelos que crescem para cima e ao redor	115
Figura 29 - Cabelo liso com e sem frizz	116
Figura 30 - Cabelo cacheado com frizz e definido	117
Figura 31 - Cabelo crespo com frizz e definido	117
Figura 32 – Fitagem	118
Figura 33 - Cabelo crespo e cacheado sem e com volume	118
Figura 34 - Cacho perfeito	119
Figura 35 - <i>Print do Instagram</i> ilustrando o cansaço e a importância do cuidado com o cabelo	121
Figura 36 - <i>Print do Instagram</i> demonstrando o desgaste de arrumar o cabelo..	122
Figura 37 - <i>Print do Instagram</i> ilustrando a emoção do cabelo secar feio depois do investimento em sua lavagem e finalização	122
Figura 38 - Mosaico de fotos ilustrando texturização com bigudinho e rolinho	124
Figura 39 - Mosaico de fotos ilustrando a texturização com twist e outras.....	124
Figura 40 - <i>Print do Instagram</i> ilustrando uma argumentação e a reação sobre a argumentação sobre a volta ao alisamento	127
Figura 41 - <i>Print do Instagram</i> ilustrando uma argumentação sobre a volta ao alisamento	127
Figura 42 - <i>Print do Instagram</i> ilustrando o desabafo de uma cacheado sobre o cuidado com o cabelo	129

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1 - Marcos teórico-conceituais e abordagem metodológica	20
1.1 Marcos teórico-conceituais	20
1.2 Abordagem metodológica	25
1.2.1 Primeiro <i>corpus</i> etnográfico	26
1.2.2 Segundo <i>corpus</i> etnográfico	37
1.2.3 Apontamentos sobre internet e virtualidade	37
1.2.4 Apontamentos sobre formas de escrita	40
Capítulo 2 – Lidando com o cabelo	42
2.1 Vida antes da química	43
2.2 Começo da química	48
2.3 Vida na química	67
Capítulo 3 – Transicionando	80
3.1 Decidindo começar	81
3.2 Vivendo a TC	92
Capítulo 4 – Outras Transições	111
4.1 Ideal x Real: Perfeição?	112
4.2 Prisão e liberdade	128
4.3 Racismo e percepções de negritude	135
4.4 Experiência da TC e reflexões	145
Considerações finais	150
Referências	154
Glossário	159

Introdução

Entendo a chamada transição capilar (TC) como o movimento de abandono do uso de produtos e/ou aparelhos alisantes, de relaxamento¹ ou que modifiquem a estrutura do cabelo físico-quimicamente, e, portanto, o formato dos fios, e as suas diversas consequências materiais ou não para a vivência de mulheres negras. A TC pode ter nuances em sua definição, já que a experiência de negros e brancos, assim como de homens e mulheres se diferencia e sobrepõe-se em diferentes momentos. Parto, então, do entendimento de que a TC para mulheres negras se configura de uma forma específica, trazendo consequências particulares para esse grupo populacional.

Note-se que, nos últimos anos, tem havido um grande movimento incentivando principalmente mulheres a passarem pelo processo, que pode variar, dependendo do tipo de cabelo e da própria mulher. A transição implica transformações e adaptações e, muitas vezes, uma reconfiguração da relação com o próprio cabelo, o corpo e com a subjetividade. Nesse contexto, objetivei investigar o surgimento de novas relações corpóreas e subjetivas por meio da experiência da TC, assim como possíveis alterações na percepção e na vivência como mulher negra.

Dentre os elementos usados no Brasil para classificação racial, a cor da pele e o cabelo têm destaque (Gomes, N., 2019, p. 29), de forma que o cabelo é lido socialmente com um elemento de pertencimento racial. A representação sistemática de corpos negros como feios, desagradáveis e associados a discursos pejorativos cria um imaginário do lugar do negro em nossa sociedade.

Os corpos de mulheres negras se inserem nesse imaginário de modo duplamente negativado. Ou seja, como mulher e como negra, somos sexualizadas, exotizadas, desvalorizadas e estigmatizadas. As relações subjetivas com o próprio corpo são perpassadas por essas simbologias. Nesse contexto, a relação que a população negra tem com o cabelo denota dimensões políticas, sociais e identitárias, e não apenas de estética ou vaidade, e pode-se entender que, para a

¹ Tipo de técnica de alisamento mais “suave”, pois não objetiva tornar os fios lisos, mas sim com cachos mais abertos. É uma química muito utilizada com o intuito de diminuir volume, além de abrir a curvatura dos cachos.

população negra, pertencimentos identitários muitas vezes implicam mudanças estéticas e corporais – e vice-versa.

Meu interesse por pensar cabelos é muito anterior ao meu ingresso na graduação, anterior inclusive à minha descoberta da existência da antropologia ou das ciências sociais. Sendo uma mulher negra de cabelos cacheados, o papel que eles tiveram na minha vida perpassam inúmeras esferas. Sendo assim, posso dizer que nasci e cresci no campo em que decidi investigar. Há, contudo, algumas nuances que devem ser demarcadas, isto é, nunca alisei ou relaxei sistematicamente o cabelo, de modo que nunca passei pelo fenômeno que delineou meus objetivos de investigação.

Diante disso, o tema desta pesquisa surgiu para mim primeiro como uma curiosidade para minha vida, pois ao pesquisar vídeos na plataforma *YouTube*, a fim de melhor lidar com o meu próprio cabelo, deparei-me com mulheres falando sobre a transição capilar e as ressonâncias que o processo teve em suas vidas. Depois, por meio das perspectivas apresentadas a mim pela professora Claudia Barcellos Rezende, nas disciplinas de Antropologia Biológica II (que foi basicamente uma Antropologia do Corpo), Antropologia do Corpo e Antropologia das Emoções, e, especialmente, na leitura de um artigo de Nilma Lino Gomes², aprendi e entendi que o cabelo poderia ser tema de investigação antropológica.

No meu trabalho de conclusão de curso na graduação em Ciências Sociais pesquisei as mudanças que a TC trouxe para minhas interlocutoras e amigas, todas mulheres negras. Com a permanência do meu interesse e curiosidade no tema, com a percepção de que ele era mais profundo e complexo do que eu havia acessado até então, e, ao observar uma tendência da criação de um imaginário específico sobre como deve ser esse cabelo crespo/cacheado, decidi mantê-lo na dissertação de mestrado em Antropologia, me mudando para Salvador, uma cidade que, no meu olhar carioca, apresentava em seu cotidiano estéticas negras fascinantes. E, assim cheguei ao tema que me proponho a investigar.

Creio que meu fascínio pelo tema se dá pela minha busca pessoal de criar paz com meu corpo e criar outras referências para minhas experiências, movimentos que serão abordados neste trabalho. Desta forma, mesmo não

² Gomes, N. 2002.

partilhando da experiência específica da transição com minhas interlocutoras, tenho inúmeras interseções com suas vivências.

Universo de pesquisa: o que atravessa o cabelo

O que estou entendendo como transição capilar não é um movimento novo. Nos anos 60, o movimento Black Power já levantava a bandeira do “*black is beautiful*” (ser preto/a é lindo/a), marcado pelos cabelos crespos e cacheados usados pelos/as integrantes (Santos, 2015). Há muitas décadas pessoas negras têm, por diversos motivos, inclusive políticos, tomado a decisão abdicar do uso de alisantes e de relaxantes. O que há de diferente nesses movimentos para o movimento da transição atual é, a meu ver, a existência de um nome específico e o advento das redes sociais na internet.

Vale observar que, no cenário contemporâneo, as redes sociais se apresentam como relevantes por difundir a ideia da transição, levando tal possibilidade a pessoas que outrora não haviam pensado nisso. Além disso, as possibilidades de criação de redes para trocas de dicas, técnicas, de apoio emocional, assim como de incentivo podem motivar o processo.

Outro fator relevante é a produção de imagens e de imaginários. A divulgação de imagens das etapas da transição pode ajudar a entender como o processo pode ocorrer. Isso, somado aos relatos das mulheres que o experienciaram, possibilitam entender as possíveis dificuldades, frustrações, possibilidades, alívios e realizações. Nesse processo de divulgação, destaque para os *influencers*³, tanto na promoção de técnicas e produtos quanto das fases, emoções e possíveis descobertas.

Além das novidades trazidas pelas redes sociais, há uma constante criação de técnicas, vocabulários e produtos diversos para atender a esse público em formação: a) fitagem (técnica de pentear os cabelos que tende a prezar pela definição); b) finalização (forma de pentear o cabelo depois de uma lavagem); c) *day after* (duração após uma finalização); d) revitalização (uma forma de arrumar

³ Pessoa que se encontra em posição de influenciar outras por meio da criação e do compartilhamento de conteúdo nas redes sociais.

o cabelo, sem lavá-lo novamente, mas que o faça ter um aspecto semelhante), cronograma capilar (organização dos tratamentos que se faz no cabelo); e) reconstrução (tratamento de reposição de proteína e queratina na fibra capilar, selando o fio); f) nutrição (tratamento para recuperar nutrientes e a oleosidade natural da fibra capilar); g) hidratação (tratamento para reposição de água e resolução de cabelo ressecado); h) texturização (técnicas de modificar o formato dos fios, sem intervenção química); i) umectação (tratamento de nutrição, como o uso de óleos vegetais). Nem todas essas palavras descrevem coisas novas, mas há hoje uma certa produção “técnica” – ou com ares técnicos – sobre práticas já usadas ou criadas agora.

Em sua pesquisa, Bueno (2017) constatou um conjunto de relatos individuais semelhantes sobre as vivências de mulheres negras com seus cabelos crespos e cacheados, formando uma “história coletiva” (*op. cit.*, p. 31). Evidencia-se, assim, a importância de se pensar o fenômeno da TC a partir de um recorte racial e de gênero. Contudo, nem todos os conteúdos sobre TC veiculados na internet abordam essa temática, considerando que muitas mulheres que ali divulgam seus comentários são brancas. Porém, mesmo que não seja um assunto apresentado em discurso, ele se faz presente nos corpos e nas vivências das mulheres negras, acentuando como mudanças que são inicialmente (ou aparentemente) estéticas perpassam a esfera da subjetividade, possibilitando questionamentos e a busca por novas referências.

Na lista de motivos para o alisamento ou para o relaxamento do cabelo⁴, há muitos motivadores, entre eles: beleza, praticidade, comprimento, leveza, aceitação/ parecer-se com os pares, limpeza, conformidade às regras, honestidade etc. Entretanto, a totalidade das experiências de alisamento e de relaxamento não necessariamente devem ser lidas nessa chave. A relação da pessoa negra com o cabelo deve ser pensada não apenas pelo contexto social das relações raciais históricas que formam nossa sociedade, mas também considerando as construções identitárias e as estratégias utilizadas pela população negra nesse contexto (Gomes, N., 2019). Ou seja, também o alisamento e o relaxamento fazem parte das práticas e construções identitárias da

⁴ Como explicitada nas pesquisas de: Mattos 2015; Fonseca 2016; Gomes, L. 2014.

população negra, de forma que “não podemos nos esquecer de que essas técnicas e estilos foram e são construídas pelos negros da diáspora em situação de dominação branca” (*op. cit.*, p. 171).

Por sua vez, Hall (2018) entende que os grupos em diáspora não conseguem, muitas vezes, criar uma relação de continuidade com o passado, no caso negro, devido às rupturas produzidas pelo imperialismo e pela colonização. Nessa situação, a construção identitária se baseia em elementos da cultura dominante e de suas histórias alternativas, e, no nosso caso, a partir de “ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano” (*op. cit.*, p. 381) tal qual é possível alcançá-lo. Assim, cabe pontuar que os elementos usados nessa construção são trabalhados e transformados, criando novos padrões culturais:

[...] inovações linguísticas na estilização retórica do corpo, a formas de ocupar um espaço social alheio, a expressões potencializadas, a estilos de cabelo, a posturas, gingados e maneira de falar, bem como meios de constituir e sustentar o companheirismo e a comunidade (Hall, 2018, p. 381).

Estamos, então, constantemente negociando “diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade, classe”, pois esses elementos não “se reduzem um ao outro” (*op. cit.*, p. 385). O autor continua, ao alertar que temos “usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos, portanto, trabalhado em nós mesmos como em telas de representação” (*op. cit.*, p. 380-381).

Daí, portanto, a ideia do corpo como um espaço de criação da população negra em diáspora estar presente no trabalho. Também trago a discussão sobre a necessidade de rebater representações do corpo negro feminino feitas a partir de nossa objetificação e da criação de espaços de oposição nos quais nos constituímos como sujeitos, como trazido por bell hooks (2019c). A pesquisadora nos chama à atenção para o papel da produção de imagens que consumimos a partir da mídia, ou seja, aquelas baseadas nas “mesmas velhas representações” (*op. cit.*, p. 25) e sua relação com o “auto-ódio” (*op. cit.*) que internalizamos como pessoas negras, enfatizando como as representações de raça que circulam no imaginário social se pautam (e produzem) em percepções racistas, o que ressalta a “dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens” (*op. cit.* p. 35),

sendo como nos vemos ou como somos vistos. Simultaneamente, essa autora alerta sobre a necessidade de nos desafiar e de pensarmos outra perspectiva a partir da qual possamos nos entender de forma libertadora (*op. cit.* p. 33.), criando outros tipos de imagens e representações através de movimentos críticos e de autodefinição.

A discussão sobre a definição da TC como fenômeno ocorrerá ao longo deste trabalho. Porém, como previamente explicitado, uma conceituação inicial poderá ser o movimento por parte de mulheres negras de abandono do uso de produtos e/ou aparelhos alisantes, de relaxamento ou que modifiquem a estrutura do cabelo físico-quimicamente, e, portanto, o formato dos fios.

É importante pontuar, entretanto, que existem técnicas de alteração do formato do fio que podem ser lidas como produção de uma estética negra, e não tentativa de alcance de uma estética branca, e há muitas mulheres que, tendo feito ou não a transição, as utilizam. Entendo também que o fenômeno descrito pode ser realizado por outros grupos sociais, como homens negros ou mulheres brancas, mas também entendo que o fenômeno é delineado de formas diferentes nestes grupos. Sendo assim, o foco aqui é compreender como ocorre o processo em mulheres negras, entendendo que uma mudança estética tem causas e consequências específicas para esse grupo.

Capítulos da dissertação

No primeiro capítulo desta dissertação, trago como foco os marcos teórico-conceituais que fundamentam a pesquisa e sua abordagem metodológica, com seus respectivos desdobramentos. A dissertação se desenvolve em mais três capítulos.

No segundo capítulo, abordo as práticas de cuidado com o cabelo durante a infância, e como ocorreu o início e qual foi o motivador do alisamento/relaxamento. Nessa parte, há a discussão do papel das famílias nestes processos e alguns acontecidos do espaço escolar, e como esse local se coloca como um difusor dos imaginários e percepções específicas do corpo negro. Aproveito a oportunidade para refletir sobre os desejos que as meninas tinham sobre a própria aparência e a percepção de cuidado e lida com o cabelo. Além disso, abordo as dinâmicas dos processos de alisamento/relaxamento em si: as

dificuldades do procedimento, os desejos sobre o cabelo, a relação com o resultado final, a manutenção dos procedimentos, e o cabelo como um elemento que, ao mesmo tempo, permite uma aproximação a certas ideias de corpo e beleza, bem como impede ou dificulta parte da vida cotidiana.

No capítulo seguinte, apresento a ideia da TC e como ela aparece como uma maneira de “se livrar” do alisamento/relaxamento, interpretado como uma “prisão”. Abordo como foram os passos iniciais da TC, na maioria das vezes relacionados à presença de redes sociais como *Instagram* e *YouTube*, e à relação com a militância ou algum pensamento crítico sobre raça e racismo. Nesses momentos iniciais, discutem-se questões relacionadas ao comprimento do cabelo, à aprovação familiar e de pares, aos imaginários sobre o cabelo que crescerá, ao começo do uso de acessórios e de maquiagens e, em destaque, ao conhecer e aprender a lidar com o cabelo sem química. Somado a isso, serão discutidas percepções sobre feminilidade, função das redes sociais e o aprendizado sobre produtos, penteados, procedimentos e técnicas para o cabelo ao qual esses indivíduos são apresentados.

Por fim, no último capítulo, trago outros desdobramentos da TC, como também seu principal evento: a descoberta do cabelo sem química, uma parte do corpo até então desconhecida. Se inicialmente este evento aparecia como uma possibilidade de “liberdade” do alisamento/relaxamento, logo pode se tornar uma outra forma de “prisão”, na qual os cachos definidos, compridos e de pouco volume se tornam o “carrasco” da vez: o “cacho perfeito”. Entendo, assim, a existência de uma hierarquia de cachos, em que o cabelo crespo é mais indesejado, e de um ideário específico do cabelo cacheado, que parece ter pouca relação com o cabelo que cresce em nossas cabeças.

Diante dessas observações, discuto sobre o lugar do cabelo tanto nas percepções como nas interdições raciais. Nesse capítulo, também abordo uma discussão sobre percepções de liberdade, colocada em destaque pelo “segundo movimento” na TC de entender, acostumar-se e aceitar o cabelo que se tem, aceitando o frizz, o volume e o comprimento. Essa liberdade se associa à construção de uma relação nova com o corpo, assim como a construção de referenciais imagéticos até então não presentes nas vidas dessas mulheres e mais próximo de seus corpos, e uma autopercepção e uma autorreflexividade como mulheres negras diferentes das que se possuíam até então.

No mesmo capítulo, trato de mudanças na subjetividade dessas mulheres, relacionando esses novos referenciais estéticos com implicações relevantes na autoestima e na autoimagem dessas sujeitas. Assim como em suas relações com corpo como um todo, assim como em suas próprias percepções como mulheres negras (podendo ser associada à militância, “letramento” e a estudos raciais, como ainda à ingresso na universidade), produzindo uma “história coletiva” destas mulheres em relação a suas vivências.

Capítulo 1 - Marcos teórico-conceituais e abordagem metodológica

1.1 Marcos teórico-conceituais

O corpo tem sido pensado no âmbito das Ciências Sociais de formas e com destaques diversos. Um dos primeiros a trazer atenção a ele foi Marcel Mauss, no ano de 1974, em uma conferência denominada As Técnicas Corporais. No evento, Mauss define técnica corporal como a maneira como os homens se servem do corpo, entendendo técnica como: a) um ato tradicional, pois é transmitida por meio do convívio social; b) eficaz, por ter uma dimensão mecânica e físico-química. São tradicionais e estáveis, mas não imutáveis, variam de sociedade para sociedade, e podem ser divididas por gênero, idade, função, circunstâncias etc., dentro da mesma sociedade.

Essas técnicas são repassadas tanto pela educação, implícita ou explicitamente, quanto pela imitação prestigiosa, que é a imitação que crianças realizam de atos considerados bem-sucedidos praticados por aqueles que têm autoridade sobre elas, o que demonstra a condição ativa do processo, pois temos consciência dele e o aceitamos. Os homens são concebidos, pelo autor, como máquinas de técnicas corporais que se formam por montagens fisio-psico-sociais, uma vez que o aparelho é biológico, enquanto a engrenagem é psicológica e, de seu modo, causa é sociológica. Dessa forma, entende-se que esses três elementos são interdependentes e não hierarquizados, e que, somente com eles presentes, se forma o que o pensador entende como 'homem total'.

É por meio do corpo que nos colocamos no espaço e temos acesso ao mundo, e que estes adquirem sentido para nós, fundamentando nossa inserção e relação com o mundo, como destaca LeBreton (2019). O corpo, portanto, ganha forma e sentido a partir das delineações culturais que agem sobre ele, enquanto a dimensão social inscreve sobre ele simbolismos, que o indivíduo interioriza e torna-se capaz de decodificá-los parcialmente.

A maleabilidade do corpo humano, exposto aos sistemas de educação, bem como de transmissão de conhecimentos e tradições da sociedade, faz dele um elemento conforme seu contexto, participante dos signos de expressividade e de ação sobre o mundo. O sistema de significação específico no qual estamos

inseridos implica em nosso modo de estar no mundo, como também perceber e compreender seus fenômenos são provenientes de um contexto espaço-temporal indispensável que tem variações dentro de uma mesma sociedade, contendo especificidade regionais, geracionais e de posicionamento na hierarquia social.

O corpo também passa por uma adequação individual que mostra a postura do indivíduo e sua identidade de acordo com o ambiente, mas existe uma diferença entre as possibilidades de escolha e a consciência destas entre os indivíduos. O corpo é também habitado de acordo com orientações sociais e culturais, que podem ser remanejadas até certo ponto, de acordo com a história e sensibilidade individual, criando nuances pessoais (Lebreton, 2019). Assim sendo, fica evidente que a socialização e as experiências corporais se diferenciam entre homens e mulheres, entre negros e negras.

Ao adentrar o debate racial, tomo a reflexão de Hall acerca de que “Raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja – o racismo” (Hall, 2018, p. 76-77). Compreendo, portanto, raça como produzida a partir da prática do racismo numa dinâmica relacional (Gomes, N., 2019, p. 39). Gomes aponta que, no caso brasileiro, a discriminação racial sobre os negros e negras ocorre não somente pelos costumes e tradições, mas principalmente pelos “sinais diacríticos, inscrito no corpo” (*op. cit.*, p. 40), vistos como marca de inferioridade. Já para Carneiro (2023), as relações raciais no contexto brasileiro são, à perspectiva foucaultiana, “um domínio que produz e articula poderes, saberes e modos de subjetivação” (*op. cit.*, p. 21), o que implica observar que o ideário racista busca operar raça como uma realidade social não natural, mas que naturaliza o Outro que precisa manifestar tal inferioridade em condições concretas (*op. cit.*, p. 20). O racismo, segundo ela,

enquanto pseudociência, busca legitimar a produção de privilégios simbólicos e materiais para a supremacia branca que o engendrou. São esses privilégios que determinam a permanência e a reprodução do racismo enquanto instrumento de dominação, exploração e, mais contemporaneamente, de exclusão social em detrimento de toda evidência científica que invalida qualquer sustentação para o conceito de raça (Carneiro, 2023, p. 20).

Entende-se, desse modo, que as possibilidades e as construções relacionadas ao corpo necessariamente perpassam pelos sistemas de

classificação raciais. Destaco, portanto, que essa construção corporal ganha contornos próprios na situação da diáspora devido ao contexto particular que esta apresenta, de rupturas e de construções a partir de referenciais pouco acessíveis, assim como a de criação de novos símbolos e significados. Assim, nesta pesquisa, entendo, conforme o IBGE, que a categoria 'negro/a' engloba pretos/as e pardos/as, e será demarcado quando necessário dinâmicas raciais internas ao grupo.

Outro sistema classificatório relevante é o de sexo/gênero, um sistema histórico no qual a matéria prima biológica é transformada pela intervenção social em produto da atividade humana, no qual a opressão é um produto da forma como relações sociais específicas organizam este meio (Rubin, 1975). Nesse sentido, parto do princípio de que a ideia de gênero é uma construção social que se baseia na ideia naturalizada de distinção de corpos entre homens e mulheres, distinção esta que aciona diferentes perspectivas, comportamentos e papéis sociais, como debate Judith Butler. É também perpassada por dinâmicas de raça, classe, idade, sexualidade, nacionalidade etc. No que se baseia essa diferença, de que modo ela se desenvolve e como ela constrói a ideia de diferentes corpos são elementos de um debate complexo e com diferentes delineamentos conceituais (discussões trazidas por intelectuais como Adriana Piscitelli, Miriam Grossi e Silvia Federici).

O conceito de gênero tem importante valor analítico para entender 'homem' e 'mulher' como produzidos relacionalmente, chamando atenção à construção social dessas ideias, em contraposição às perspectivas que se baseavam na biologia (Scott, 1995, p. 72). O ponto a ser evidenciado aqui é que há sistemas de diferenciação e classificação que produzem e hierarquizam corpos, criando uma diferença entre eles e uma consequente distribuição de poder. Esses sistemas não operam somente com a variável de sexo ou gênero, de forma que a experiência da mulher negra se delinea de uma forma específica nas disputas de produção de sexo-gênero.

Algumas intelectuais e alguns movimentos sociais de mulheres negras (Angela Davis, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Jurema Werneck) defendem a ideia de que gênero seja pensado como *parte* de um sistema de diferenças, evidenciando as outras dimensões que podem perpassar a produção da diferença e como o poder opera por meio de diferentes estruturas e em situações

particulares. Vale dizer que, em 1851, Sojourner Truth já trazia esse tema de reflexão em seu discurso na Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, ocasião em que já chamava nossa atenção para percepções universais da categoria mulher e como sua experiência se difere delas (Akotirene, 2018).

Considerando que é fato que todas as mulheres são, de alguma forma, discriminadas por seu gênero, Crenshaw (2002) argumenta que também é verdade que outros aspectos de suas identidades estão em jogo, como classe, raça, cor, etnia, origem nacional e orientação sexual (*op. cit.*, p. 173). Esses elementos, constroem “problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres” (*op. cit.*, p. 173?). Sendo assim, a autora propõe o termo “interseccionalidade” para dar conta das dinâmicas de interação de diversos eixos de subordinação, que “se sobrepõe e se cruzam”, criando várias “intersecções” (*op. cit.* p. 177).

Diante disso, o conceito se faz presente nesta pesquisa para refletir sobre os contornos do cabelo, principalmente na intersecção gênero e raça. Ou seja, esta pesquisa tem o foco nas mulheres negras, entendendo que o cabelo se configura de formas distintas, articulando diferentes forças, o que é capaz de gerar diferentes consequências para esse grupo.

O cabelo

No corpo, os pelos corporais têm destaques diferentes em grupos sociais distintos, fazendo parte das simbologias culturais e sendo uma parte separável do corpo (Leach, 1983). Assim, o cabelo, presente numa parte muito visível do corpo e podendo ser dele destacado, talvez seja o conjunto de pelos mais evidenciado. Ao se apresentar, portanto, com maior possibilidade de manipulação, apresenta-se como um elemento relevante para o esquema das significações e das representações sociais.

Por sinal, ao longo da experiência humana o cabelo teve diversos tipos de papéis⁵. No caso de África, muitas vezes se inscrevia no cabelo informações como estado civil, identidade étnica, origem geográfica, idade, religião, posição social

⁵ Santos (2015) faz uma breve e boa revisão histórica sobre alguns exemplos.

(Gomes, N., 2003, p. 82). No processo de escravização e subsequente “coisificação do escravo” (Gomes, N., 2002, p. 42), muitas vezes se raspava a cabeça para que se apagasse a identidade e, como consequência, o escravizado fosse humilhado.

O cabelo também teve sua função na resistência negra. Carney (2004), por exemplo, argumenta que há relatos nas Américas provenientes de memórias coletivas, bem como de tradições de história oral, de que o grão de arroz foi trazido para América nos cabelos das mulheres negras, com o intuito de garantir a sobrevivência de seus descendentes (*op. cit.*, p. 1). A mesma pesquisadora afirma que, no nordeste sul-americano, o arroz é comemorado por descendentes de escravizados e de *marrons*⁶ como um legado africano (*op. cit.*). Já aqui no Brasil, há uma versão que uma mulher esconde os grãos na cabeça de sua criança e, assim, o arroz é trazido para nosso território (*op. cit.*).

Em relatos do Suriname, Cayenne, Amapá, Pará e do Maranhão, surgem narrativas de que o arroz fora trazido no cabelo devido a ações de mulheres negras (Carney, 2004). Além disso, também há relatos de mulheres negras fugindo das plantações com grãos escondidos nos cabelos para fazer a subsistência em quilombos. Carney e Rosomoff (2009) citam um relato de Richard Price, que toma nota do conto de Paánza, uma mulher negra no Suriname que foge da escravidão com grãos de arroz no cabelo e leva-os para um *marron*. Por sinal, para os descendentes da região, essa é a história de como se começou a utilização do arroz no local (*op. cit.*), e há documentos que indicam a existência efetiva de Paánza, conforme a história oral afirma. Além disso, também há narrativas colombianas de que os penteados nos cabelos representavam mapas de fuga para escravizados, os quais eram produzidos por mulheres nas cabeças das crianças (Alvarez, 2003, p. 119).

Observa-se, assim, as diversas formas que o cabelo pode aparecer na história negra, entendendo que o corpo é perpassado por diversos sistemas de classificação e significação, relacionando-se não somente com o domínio do estético.

⁶ Organizações de escravizadas/os fugidas/os e suas/seus descendentes, semelhante aos nossos quilombos.

1.2 Abordagem metodológica

A minha proximidade com o que estudo trouxe algumas questões de reflexão. Desde os reflexos emocionais do processo de pesquisa em mim a posicionamentos teóricos e metodológicos. Nesse sentido, uma grande influência foi a epistemologia feminista negra explicada por Patricia Hill Collins. Suas quatro dimensões são: “experiência vivida como critério de significado, uso do diálogo, a ética da responsabilidade pessoal e a ética do cuidar” (Collins, 2019, p. 426). A primeira trata de a reivindicação de conhecimento ser avaliada em termos de credibilidade pela experiência, enfatizando a importância da empatia e da troca de experiências como o melhor caminho para se compreender a ideia de alguém. Por sua vez, a segunda entende o diálogo como uma metodologia para criar a dimensão do coletivo na produção e na reivindicação de conhecimentos. Enquanto a terceira foca na responsabilidade da reivindicação de conhecimento que as pessoas devem ter, avaliando as ideias de alguém à luz de sua ética e comportamento, assim como sua credibilidade pessoal. Por fim, a quarta dimensão trata da importância da singularidade e da expressão individual, da presença da emoção nos diálogos e da capacidade de sentir empatia no processo da validação do conhecimento (*op. cit.*, p. 419).

Em suma, o desenvolvimento de reivindicações de conhecimento de forma responsável, empática e preocupada, assim como a avaliação dos resultados de tais reivindicações, ocorre por meio do diálogo e da coletividade, com consciência da própria vivência e experiência. Essa abordagem possibilita que grupos possam falar sobre a própria perspectiva e compartilhar conhecimentos sem que se perca a singularidade, fazendo do conhecimento algo parcial, local e inacabado.

Desse modo, a partir desse entendimento, realizei uma metodologia que consiste no levantamento bibliográfico da literatura sobre TC, perpassando cabelo crespo, cabelo cacheado, mulher negra e cabelo, bem como estética negra. Além disso, esse método também envolve a análise de conteúdo de dois grupos de *corpus* etnográficos. O primeiro é proveniente de conjuntos de entrevistas e conversas diversas, enquanto o segundo, de materiais visuais e audiovisuais.

1.2.1 Primeiro corpus etnográfico

Entrevistas roteirizadas

O primeiro conjunto de entrevistas ocorreu com mulheres negras que passaram pela TC. Foram realizadas a partir da elaboração de um roteiro aberto, objetivando a fluidez e a flexibilidade das trocas e os vai-e-vens comuns da conversa oral, assim como para que seja possível adaptar as perguntas e sua ordem conforme os relatos das minhas interlocutoras.

Para essa etapa, vale considerar que a entrevista semiestruturada se apresenta como valiosa devido à possibilidade de aprofundamento em determinados assuntos que se mostram relevantes de acordo com os relatos de cada indivíduo entrevistada. Também contribui para a elaboração de novas perguntas a partir das narrativas apresentadas, assim como possibilita, diferentemente do roteiro fechado, que opiniões sejam mais livremente expressadas (Gomes, L., 2017) e que ocorram um número maior de trocas.

O ponto de partida das entrevistas buscou levar em consideração a época e o motivo do início da TC das entrevistadas, considerando também como era o cuidado com o cabelo nos anos anteriores ao procedimento. A partir desse ponto, é possível abordar as relações familiares e na escola, quem eram os sujeitos à sua volta e como essas pessoas tratavam do cabelo. Em seguida, busquei aprofundar o processo da TC, tendo conhecimento de novos aspectos da vivência da entrevistada. Tentei entender, então, as motivações do início da transição, como foi esse processo, como foram obtidos os conhecimentos em relação a ela e se houve alterações na relação com o cabelo, com o corpo e com outros debates possíveis, como autoestima, beleza, idealizações estéticas, movimentos políticos e sociais, relações afetivas e identidade negra.

Diante disso, alguns pontos inicialmente se apresentarem como relevantes para o debate:

- Realização ou não do *Big Chop* (BC) (categoria usada para quando se corta a parte do cabelo que estava com química, e, normalmente, o cabelo fica bem curto ou completamente raspado) e a relação com cabelo estar ou não curto (podendo aparecer ideias sobre feminilidade

e também o impacto do olhar masculino, no caso de mulheres que se relacionam romanticamente/sexualmente com homens).

- Se há a presença das seguintes categorias e sentimentos: 'coragem', 'liberdade/aprisionamento' e 'lida/cuidado'. Em que contexto elas aparecem? Essas categorias se fazem interessantes por uma constância da narrativa do alisamento/relaxamento como uma prisão, e, por sua vez, a TC se apresenta como uma libertação. Leva-se em conta também a necessidade de se ter coragem para sair com o cabelo curto ou com o cabelo sem química. Lida/cuidado parece tratar de formas de relação com o cabelo.
- A presença ou não de mulheres em relação aos procedimentos estéticos e, somado a isso, como essa presença ocorre. Na maioria dos casos, as figuras femininas se fazem presente nos primeiros anos do cuidado do cabelo, como mães e avós; em muitos casos, também no início da TC, como amigas.
- Imaginários e idealizações sobre as formas de se apresentar em diferentes momentos da vida, abordando as diferentes formas que elas gostariam que o cabelo tivesse (possível ligação com imagens da mídia, da internet, de propagandas e vlogueiras).
- Preocupação com estar bonita ou atraente, e o papel do olhar ou do elogio da/o outra/o.
- Uso de tranças, apliques e de turbantes, assim como descolorações e colorações do cabelo e o que esses procedimentos significam para essas mulheres. Usos que podem envolver esconder o cabelo curto ou sem química, produzir novas estéticas ou tentar coisas novas no corpo.
- Relação entre as mudanças estéticas e uma inserção em movimentos políticos, debates sobre raça e ingresso na graduação.

Cumpré relatar que, a partir dos primeiros diálogos, entendi que havia questões que não se encontravam em meu roteiro. Assim, acrescentei às minhas investigações os seguintes pontos:

- A importância do papel das redes sociais na descoberta da TC, de produtos e de técnicas para cabelos crespos e cacheados.

- As redes sociais como lugar do qual se retiram referências de estéticas ou lugar do qual se deve criar afastamento ou usar com moderação e cuidado devido a possíveis problemáticas com essas referências.
- Imaginários que se criam sobre as possibilidades do cabelo antes ou no começo da TC e a realidade material do cabelo que possui.
- A ideia da ditadura do cacho e da definição, uma possível mudança de relação com volume, definição e *frizz*⁷ no começo da TC e depois da TC, colocando em jogo ideias de novos aprisionamentos e liberdades.
- Ideia do “cacho perfeito”.

A seleção destas entrevistadas se deu principalmente através da busca por *YouTube* de mulheres que passaram pela TC que conhecidos/as e amigos/as da pesquisadora tinham contato e que se sentissem à vontade para conversar sobre a vivência. Cabe pontuar que não desenvolvi nenhum critério para além desses listados. Nessa etapa, considerei a probabilidade de, nesse grupo, ter contato com mulheres graduadas ou graduandas, o que me pareceu interessante para pensar a relação das vivências no espaço da universidade e os temas apontados como de interesse por mim (identidade racial, estética, relação com o corpo).

Com algumas mulheres que inicialmente procurei, acabei por não conseguir realizar a entrevista. Parte pela falta de resposta delas e parte pela minha timidez e falta de insistência. Apesar disso, logo que produzi uma mensagem de procura e, na sequência, comecei a circular nos grupos com os quais poderia estabelecer contatos, a resposta foi grande e intensa. Para isso, produzi uma mensagem direta e curta, reproduzida, na íntegra, a seguir:

“Oi gente. Estou a procura de mulheres negras que estejam passando ou passaram pela transição capilar. Se alguém conhecer uma que esteja disposta a conversar comigo, podem me ajudar a contata-las? Pode ser passando meu cel ou o contrário. O que for melhor pra pessoa.”

Essa mensagem foi divulgada, no dia 30/05/2022, em grupos de *YouTube* que envolviam: a) oficina de formação sobre relações étnicas e raciais; b) grupo de estudos dos quais fazia parte na universidade; c) pessoas interessadas por

⁷ Quando o cabelo ou os cachos estão “arrepitados”, entende-se que se trata de um cabelo seco ou ressecado que se encontra mais frequentemente com frizz, e que piora em ambientes úmidos e/ou com muita estaticidade. Normalmente, aparece no discurso ou em imagens em contraposição à definição.

viagens e eventos culturais; d) participantes de cursos de línguas; e) grupo de convivências formado por pessoas de diversos cursos da universidade (nesse grupo, estava uma das mulheres que entrevistei na monografia, posteriormente elaborado aqui); f) colegas da escola. Para além desses grupos, também encaminhei a referida mensagem para minha mãe, considerando que, por ser professora, possui muitos contatos que provavelmente pudessem contribuir com as entrevistas.

Tal escolha mostrou ser um caminho de divulgação para um pouco além de minhas bolhas sociais, o que se comprovou verídico. Sem dúvida, foi uma possibilidade de acessar mulheres com maior idade e de outros estados. O que é válido também mencionar é que a maioria dos participantes desses grupos era composta por universitárias ou formadas, o que certamente introduz certo viés, mas de áreas muito distintas (Humanas, Letras, Biomédicas e Saúde, Geografia, Direito etc.).

No mesmo dia em que divulguei a mensagem, recebi o contato de onze pessoas interessadas e/ou dispostas a conversar. Nos dias seguintes, recebi mais dois contatos.

As dinâmicas de contato com essas mulheres foram duas, ou seja, ou eu as procurei ou elas me procuraram. E, como a mensagem foi circulando em grupos diferentes, ocorreu de algumas/uns conhecidos fornecerem meu número para que essas pessoas me procurassem. No mesmo dia em que divulguei a mensagem, fui diretamente procurada por três mulheres. No dia seguinte, mais duas entraram em contato, enquanto eu contatei outras oito e, ao longo do mês, mais duas.

Cabe dizer, no entanto, que não foi possível entrevistar todas elas, pois esses primeiros contatos envolveram quinze pessoas, e, nesse primeiro momento, pude entrevistar apenas nove delas. As cinco que não consegui entrevistar pararam de me responder logo no início de nossos contatos, e por estar com um número grande de pessoas para administrar datas e horários, acabei por não insistir.

O saldo desse primeiro movimento foi de dez entrevistas, com nove mulheres no mês de Junho de 2022, a sua maioria de forma virtual.

Posteriormente, acabei por refazer contato com uma das mulheres que perdi contato no início da busca, realizando, assim, mais uma entrevista no meio do ano de 2023. Em suma, das quinze mulheres com quem fiz contato inicial, consegui entrevistar dez, totalizando onze entrevistas.

Esses primeiros contatos foram marcados por minha apresentação. Nesse procedimento, constava a explicação de que, como mestranda, estava realizando uma pesquisa sobre mulheres que haviam passado pela transição, pois meu interesse era melhor entender suas relações com o cabelo. Note-se que, às vezes, elas mostravam curiosidade por esse fenômeno como tema de pesquisa, e, de minha parte, informava que, outrora, havia produzido minha monografia sobre a temática, e, diante do mestrado, meu interesse era um aprofundamento a respeito.

Muitas vezes, fui recebida com entusiasmo e interesse, tanto nas mensagens iniciais quanto na entrevista em si. Por sinal, uma das mulheres que me procurou diretamente disse: “Gostaria de falar sobre minha experiência na transição capilar. Então, desde já, me coloco a disposição” – Aila⁸.

Essa disposição inicial se manteve presente inúmeras vezes ao longo da pesquisa. Primeiro, na minha surpresa ao ser procurada, de modo tão rápido e numeroso, por mulheres com interesse por falar sobre a TC. Segundo, porque muitas mulheres informaram como era interessante e importante a pesquisa sobre o tema (uma delas, inclusive, chegou a pedir acesso à minha monografia). No final das entrevistas, eu sempre enfatizei que retornaria com o trabalho pronto para que elas validassem o que eu escrevi, e, muitas vezes, ouvi que elas tinham o interesse de, oportunamente, ler a pesquisa, bem como me incentivaram a terminar, haja vista que avaliaram como relevante a temática.

Também não foram poucas as vezes que ouvi ter sido muito bom conversar sobre o tema, pois as fazia lembrar coisas que não pensavam havia muito tempo, levantava questões sobre as quais até então não tinham refletido ou mesmo porque era “quase uma terapia”. E, em algumas oportunidades, as entrevistas se alongaram de forma inesperada, e quando elas se preocupavam com o desvio do

⁸ Os nomes de todas as pessoas presentes são verdadeiros até que se indique o contrário, de acordo com as permissões que me foram concedidas. A citação das falas dessas pessoas, tanto nas trocas por mensagens quanto por gravações também foram autorizadas.

assunto ou com o alongamento da fala, eu as assegurava que, para além da pesquisa, era pessoalmente muito bom estar ouvindo e falando sobre temas que também perpassavam a minha vida, até mesmo porque muitas das coisas que elas falavam aconteceram ou estavam acontecendo comigo.

Solicitei às entrevistadas que, caso se sentissem confortáveis, me enviassem fotos, apesar de então não ter decidido como lidar com esse material. Algumas acabavam por se esquecer, mas outras imediatamente me enviavam arquivos, inclusive para além do que eu pedira, sugerindo me enviar fotos de antes e depois da TC, para que eu visse a diferença, ou enviando fotos de eventos mencionados na entrevista. Dentre essas mulheres, pude entrevistar duas amigas que passaram pela TC juntas, e recebi fotos delas juntas em diferentes momentos do processo, inclusive em situações mencionadas na entrevista. Algumas vezes, também me foram sugeridos outros contatos, de primas e amigos que fizeram TC, ou que viveram experiências capilares em momentos simultâneos a elas, tendo prontidão em me colocar em contato com outras/os possíveis entrevistadas/os.

Os primeiros contatos que fiz levantaram a possibilidade do encontro virtual. Penso que, com o advento da pandemia de COVID-19 e o subsequente isolamento social, a possibilidade dos encontros e contatos desse tipo se materializou de forma diferente ao momento pré-pandêmico. Vale notar que o primeiro semestre de 2022, quando esses contatos se iniciaram e quando as primeiras entrevistas foram realizadas, se tratava de um momento de efetivação da retomada à vida presencial. Foi, não parece haver dúvidas, um semestre confuso, uma vez que não se sabia o que estava reaberto e o que se deveria reabrir, as regras para uso de máscaras eram confusas e, somado a tudo isso, os esquemas vacinais estavam começando a se solidificar. E, como muitas/os ficaram num contexto de isolamento social por dois anos, penso que tal movimento normalizou as conversas pelo meio virtual.

Uma das primeiras mulheres que contatei me sugeriu que fizéssemos uma chamada por telefone devido à sua dificuldade com os horários do trabalho. O que ocorreu foi que um número pequeno de pessoas já me propôs que fizéssemos uma videochamada ou uma chamada por áudio; para outras, eu sugeri as duas possibilidades e questioneei qual seria o melhor para elas. Em outros casos, as

próprias mulheres já me informaram de suas dificuldades devido aos horários de trabalho, e eu sugeri a possibilidade de ser virtual.

Como é possível observar, a possibilidade da entrevista por meio de encontro virtual se apresentou interessante. Isso porque, nessa fase algumas variáveis precisaram ser consideradas. Para encontros presenciais, algumas dificuldades precisaram ser consideradas, como horários de trabalho e de aulas de muitas das entrevistadas, nossas distâncias geográficas (em alguns casos, municípios diferentes ou até mesmo estados distintos, o que poderia criar uma dificuldade maior em termos de horários, mas também de deslocamento, financeiros e de segurança). Por sinal, um fator relevante é que, ao refletir sobre o caso de distâncias maiores entre os pares das entrevistas, penso que, provavelmente, em alguns anos antes dessa fase da pesquisa, não teria me ocorrido fazer entrevista com pessoas em outros estados, justamente devido à distância, mas isso se fez possível graças à normalização dos encontros virtuais.

Realizei, portanto, nesse primeiro momento, dez entrevistas das quais nove foram virtuais. É válido apontar que a única presencial foi, vale dizer, a menos proveitosa, devido aos barulhos do local em que ela foi realizada, bem como a constantes interrupções de pessoas que entravam na sala em que o procedimento fora realizado (local sugerido pela minha interlocutora).

Além disso, tive a impressão de estar constantemente à beira de questões mais sensíveis, as quais poderiam colocar tanto minha interlocutora quanto eu em situações desconfortáveis, o que seria particularmente desagradável por estarmos em um local público. Nossa conversa abordou temas de saúde mental que pareciam estar muito presentes para minha interlocutora, e que eu sabia estar para mim, e por isso hesitei em aprofundar certas perguntas por receio de me deparar com alguma situação difícil de lidar no geral, especialmente em local público.

No ano de 2023, mais alguns contatos, o que possibilitou realizar mais uma entrevista entre essas mulheres que busquei por *YouTube*. Também entrevistei uma mulher por indicação de meu orientador. Quase todas possuem curso superior completo ou estão na graduação, trabalham, têm inserção em debates políticos e raciais (de diferentes formas e intensidades), sendo algumas

provenientes de coletivos ou de grupos que pautam a questão racial de diversas formas, e outras tendo buscado esse debate devido à experiência na graduação ou da própria TC.

Em termos de distribuição geográfica, há variações, assim como em termos de idade e de área de atuação profissional. A maioria tem origem nas classes populares, e tem atuação e/ou formação em diferentes áreas: Saúde, Letras, Formação de Professores, Geografia ou outras. Quanto à faixa etária, essas mulheres variam entre 20 e 45 anos, mas a maioria tem entre 25 e 30, e se encontram sobretudo na região metropolitana do Rio de Janeiro e de Salvador. E, para uma melhor compreensão sobre esse público, segue uma breve apresentação de cada uma dessas pessoas, segundo a ordem das entrevistas.

Lis	De São Paulo, porém morava em Cuiabá na época que a entrevistei. Tinha 48 anos e trabalhava como diretora escolar. É formada em letras e estava prestes a terminar um mestrado em Psicologia.
Marianna	De Irajá, Rio de Janeiro. Tinha 26 anos no momento da entrevista. Trabalhava como Psicóloga, como também fazendo atendimentos de doula e de consultoria de amamentação.
Bruna	Tinha 26 e trabalhava na área da Saúde, tendo se formado em Fonoaudiologia. De uma comunidade de Vigário Geral, município do Rio de Janeiro. Fez a TC durante sua graduação na cidade de Nova Friburgo, município fluminense (“elitista e de maioria branca”), com sua amiga, Duda.
Andressa	De Belford Roxo, estado do Rio de Janeiro. Possuía 27 anos. É formada e trabalhava com Terapia Ocupacional. Vale dizer que, devido aos horários de seu trabalho, a entrevistei duas vezes, por meio de videochamadas de <i>YouTube</i> .
Luz	Luz é de Nilópolis, Rio de Janeiro, e tinha 24 anos quando a entrevistei. Era graduanda de Filosofia.

Duda	Formada em fonoaudióloga, em Nova Friburgo, RJ, onde estava durante sua TC. Possuía 28 anos e é de Caxias, outro município fluminense, onde mora hoje. Trabalha em uma clínica de reabilitação infantil no mesmo município. É amiga de Bruna, já mencionada, com quem fez a TC.
Thainá	Formada em Geografia. Professora. É de Campo Grande, no município do Rio de Janeiro. Possuía 25 anos na ocasião da entrevista.
Isadora	Possuía 27 anos. Era de um pequeno distrito da cidade de Magé, RJ. Formada em Fonoaudiologia, trabalhava em duas clínicas e numa Secretaria de Educação.
Bia	Jovem de 20 anos, do Rio de Janeiro. Graduanda de Letras. Trabalhava em central de atendimento hospitalar.
Aila	Com 28 anos, era do interior do estado da Bahia, onde se formou em Geografia. Na oportunidade, mestranda de Geografia na UFBA e com residência em Salvador, atuando como educadora.

As duas entrevistas não roteirizadas que eu fiz se tratavam, no meu entendimento inicial, de profissionais cabelereiras. Posteriormente, descobri que Rafaela já exercera a profissão. Em ambos os casos, não tinha um conjunto de questões tão bem formulado, buscava mais indagá-las sobre as clientes que atendiam e suas visões sobre a TC. No caso de Rafaela, quando entendi que na verdade ela tinha feito a TC, busquei tratar dos temas pontuados no roteiro aberto. Ambas as entrevistas ocorreram em Salvador, em meados de 2023, e foram presenciais. Essa entrevistada, cujo contato foi possibilitado por meu orientador, tinha 43 anos e trabalhava com extensão de cílios. É soteropolitana e estudou até o Ensino Médio. Em nossa conversa, estavam presentes seu filho Rafael, universitário por volta dos 20 anos, e posteriormente seu filho Gabriel, de 27.

Andressa N (assim diferenciá-la-ei da outra Andressa, usando a inicial de sua página profissional no *Instagram*), tinha 29 anos. Eu a conhecia, pois já realizara um corte de meus cabelos com ela, a partir de recomendações de

peças à minha volta, suas clientes. Nesse atendimento, conversamos muito, e lhe contei da minha pesquisa. Ela achou interessante e, posteriormente, aceitou conversar comigo. Ela é uma cabelereira que não passou pela TC e que trabalha com cabelos naturais.

Tomarei um pouco de tempo para fazer entender seu posicionamento profissional, pois não abordo muito de sua vida pessoal ao longo dessa dissertação. Andressa N foi uma “criança cacheada” de uma família “mestiça”, que não sabia pentear seu cabelo. Começou a aprender a pentear o próprio cabelo na prática, de forma “intuitiva” na adolescência. Em 2013, começou a aprender a cortar o próprio cabelo devido à falta de salões que cortassem cabelos cacheados adequadamente. Nesse processo de aprendizado, passou a se interessar pelas diversas texturas que cabelos naturais têm, e aplicou parte do conhecimento de sua formação inicial (arquitetura, trabalhando com cenografia) e, assim, entendeu que não tinha vontade de “trabalhar nesse lugar padrão” dos salões de beleza.

Começou a cortar também os cabelos dos amigos e das amigas e, aos poucos, decidiu seguir esse caminho. Posteriormente, buscou uma formação profissional mais formal, porém entendeu que esse caminho era “muito europeu”, “no sentido do cabelo liso mesmo”. Ela me afirma não ser “cabelereira de cabelo cacheado”, e não quer ser entendida como uma cabeleireira que só corta liso, cacheado ou cortes “diferentão”. Sua “parada é cabelo natural”, e o “grande tesão da parada” é as pessoas chegarem com o cabelo “como é” para ela fazer o “exercício de criatividade com aquela matéria-prima” e “pensar um processo de co-criação” “a partir daquele cabelo”. E, segundo afirma, se diverte com cada cabelo ser completamente diferente do outro e pelo fato de cada pessoa ser diferente da outra.

Não atende pessoas com os cabelos alisados ou relaxados, pois o “entendimento técnico” necessário para cortar esses cabelos envolve um acabamento e o uso de técnicas (como chapinha, escova) com as quais ela não gosta e não pretende trabalhar, pois não alinha à sua proposta. Ela atende pessoas em transição, e são atendimentos com “muita conversa”, por ser “uma grande descoberta”.

Também trago alguns apontamentos e reflexões a partir de minha pesquisa anterior, de tema semelhante. Esse resgate se apresenta como valioso devido à diferença de olhar e à densidade analítica que desenvolvi, bem como a diferenças entre o que havia observado e o agora. Foram entrevistas semiestruturadas, de encaminhamento parecido, com o primeiro conjunto, porém sem certos aprofundamentos, uma vez que algumas questões não se fizeram presentes, enquanto outras se mostraram relevantes.

As entrevistadas desse conjunto foram mulheres negras universitárias que, ao longo da vida na universidade, se tornaram minhas amigas e colegas de militância. Tive conhecimento de seus processos de transição pelo dia a dia, pois pude acompanhar certas etapas. Posteriormente, todas aceitaram serem entrevistadas no período de 2019-2020. E, como para as outras, reproduzirei aqui, de forma adaptada, como elas quiseram ser apresentadas naquela época.

Mariana	Estudante de literatura brasileira. Carioca. Moradora de favela. Fã de Harry Potter, pois, segundo ela, a série influenciou suas noções de relacionamento interpessoais
Rafaela T (diferenciá-la-ei da outra assim)	Estudante de Geografia. Membro do centro acadêmico, o que era muito importante para ela por saber que representa muitos outros estudantes. Também era bolsista de extensão em questão de gênero e sexualidade. Bissexual.
Iris	Cursava História. Tem orgulho de ser moradora da baixada, assim como de ser “periférica”, candomblecista e cotista.

Conversas e Vivências

Além de tais entrevistas, existem conversas menos premeditadas que surgiram em campo, com minhas cabelereiras, tanto no Rio de Janeiro quanto em Salvador, e com alguns amigos e amigas negras que passavam por processos capilares diversos. Também se fazem presentes conversas cotidianas entre amigas/os, com minha mãe, minhas primas, amigas/os de amigas/os e minhas vivências como mulher negra. Ademais, vale mencionar as trocas realizadas no grupo Linhagens dos Cabelos, grupo de estudos formado por mulheres que pesquisam temas relacionados ao cabelo.

1.2.2 Segundo corpus etnográfico

O segundo *corpus* etnográfico é composto pelas seguintes seleções de imagens: a) capturas de tela das conversas entre a pesquisadora e as entrevistadas; b) imagens fornecidas pelas entrevistadas de momentos da TC ou anteriores (às vezes relacionados com episódios relatados na entrevista); c) capturas de tela de notícias em canais de divulgação de informações ou redes sociais que se relacionem com o tema da pesquisa; d) materiais audiovisuais produzidos pela autora; e) materiais audiovisuais divulgados em redes sociais que se relacionem com o tema; f) filmes e documentários produzidos que se relacionem com o tema. No que tange às fontes desses, envolvem páginas e conteúdos de *influencers* ou de pessoas que produzem os mais diversos tipos de conteúdo sobre temáticas relacionadas nas redes sociais, especificamente no *Instagram*.

1.2.3 Apontamentos sobre internet e virtualidade

A presença do virtual nesta pesquisa ocorre em ambos *corpi* etnográficos, mas de formas diferentes. Isso porque entendo a internet a partir de Polivanov (2013), como meio e produto de práticas e interações sociais, e a comunicação por meio dela tratando do modo e do resultado dessas práticas. Similarmente, Cooley *et.al* (2008) entendem que o virtual é “tão real quanto qualquer outra produção cultural” (op. cit., p. 91, tradução minha), o que o situa como fazendo parte do trabalho de campo da antropóloga na medida que as pessoas estudadas por esta lhes dá significado.

Tanto Polivanov (2013) quanto de Cooley *et al.* (2008) apontam que é necessário reimaginar seu campo conforme o objeto ou fenômeno de estudo se modifica. E, se isso envolve a internet e o meio virtual, é necessário que avancemos nessa direção, sempre nos questionando sobre questões de dependência e responsabilidade que envolvem os caminhos da pesquisa.

Ao refletir sobre o papel da/o pesquisador/a no meio virtual, Polivanov (2013) aponta que há aqueles que entendem as posicionalidades como *lurker/insider* (ficar à espreita/ser de dentro) ou distante/envolvido. Os significados

são parecidos. Os primeiros termos dos pares são relacionados ao não envolvimento (até quanto possível) e à observação não participante, sem interação ou manifestações por parte da pessoa que pesquisa. Já o segundo termo está associado à inserção ou à ligação próxima com o objeto de estudo, sendo difícil o posicionamento apenas como observador (*op. cit.*, p. 64), ou a participação ativa. Diante dessas possibilidades, penso que estou situada no ponto médio de tais lugares, mas, considerando, não há dúvida disso, que cada *corpus* etnográfico possui suas características.

Quanto às entrevistas, devido a alguns aspectos (meu pertencimento de gênero e de raça, minha própria relação com meu cabelo cacheado, assim como a própria prática da entrevista semiestruturada), seria impossível uma não intervenção ou um não envolvimento. Isso porque existem investimentos de afeto da minha parte e da parte dessas mulheres nesses diálogos. E, também em termos de forma e de conteúdo, não seria possível ou interessante somente uma observação.

Os encontros virtuais trazem, entretanto, outras questões. Foi muito comum que essas entrevistas ocorressem quando as mulheres estavam em casa, espaço que eu talvez não acessasse de outras formas. A intimidade da casa – ou do quarto –, minha (pois eu também estava em meu quarto) e delas, pôde criar um tipo de diálogo que, em espaços públicos, poderiam ocorrer de outro modo. Também devem ser levados em conta as eventualidades da tecnologia, como problemas técnicos e falhas de conexão, assim como problemas que podem ocorrer presencialmente, como barulhos externos e interrupções. O diálogo pelo meio virtual, portanto, apresentou características diferentes daqueles que se procederam presencialmente.

No que tange aos materiais coletados de redes sociais, penso que o posicionamento entre *lurker-distante/insider-envolvido* é mais complexo. Permaneço tendo um investimento afetivo no tema para além do interesse de pesquisa, e muitas vezes me vejo rindo ou me emocionando com os conteúdos que achei interessante guardar. A maioria desse material se faz presente no *Instagram*, rede social na qual é possível curtir, salvar e/ou apenas assistir a algum conteúdo.

Posicionar-se como *lurker*-distante, entretanto, é um pouco mais complexo. Ou seja, por mais que eu não interaja com quem produziu, comentou, curtiu ou salvou o conteúdo, o fato de se curtir ou salvar deve ser entendido como uma interação. Esse tipo de interação afeta o produtor daquele conteúdo, que se beneficia com cada interação em sua postagem a partir do aumento de visualização devido à ação do algoritmo do aplicativo.

Além disso, caso não haja nenhuma interação desse tipo, nos mecanismos algorítmicos da rede existe uma conexão, pois para que esse conteúdo apareça para mim, o algoritmo mapeia minhas interações anteriores e meu perfil em cruzamento ao conteúdo ou perfil de quem produziu o conteúdo, ou até mesmo em cruzamento ao meu perfil e perfil de pessoas que interagiram com aquele conteúdo ou que já estavam presentes em minhas redes. Ou seja, o aplicativo pode sugerir postagens porque o conteúdo é semelhante aos conteúdos com quais eu já interagi, porque pessoas que eu sigo interagiram com ele, ou porque pessoas que interagiram com coisas que eu interagi também interagiram com ele.

Em suma, há muitos tipos de interação em jogo, mesmo que eu não me manifeste diretamente naquele conteúdo. Nesse sentido, o posicionamento de *lurker* ou a observação não participante também não se concretizam em completude, assim como uma manifestação direta com os conteúdos – posicionamento de envolvido – não precisa necessariamente ocorrer.

As interações pelo virtual e/ou em redes sociais têm, como as presenciais, suas próprias características a serem consideradas, mas fato é que a interação se faz presente de inúmeras formas. O que se faz, pois, importante é entender os elementos presentes no campo – virtual ou não. É relevante considerar que, atualmente, é muito difícil que uma pesquisa seja feita exclusivamente fora do meio virtual, tendo em vista que, para o seu desenvolvimento, é necessário o acesso a um bom número de bibliografias, realizam-se contato com interlocutores/as, identificam-se matérias de jornal e afins, em sua maioria, via internet.

Também existe o próprio contato com a orientação, com grupos de pesquisa e com o próprio programa no qual o/a pesquisador/a está matriculado.

Logo, sem a possibilidade da comunicação virtual, muitas trocas, procedimentos e encontros não são possíveis de acontecer.

Diante de tudo isso e considerando o quão recente o tema da transição capilar se apresenta na composição de um *corpus* de pesquisa, a internet foi essencial. Todas as referências aqui obtidas que, especificamente, tratam desse fenômeno, só foram acessíveis, neste estudo, com o auxílio dessa tecnologia. Por sinal, desconheço qualquer material físico sobre o tema.

Além disso, as redes sociais são relevantes para minhas interlocutoras, uma vez que o fenômeno em questão, ou seja, a possibilidade de realizar a TC foi descoberto por muitas delas por esses meios. Somado a isso, diversas pesquisas e conhecimentos sobre o fenômeno e outros temas que elas puderam realizar também ocorrem por meio desses recursos. Portanto, o meio virtual foi, ao longo desta pesquisa, meio de comunicação e de mediação, espaço para levantamento bibliográfico, lugar de acesso a diferentes conteúdos, isto é, o espaço de construção da pesquisa.

1.2.4 Apontamentos sobre formas de escrita

Entendendo que as entrevistas foram um encontro entre mim e minhas interlocutoras em um espaço-tempo próprio que não se repetirá, e que foram resultado dessa interação que envolveu minhas ações e reações em consonância com as delas, proponho uma forma narrativa para trazer esses diálogos. Trago trechos das minhas anotações e análises das entrevistas intercalados com falas das interlocutoras, que serão representadas pelo uso das aspas, tentando explicitar a construção coletiva do diálogo, assim como minhas interpretações. Faço uso constante da palavra “nós”, pois muitas das experiências trazidas por essas mulheres são, também, minhas, e esse caráter coletivo é de grande importância, explicitando uma “escrita etnográfica vivenciada e sentida de maneira conjunta” (Gomes, L., 2021, p. 9).

Além disso, também apresento reflexões ou memórias minhas que surgem a partir dessas conversas, ou de outras conversas com outras pessoas que me remetem aos temas tratados na dissertação. Os diálogos que não foram premeditadas e as memórias de colegas, familiares e as minhas próprias também

serão apresentadas nesse formato. Cumpre dizer que meu objetivo com essa escolha é evidenciar a presença das inúmeras vozes que construíram este texto e das muitas experiências semelhantes que serão apresentadas aqui, realçando a construção de uma “história coletiva” (Bueno, 2017, p. 31) da qual também faço parte.

Capítulo 2 – Lidando com o cabelo



Figura 1: Kabela. Yasmin Thainá, 2015.

Fonte: <https://www.YouTube.com/watch?v=LGNIn5v-3cE>

2.1 Vida antes da química

É necessário refletir sobre os entendimentos acerca do cabelo crespo e cacheado. Para isso, vale recorrer ao que Gomes, N. (2019) aponta, isto é, à existência do estereótipo do negro sujo e despenteado, que se associa à ideia de “boa aparência” (op. cit. p. 154-155). Essa ideia liga a sujeira à imoralidade, relegadas à população negra. De outro modo, o branco, ao se constituir como modelo de identidade, vira a “única possibilidade de ‘torna-se gente’” (Souza, 2021, p. 46), tornando-se a referência do sujeito negro ao ser definido e autodefinido (op. cit., p. 56). É possível pensar, então, que esse modelo de referência transcende o sujeito branco em si, e o branco se torna “o belo, o bom, o justo e o verdadeiro” (op. cit., p. 28).

Compreender melhor essa construção de imagem a partir do cabelo nos remete ao que Araújo *et al.* (2014) apresentam. Esses autores/as compilam os termos associados ao cabelo de pessoas negras que surgiram em sua pesquisa, exemplificando o entendimento social sobre o cabelo negro. Assim, das

49 (quarenta e nove) denominações diferentes para cabelo crespo, 21 (vinte e uma) fazem referência à *falta de limpeza, higiene, falta de zelo ou descuido*. Das mesmas 49 (quarenta e nove), 07 (sete) fazem referência a *animais como macaco, rato, cupim, leão, chegando a alusões escatológicas como bosta de pássaro*. De todas, 05 (cinco) fazem referência a *materiais como esponjas de aço, ferro, alumínio e arame, numa alusão clara que justifica o “cabelo duro”*. Apenas 06 (seis) não são pejorativas, como *anelado, crespo, ondulado, cacheado, afro e black power*. *Bombril* está presente em quase 90% (noventa por cento) das participações, aparecendo 114 (cento e quatorze) vezes. *Cabelo Duro* foi a segunda colocada, aparecendo 87 (oitenta e sete) vezes. Em terceiro lugar, ficou *Cabelo de Nego*, com 67 (sessenta e sete) citações (Araújo *et al.*, 2014, p. 8-9, grifos meus).

Além do cabelo crespo/cacheado ser associado à sujeira, também o é ao cabelo ruim e feio. A ideia específica de beleza associada ao corpo branco, em paralelo às representações negativas do corpo negro cria um imaginário específico sobre cada segmento. No caso da mulher negra, ao passo que nossos corpos eram associados à promiscuidade, nós também éramos entendidas como “destituída de qualquer afeto e beleza” (Gomes, L., 2017, p. 44).

No Brasil, o cabelo entendido como bom é associado à leveza, ao movimento e à praticidade, ou seja, à imagem do cabelo liso. Sobre isso, Bouzón

(2008), em sua pesquisa em salões de beleza, organizou o seguinte esquema das percepções que observou:

Ruim = negro = crespo = duro
Bom = branco = liso = macio
(Bouzón, 2008, p. 16)

Uma prática recorrente entre famílias negras é o uso de trancinhas e penteados semelhantes nas meninas da família, sendo uma das primeiras formas de cuidado aplicadas nos cabelos destas meninas. A maioria das interlocutoras viveram estas práticas, e muitas tem boas lembranças desta forma de cuidar do cabelo, diferente do que ocasionalmente se ouve de pessoas negras. Segundo Clemente (2010), há aquelas que associam essas práticas aos puxões e amarrações apertadas, demandando muito tempo para realizar os penteados e, muitas vezes, ficando com a cabeça doendo, a fim de se obter um resultado que nem sempre se entende como bonito.

Dentre minhas entrevistadas, ao mesmo tempo que existem as memórias de gostar destes penteados, as lembranças negativas são associadas ao estranhamento de outras pessoas frente a estes penteados. Enquanto Thainá “adorava” os “altos penteados” que sua mãe, “gênia dos cabelos”, fazia, Marianna “gostava muito” das trancinhas e tererês feitas por sua avó, Lis e Luz se sentiam “alvo das atenções” na escola, ou seja, enquanto a primeira se sentia “a esquisita” e ocasionalmente voltava da escola chorando, a segunda era “A menina negra de trança” na sua turma, chamando atenção o fato de ser destacada das outras crianças. Lembrar desses penteados, pode-se pensar, é dialogar com uma memória familiar, considerando que frequentemente, como menciona Clemente (2010), eram realizados por alguma mulher da família, como tias e irmãs, ou, como nos casos aqui citados, por mães e avós.

Gomes, N. (2019) aponta que essas práticas podem ser explicadas pela tentativa de desvencilhamento do estereótipo do negro sujo e despenteado (*op. cit.* p. 202). Por sua vez, Clemente (2010) aponta a possibilidade de serem motivadas pela tentativa de manutenção de uma conexão identitária negra. Diante dessas observações, a ocorrência que posso afirmar se relaciona com a última motivação seria a praticada pela avó de Lis, pois quando a menina reclamava das

trancinhas a avó insistia em fazê-las, dizendo que era “importante” usar aquele tipo de penteado.

É possível afirmar, portanto, que essa técnica é associada à população negra, pois é uma prática que não era realizada nos cabelos das meninas brancas das famílias das minhas interlocutoras e existia a percepção racial de terceiros tal qual como nas declarações de Lis.

Lis me contou que era a única menina negra que usava o cabelo assim na escola. Uma colega que tinha a pele mais escura que a dela lhe dizia: “Eu sou mais preta que você, e não uso cabelo assim”. A colega disse ainda que se ela ficasse fazendo as tranças, ficaria “mais preta” do que era. Ela se lembra que as pessoas “puxavam as tranças para ver se era de verdade, desfaziam as tranças, falavam que era um ‘troço esquisito’”.

A partir da fala de Lis, me recordei de acontecidos da minha infância: “Num cursinho de artes que eu frequentava, nós lemos e interpretamos, em peça, um livro intitulado Menina Bonita do Laço de Fita, e eu fiquei extasiada por fazer o papel da menina principal, e fiz minha mãe trançar meu cabelo inteiro conforme a personagem (fig. 2). Gostei tanto que no meu aniversário seguinte, de cinco anos, pedi o mesmo penteado a ela. Tenho a memória de toda a minha roupa e cabelo desse aniversário – eu amei o penteado. Não usei ele de novo, dava muito trabalho fazer, mas vez ou outra pedia para minha mãe prender a parte da frente do meu cabelo com trancinhas, piraínhas de borboleta ou elásticos coloridos. É um penteado que até hoje gostaria de pedir a ela. Na mesma época, me recordo de uma menina negra retinta e de origem popular que era bolsista da minha turma do antigo CA, atual 1º ano do ensino fundamental, na qual havia algo como 3 ou 4 crianças negras. Ela sempre ia para escola com trancinhas e cotoquinhos com xuxinhas coloridas no cabelo. Mais de uma vez me lembro de coleguinhas perguntando se doía, impressionados com como parecia ser apertado, não haver nenhum fio fora de uma amarração e de que podíamos ver o couro cabeludo dela. Raiane muitas vezes foi o alvo das atenções na minha turma⁹.”

⁹ A memória desse evento me veio em terapia, ao refletir sobre a relação entre a pesquisa, o meu corpo e as minhas emoções. Fiquei emocionada quando vi as fotos de novo e lembrei desse aniversário. O processo desta pesquisa me remeteu a muitas memórias.



Figura 2: Eu na apresentação da peça e a capa do livro Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado.

Fontes: (a) averco pessoal

(b) <https://professoraantenada.com.br/educacao-infantil/815/menina-bonita-do-laco-de-fita-e-as-cores/>

Como é possível observar, há uma relevante importância do penteado no processo de identificação racial, denotando que, dependendo da forma como se manipula o cabelo, é possível, de acordo com certas percepções, ficar “mais” ou “menos” preta. Diante dessa constatação, é importante compreender como essa relação se desenvolve ao longo da vida dessas mulheres, podendo ser um motivador para evitar ou buscar algum penteado. Assim, durante a pesquisa pude identificar uma recorrência aos cabelos estarem sempre presos de alguma forma, parcialmente ou totalmente. Cabe notar, por exemplo, que poucas vezes foi mencionada o uso do cabelo sem química solto nessa fase da vida.

Marianna lembrou em nossa conversa que as meninas brancas podiam ir de cabelo solto para escola. Ela, cabe pontuar, tinha que “pelo menos usar um faixa”.

Entender todas essas relações nos remete à importância de proceder a uma observação dos contextos raciais das famílias das interlocutoras em minhas entrevistas. Bia, Bruna e Marianna nasceram e cresceram em famílias nucleares brancas. A primeira delas conviveu mais com a família da mãe, e, portanto, esteve presente entre sua mãe, sua avó e suas primas brancas e de cabelos lisos. Marianna viveu no mesmo contexto, ou seja, foi criada pela mãe branca, que

alisava o cabelo, tendo com ela e sua família maior convívio. No caso de Bruna, sua mãe foi adotada por uma família branca, de modo que somente ela e a mãe são negras e de cabelos crespos; sua mãe, vale mencionar, “sempre alisou” o cabelo.

Andressa aponta que não saberia dizer a raça de seus pais, pois o pai é nordestino, “de pele escurecida” e de família negra. Sobre a mãe, afirma que “não conseguiria te dizer a cor dela”, mas tem o cabelo cacheado que usou de várias formas ao longo da vida. De forma semelhante, Luz diz que a mãe se entende como negra de pele clara, mas que ela não sabe como “lê” a mãe. E, dentre as interlocutoras que têm família negra, as mães alisavam ou relaxavam os cabelos ou, no caso de Isadora, a mãe tem o cabelo de cachos bem abertos.

Nesse contexto, a vivência com o próprio cabelo crespo/cacheado é perpassada por variados tipos de representações negativas do corpo negro. Representações essas, alerta Gomes, N. (2002), que a escola reforça e reproduz. Este espaço se destaca na formação da identidade por ser muitas vezes o primeiro lugar onde se constrói noções de “nós” e de “outros”, desenvolvendo, assim, uma relação entre identidade e alteridade. Nesse espaço, há muitos relatos de experiências de ridicularização e de humilhação de pessoas negras, recorrentemente ligadas ao cabelo, demonstrando sua relevância na construção dessas percepções acerca do cabelo crespo/cacheado.

Bia, Bruna e Marianna passaram por escolas de maioria branca, onde, cada uma era a única ou uma das únicas pessoas negras de sua turma, todas trazendo a percepção de um estranhamento quanto às diferenças raciais e estéticas que elas observavam ou eram apontadas a elas. Outras duas, Isadora e Luz, tiveram diferentes experiências nesse quesito, ou seja, a primeira frequentou, nos primeiros anos, escolas de maioria negra e, depois, de maioria branca, diferente de Luz, que esteve em “escolas brancas” e, após, em uma escola na qual havia muitas pessoas negras.

Para Isadora, a passagem é “um marco”, também por se tratar da saída de um distrito menor para um maior, denotando uma mudança de ambiente com várias camadas (racial, de classe, de ocupação do território), sentida por ela como não aceitação por parte dos/das colegas da escola de maioria branca. Já

Andressa e Liz frequentaram escolas mistas. Por sua vez, Aila e Duda estiveram em instituições de ensino de maioria negra, nas quais o comum era o alisamento do cabelo, especialmente entre as meninas cujos cachos eram mais fechados, informaram.

É possível concluir, portanto, que, em todos os casos, a vivência cotidiana era não ter pessoas de cabelos crespos e cacheados à sua volta. No caso daquelas inseridas em contextos negros, o alisamento ou o relaxamento se faziam presentes tanto entre os familiares quanto entre as colegas de turma. No caso daquelas inseridas em contextos brancos, seu entorno era cercado de pessoas de cabelos lisos ou ondulados, ou alisados ou relaxados.

Essas realidades, somadas à presença massiva de pessoas brancas na mídia, especialmente à época da infância das interlocutoras, nos permitem afirmar que essas crianças cresceram sem ver muitos cabelos crespos e cacheados existindo à sua volta. Por conseguinte, nesse contexto, a opção pelo relaxamento ou pelo alisamento parece ter algumas inspirações: a) aumento de praticidade no cuidado; b) realizações estéticas (como ter cabelo grande e poder usá-lo solto); c) querer se parecer ou ter as mesmas possibilidades de pessoas ao seu redor (adequar-se aos padrões para evitar sofrimentos).

2.2 Começo da química

Bruna, Bia, Isadora, Marianna e Thainá começaram o relaxamento na infância. Em todos esses casos, a motivação se relacionava à facilidade e à praticidade de se cuidar do cabelo com química. Bruna me disse que começou a usar o netinho¹⁰ com 6 ou 7 anos. Por ser filha de mãe adotada por família branca, ela entende que o motivo foi pela “construção social e racial a respeito do nosso cabelo” e por apresentar uma “facilidade de se ter um cabelo liso, aceitação e tudo mais”, e não por falta de tempo para cuidar.

Por sua vez, Bia sabe começou o relaxamento a partir dos 3 anos, pois a mãe branca, do cabelo liso, “não sabia pentear” o cabelo dela.

¹⁰ Produto para relaxamento infantil muito usado na geração destas interlocutoras.

Já Duda começou a guanidina¹¹ com 6 ou 7 anos. A mãe, que sempre alisou o cabelo, não sabia pentear o cabelo dela, e ela entende que a motivação foi “ficar mais fácil na rotina”. Então, o relaxamento era feito devido ao seu cabelo crespo ser “mais trabalhoso”. Marianna começou com 7 anos e lembra que “dava realmente muito trabalho, porque ninguém sabia como cuidar e não tinha creme o suficiente pra fazer ele ficar, né, bonito”. Ela me contou como molhava e penteava o cabelo todos os dias e era “um super trabalho”. Entende que o principal fator foi o tempo para cuidar, que diminuía conforme ela crescia.

Thainá, com 10 anos, já fazia relaxamento. Uma prima havia começado a fazer, e a tia indicou para sua mãe porque “o cabelo fica mais solto, o cacho não fica tão cheio. Fica mais fácil de pentear”, e a mãe, que fazia escova progressiva, sugeriu para ela. Quanto à Aila e à Luz, já usavam na infância o alisamento. Trazem no discurso, quando das entrevistas, o desejo que tinham quanto ao cabelo solto e grande. Enquanto a segunda fazia o relaxamento e a escova, a outra realizava constantemente a escova.

Aila diz que não lembra como começou, mas baseada em fotos entende que foi por volta dos 8 anos. A mãe e a avó dizem que foi porque ela pediu para parar com os penteados porque queria usar o cabelo solto e que ele fosse grande e balançasse. Hoje, pensa que a mãe e a avó acharam no alisamento a forma de acatar seu desejo. Além disso, na mesma época ambas as mulheres entraram para a igreja evangélica e mudaram a forma de lidar com o próprio cabelo – a mãe passou, inclusive, a usar apliques de cabelo liso. Naquele momento, pensou: “começou o inferno na minha vida”. Isso porque ambas passaram a alisar o cabelo de Aila, que, de acordo com o entendimento da família, devido à sua estrutura volumosa, aguentaria os produtos químicos.

Luz começou a relaxar com 5 anos, e pouco depois passou a fazer a escova junto. Ela era “cercada” de pessoas brancas e de cabelos “lisos, escorridos, e compridos e longos”. Então, com veemência me disse: “Sempre foi o que eu queria”.

As ideias do cabelo liso como mais fácil de cuidar, e, por consequência, do cabelo crespo e cacheado como mais trabalhoso, colocam em evidência até que ponto o cuidado com o cabelo era entendido como uma questão por essas famílias,

¹¹ Produto muito usado para relaxamento capilar.

que, na verdade, buscavam a resolução de um problema. Aliás, nesse contexto, o “cuidar” ou “lidar” com o cabelo pode ter uma conotação negativa – como algo trabalhoso e que demanda tempo.

“Lidar”, argumenta Gomes, N. (2019), no contexto de uma sociedade de sistema capitalista, é associado à obrigação e à exploração. Nesse sentido, analisada a partir do histórico de escravização colonial do nosso país, a palavra ganha conotação de algo que somos forçados a fazer. O cabelo, portanto, *deve* ser cuidado, e esse cuidado é algo que precisa ser fácil, prático e que demande pouco tempo, assim como os procedimentos para tal devem ser acessíveis àquela que cuida – cenário que não é apresentado pelo cabelo crespo ou cacheado.

A mãe de Bia, por exemplo, buscou transformar o cabelo da filha em algo que ela *soubesse* cuidar. Dessa forma, Gomes, L. (2017) entende que alisar se torna uma forma de “arrumar, cuidar, evitar ofensas na escola ou na rua, facilitar a vida da mãe em casa e a possibilidade de usar o cabelo solto.” (*op. cit.*, p. 71). Logo, estar com o cabelo desarrumado se apresenta como uma vulnerabilidade ou humilhação.

Bruna recordou-se de uma festa da escola na qual as crianças estavam vestidas de anjo. Ela me relatou como a avó desfiou todo seu cabelo, que ficou “tipo nuvem”. Tem a memória de todos na escola ficarem olhando para ela. Mesmo pequena, lembra de ter “noção dos olhares”; e a mãe, ao chegar à escola e ver como estava seu cabelo, brigou com a avó por ter deixado o cabelo dela “super despenteado”.

Ouvindo o relato de Bruna, me recordei de uma história de minha mãe de quando eu era criança. Havia uma festa de algum colega meu, e meu pai havia me arrumado e me deixado na festa com ela. Ela, preocupada com a falta de preocupação do meu pai, levou apetrechos para que pudesse me arrumar adequadamente para estar entre os meus coleguinhas. E quando ela me viu, realmente julgou necessário me levar ao banheiro, passar creme e um pouco de água, ajeitar o meu cabelo. Tendo me contado essa história há poucos anos, entendi que o receio dela era que eu fosse maltratada por alguém por estar desarrumada. Talvez minha mãe e a mãe de Bruna tivesse preocupações semelhantes.

Como é possível notar, uma preocupação que surge nesse contexto é a da “boa aparência”, associada à limpeza e ao estar arrumado – ou, como diz Lis, “alinhado” – em contraposição ao estereótipo racista de associar o negro à sujeira e à bagunça. Essa associação denota também uma limpeza moral. E, recorrendo ao que assinala Gomes, N. (2019), é notório que o racismo, como racionalização ideológica, constrói e defende uma distância cultural e biológica entre negros e brancos, cristalizando símbolos que legitimam tal distância. Ressalte-se que os sentidos negativos atribuídos aos símbolos eleitos pelo racismo podem ser incorporados pelas “próprias vítimas, que passam a acreditar na existência de algo de natural nesse distanciamento” (*op. cit.*, p. 140), de forma que a população negra desenvolveu estratégias para se aproximar dos elementos tidos como positivos. Por fim, uma constatação: na manipulação do cabelo, essas estratégias se materializaram tanto no alisamento quanto no relaxamento.

Braga (2020) aponta que, no contexto do começo do século XX, a população negra fazia um esforço para transformar a associação da imagem do negro a uma inferioridade inerente, somada a uma tentativa de inserção dessa população no mercado de trabalho, no sistema educacional e na vida política institucionalizada. Parte desse esforço envolvia a afirmação à “moral” e aos “bons costumes”, criando uma imagem “limpa e positiva, de honorabilidade e polidez, para contrapor à imagem do negro como selvagem” (*op. cit.*, p. 93).

Essa autora entende que alguns dos símbolos dessa contraimagem foram os concursos de beleza, nos quais se construía uma “beleza moldada pelos ditames da moral e dos bons costumes, em contraposição a uma beleza objeto, ligada a fetiches sexuais” (*op. cit.*, p. 94). Nesse momento de associação entre beleza e moral no corpo negro, a pesquisadora identifica o nascimento do “gosto pelo cabelo cacheado primeiramente fruto da miscigenação, e, posteriormente, pelas práticas de alisamento, numa corrida em busca por status social” (*op. cit.*, p. 103).

Não há dúvida da existência de um ideal de beleza eugênica, complementa Braga (2020). Esse arquétipo, perpassado pelas relações raciais de poder, afirma a necessidade de ceder a um padrão de beleza, elegância e modernidade no qual o cabelo crespo precisava se tornar “apresentável”. Assim, nessa tentativa de aceitação social intermediado pela estética, “cabelo e tom de pele seriam sempre

atributos a serem observados e hierarquizados numa gradação onde o objetivo final seria o padrão branco” (*op. cit.*, p. 106).

Essa percepção do cabelo liso como mais fácil de cuidar faz parte do conjunto de percepções positivas desse tipo de cabelo, construído em oposição às percepções negativas sobre o cabelo crespo/cacheado. O liso é entendido como prático, bonito, que balança, que pode estar solto, que fica grande, ou seja, um cabelo *bom*.

Essas observações me levam a declarações de duas interlocutoras. Thainá me afirmou: “Antes eu tinha a percepção que eu precisava melhorar o meu cabelo de alguma forma”. Por sua vez, Lis lembrou que sua família dizia que seu cabelo era “bom” e, por isso, era “bom casar com branco”, como seu pai, pois “o cabelo sai bom. Não sai tão duro”. Também recordou de uma vez a tia a levou para fazer uma escova de rena que deixava o cabelo “mais preto, mais brilhante e mais comprido”. Lembra-se também que, na fila da cantina da escola, queriam tocar no cabelo dela, e algumas meninas brancas dizendo “Gente, absurdo! Cabelo dela é melhor que o meu”, e uma outra colega perguntou se tinha passado ferro de passar roupa para ficar daquele jeito.

Como é possível observar, o cabelo crespo/cacheado aparece aqui como algo que deve ser melhorado, que, quanto mais distante do crespo e mais perto do liso, “melhor” será. Também aparece como algo que não pode ser “bom”, sendo um “absurdo” que ele ocupe tal lugar.

Então, lidar com o cabelo envolve uma tentativa de aproximá-lo de uma estética socialmente aceitável, facilitando o trato da responsável pela manipulação do cabelo e das pessoas que veem e reagem a esse cabelo, aumentando, desse modo, as possibilidades de ser respeitado e ouvido (Gomes, N., 2019, p. 154). Percebe-se também como a relação pessoa negra–cabelo é profundamente perpassada pelas dinâmicas raciais provenientes da colonização, o que nos remete a hooks (2005), ao afirmar sobre

até que ponto as mulheres pretas percebem nossos cabelos como inimigos, como um problema que devemos resolver, um território que devemos conquistar. Acima de tudo, é uma parte do nosso corpo feminino preto que deve ser controlado (hooks, 2005, p. 7, tradução minha).

Aqui, no Brasil, contexto das relações raciais, portanto, se constrói uma ideia de que o cabelo crespo e cacheado são problemas a serem resolvidos, pois são trabalhosos e esteticamente desagradáveis, aproximando o corpo da selvageria, da desordem, da sujeira e da imoralidade. Em face desses agravantes, o alisamento e o relaxamento surgem como possibilidades de fugir desses imaginários e de aproximações para algumas dessas mulheres.

Na adolescência, muitas migraram do relaxamento para o alisante. Bruna foi a única que durante adolescência usou o relaxamento, e Andressa a que durante a infância não fazia uso de nenhuma química, começando o alisamento somente na adolescência. Bia, Bruna, Isadora, Marianna e Thainá, que usavam relaxamento na infância, decidem-se por partir para o alisamento. Vejamos, a seguir, os entendimentos acerca do uso dessa técnica nesse momento da vida.

Bruna começou a alisar com 13 ou 14 anos. Lembra que queria fazer o mesmo que as meninas na educação física, que tomavam banho e lavavam o cabelo depois da aula. Entendia que seu cabelo não secaria e não iria “ficar para baixo” como das outras meninas. A solução encontrada na época foi fazer o uso da escova, pois ela “só queria poder fazer as coisas que as outras pessoas faziam”.

Na adolescência, Bia colocou “na cabeça que meu sonho era ter cabelo liso”, e começou a fazer o alisamento, mas teve corte químico e voltou para o relaxamento. Porém, o cabelo ficou com “texturas estranhas” e se decidiu pela progressiva, que fez por muito tempo. A mãe tinha receio de deixá-la fazer a progressiva, pois não queria que a filha ficasse “refém de uma química forte”, mas a avó dizia à Bia que ficaria com o cabelo igual ao da prima, que era “liso escorrido”, o sonho que Bia queria realizar. E, assim, convenceram a mãe. Além da progressiva, usava chapinha.

O cabelo de Andressa começou a cachear na pré-adolescência, mas ela não se achava bonita com ele. Com 13 anos, começou a usar a chapinha, e, com 15, começou a usar produtos químicos para diminuir o volume seguidos da chapinha. Pensa que a motivação veio de “coisas midiáticas”, pois pensava na época que o cabelo tinha que ser liso e grande. O alisamento era a forma de alcançar o lugar de “estar bonita” que ela buscava. O cabelo cacheado era desarrumado e deselegante na sua visão. Um fator relevante era a rejeição da mãe pela cidade na qual habitavam, Belford Roxo, e as pessoas nela, de maioria

negras. Ela cobrava de Andressa uma postura e uma aparência que a diferenciava dos moradores, o que envolvia: “ser elegante, ter classe, ponderar suas relações sociais e ter o cabelo impecável”. O cabelo cacheado era uma aproximação das pessoas da cidade, devendo, então, ser evitado.

Isadora começou a progressiva de 11 para 12 anos, na mesma época em que trocou de uma escola menor e mais negra, de seu distrito, para uma escola maior, em um distrito maior e com mais pessoas brancas. Ela não se sentia aceita nessa nova escola, na qual as pessoas tinham uma estética diferente da sua. Ela não queria se “destacar” e “dar mais um motivo pras pessoas falarem de mim”. As pessoas da sua família lhe diziam que era mais prático e ficaria mais arrumado.

Por sua vez, Thainá começou a alisar de 13 para 14 anos porque “era o que era visto como bonito”, explicou. Depois, continuou sua fala, buscando se fazer mais compreendida: “Eu fiz por isso. Por pressão estética mesmo”. Ela que decidiu fazer e, no início, não gostou porque o tipo de progressiva que usava no começo “não era tão forte, então não alisava tanto o cabelo, dava um aspecto meio áspero”, e com o passar do tempo passou a fazer com produtos mais agressivos e com mais frequência, que alisavam mais, “agora ele tá ficando do jeito que eu gosto”. Na época que fez, a maioria das meninas com quem tinha contato ou alisavam ou tinham o cabelo liso. Quem tinha o cabelo natural usava preso, que era antes o caso dela porque “ficava muito cheio. Eu achava feio”, e, depois que começou a alisar, usava o cabelo solto “o tempo todo”.

Se no começo do relaxamento na infância apenas Aila e Luz expressavam desejo pelo procedimento, na adolescência a vontade de cada menina é uma constante. Todas elas buscaram o alisamento com alguma motivação, já sendo as responsáveis pelos cuidados com o próprio cabelo. Vemos que o que se buscava alcançar era o cabelo bonito e arrumado, que implica um cabelo liso, grande e sem volume. Esse cabelo seria o que poderia ser usado solto, seria mais prático no dia a dia, mais aceito e não chamaria tanta atenção.

Nossas decisões estéticas, aponta hooks (2019c, p. 29), são influenciadas pelo que aprendemos ser “desejável e bonito” por meio das mídias de massa, que continuam trazendo representações estereotipadas internalizadas por nós como “auto-ódio”. Então, as “coisas midiáticas” as quais Andressa se refere são justamente essas imagens que crescemos vendo na TV, em revistas etc., e que

nos fazem construir uma ideia de humanidade cujo referencial é o corpo branco. Afinal, como Souza (2021) analisa, o branco e a brancura se constituem como sabedoria, beleza, moral, verdade; “em uma palavra, a ‘humanidade’” (*op. cit.*, p. 29), o modelo de identificação por intermédio do qual tentamos nos “tornar gente” (*op. cit.*, p. 46).

Muitas dessas mulheres se sabiam negras ou se sabiam “morenas”/“mulatas”. Saber-se negro não é se afirmar e aceitar, ou mesmo gostar e desfrutar do corpo (Gomes, N., 2019), mas envolve ter essa percepção frente à convivência com o padrão estético ideal branco. Se o branco é a Humanidade, o não branco fica relegado às formas de sub-humanidade. O que se observa, então, é a busca do máximo de proximidade a esse lugar, mas sempre sabendo que o cabelo sempre vai ser crespo/cacheado e às “remeterá a raça negra” (*op. cit.*, p. 141). Refletindo sobre as estratégias usadas pela população negra para alcançar reconhecimento racial e de humanidade, a autora afirma que, em sua pesquisa, observou não se tratar de uma ‘negação’ da raça, mas sim um movimento dialético de aceitação e rejeição: afirmar-se negro e rejeitar algum elemento de tal pertencimento.

Diante disso, o não reconhecimento da nossa existência pode ser entendido como o processo de negação, ou seja, a recusa de admitir a existência, processo com danos subjetivos severos. Exemplos desse caso é, por exemplo, uma interlocutora de Gomes, N. (2019), que é hospitalizada por não aguentar conviver com o próprio cabelo crespo, ou a personagem Pecola, do romance *O Olho Mais Azul*, de Toni Morrison.

O que vemos acontecer com mais frequência, entretanto, não é a negação, e sim a rejeição, que pressupõe um reconhecimento. Ou seja, ao privar sujeitos/as negros/as do lugar da beleza, a sociedade os reconhece em sua existência. O efeito que isso causa, para Gomes, N. (2019), na população negra, é de rejeição/aceitação, pois aceita-se em parte o “conteúdo da proposição racista” e rejeita-se elementos que nos identificam como negras/os: pele e cabelo.

Muitas motivações diferentes podem levar pessoas a relaxarem ou alisarem o próprio cabelo, mas as que observamos aqui podem ser interpretadas como uma tentativa de ocupar espaços que o cabelo crespo/cacheado não

permitiria. Ou seja, rejeitar o elemento “cabelo”, alterando-o para buscar ocupar espaços negados às pessoas negras.

Isadora entende que alisou o cabelo “mais pra ser aceita mesmo”, pois tinha ido para uma escola maior, em um distrito maior, e havia muitas pessoas brancas nessa escola”. E, continua explicando: “Lá, as meninas bonitas eram o padrão de branca, magra, do cabelo liso e grande. Se tivesse olhos claros então, você era jogada lá pra cima”. Então, quando ela entrou nessa escola e não foi “muito aceita”, pensou que alisar seria uma forma de tentar se “sentir mais bonita”, tentar “sentir mais aceita mesmo”. Ironicamente, ela me fala: “*spoiler*: não deu certo.”

Nas falas destacadas, é possível observar a vontade de ser igual aos pares de cabelo liso e poder realizar as mesmas coisas que elas, a vontade de ser bonita. Também se nota que essa beleza está necessariamente associada ao liso e, ao ter sua diferença estética/corpórea enfatizada, a vontade de não se destacar.

Sendo assim, o caso da mãe de Andressa se apresenta como interessante por sintetizar o que venho argumentando aqui. Belford Roxo é uma cidade da baixada fluminense considerada periférica, de população negra e de baixa renda, e a rejeição da mãe à cidade se apresenta na cobrança de que a filha seja diferente das pessoas daquele local, ou seja, que ela seja elegante, tenha postura, tenha boas relações sociais e que o cabelo seja liso e impecável. Aqui, entendem-se, portanto, a boa-aparência, a limpeza moral, a estética que rejeita símbolos corpóreos e culturais entendidos como da negritude.

Muitas mulheres brancas de cabelo crespo/cacheado também utilizam a prática do alisamento, e algumas também têm se decido por realizar a transição capilar. E, conforme espero que fique evidente ao longo deste texto, a experiência da TC para mulheres negras ecoa em diversas esferas (racial, de gênero, identitária e subjetiva), o que não necessariamente ocorre entre as mulheres brancas. Assim sendo, entendo que existem, sim, desafios e transformações que as mulheres brancas passam nesse processo, mas, por exemplo, o conflito rejeição/aceitação acima discutido não se faz presente, pelo simples motivo de as mulheres brancas não serem automaticamente rejeitadas do lugar da beleza pelo motivo de sua raça – e, sim, talvez, por uma aproximação da raça negra materializada no cabelo.

No caso das mulheres indígenas, mostra-se interessante a existência de mais estudos e pesquisas que analisem a relação delas com o cabelo em termos das relações raciais brasileiras. Ouvi, vale mencionar, duas situações que denotam que, devido aos seus cabelos lisos, elas são alocadas no imaginário social como mais belas (ou menos feias?) se comparadas às mulheres negras.

Em minhas interações para esta pesquisa, Lis me contou de um acontecido na escola quando uma menina sugeriu um apetrecho para ela passar no cabelo, pois faria com que ela ficasse “igual a uma índia”. Também uma vez a tia a levou para fazer uma escova de rena que deixava o cabelo “mais preto, mais brilhante e mais comprido”. Quando foi para escola com esse cabelo, ganhou o apelido de “índia da Amazônia”.

Outra interlocutora, Andressa, afirma que alisava o cabelo, pois ficava bem liso e bem preto, de forma que era chamada de “índia” pelas pessoas. Ela me contou que na época achava isso positivo, pois como não podia ser a “menina branca, então” seria “a menina índia de cabelo liso, longo e bonita”, uma vez que era o elogio que ganhava. Esse elogio era um incentivo para ela continuar o processo de alisamento.

Constata-se, pois, como o cabelo liso não é alocado como um elemento possível para pessoas negras e que, uma vez alisado, essas mulheres também não são percebidas como brancas. Diante disso, ser comparada às mulheres indígenas seria algo positivo se a alternativa for ser alocada como negra – relembro a fala da colega de Lis que dizia que, com trancinhas, ela ficava “mais preta”, enquanto Andressa, em sua tentativa de fugir dos estereótipos da população de Belford Roxo, sentia-se mais satisfeita em ser “índia”.

Portanto, a partir das referidas falas, fica implícito que tanto as mulheres negras quanto as indígenas já não poderiam alcançar o lugar da Beleza Branca. Todavia, parece haver uma hierarquia na qual as mulheres negras ficam abaixo das mulheres indígenas, de forma que essa aproximação é vista como positiva dentro das possibilidades de manipulação corporal. Se, então, o alisamento/relaxamento era uma tentativa de se aproximar do padrão branco, Andressa se resignava a estar caminhando nessa direção.

Interessante observar que ambas Andressa e Lis também trazem uma reflexão sobre os “elogios” recebidos com o cabelo alisado. Segundo Lis, seu

cabelo só “foi elogiado quando ele tava nessa condição” de alisado”. Em nossa conversa, trouxe a reflexão de que isso é “uma coisa assustadora”, porque diziam que o cabelo era “lindo” e “maravilhoso” apenas naquele lugar, e não com seus cachos. Já Andressa tem uma postura muito crítica sobre os diversos elogios que recebeu na vida, sendo estes sempre relacionados ao cabelo ou alisado, ou cacheado com definição e sem frizz.

Neste estudo, uma maior reflexão sobre definição será realizada. Porém, até este ponto, o fator a ser evidenciado aqui é como o cabelo tal qual nasce na nossa cabeça não é alvo de elogios, e deve ser alterado ou manipulado para esconder suas características. Nesse sentido, vale notar que, em minha conversa com Andressa, lembrei-me de diversas situações nas quais reparei que eu recebia elogios pela minha aparência quando meu cabelo estava todo preso – o que ocorre ainda hoje – ou quando estava de trança. Também me recordo de minha mãe ter ouvido comentários semelhantes, como o seu cabelo – e ela – é mais bonito quando está preso.

Passei parte da minha adolescência usando o cabelo preso de diversas formas. Tinha certo pânico do volume dele solto e de ter fios fora do lugar com ele preso, especialmente nos contextos que eu estava com colegas da minha idade, de grande maioria branca.

Da mesma forma que eu, o cabelo solto e com volume foi percebido como uma característica negativa por essas mulheres na fase da adolescência. Ou seja, como observamos nas falas sobre a motivação para o início do alisamento nessa fase da vida, o cabelo solto e comprido era um grande objetivo. Já foram mencionados que Aila queria um cabelo solto e comprido, e isso vira um dos motivadores para a escova. Para Andressa, o cabelo tinha que ser liso e grande. Já Bruna não gostava de volume. Por sua vez, Isadora sempre estava de cabelo preso até fazer o relaxamento, e, para ela, foi importante soltá-lo. Enquanto isso, Marianna não podia usar o cabelo solto como as colegas brancas da escola, e Thainá prendia o cabelo assim que a raiz começava a crescer no pós-relaxamento e, no alisamento, pôde usá-lo solto “o tempo inteiro”.

Além delas, Mariana não se sentia “confortável de só deixar” o seu “cabelo do jeito que ele é”, e por isso só o usava preso. Ela me contou que uma vez, em

sua infância, quando havia cortado a cabelo sozinha, sua mãe brigou e lhe disse: “Se você tiver coragem” – eu acho que ela falou assim mesmo – “Se você tiver coragem, você pode usar ele solto”. Ela também me relata de uma situação de quando já tinha um pouco mais de idade, a amarração do cabelo estava muita apertada e ela soltou na sala de aula, “e tinham umas pessoas ao redor e elas riram. Então, isso também me fechou muito”, afirmou. Como ela via muitos desenhos e coisas nas quais “todas as meninas tinham cabelão”, “tipo *Sailor Moon*, essas paradas”, ela queria “ter o cabelo grandão também”. Assim, conforme foi crescendo, ela “aceitou” que “aquilo não ia acontecer comigo”. Um dos motivadores para ela fazer relaxamento é que poderia usar o cabelo solto, e quando fez pela primeira vez lembra que gostou dos cachos e “podia ficar com o cabelo solto, e foi muito mágico”.

Iris me contou que queria ter a experiência de “correr, e o rabo de cavalo balançar”.

Luz gostava do resultado do cabelo alisado, mas a mãe não a deixava ter o cabelo grande; então, sempre cortavam. Não lembra o porquê, porém se recorda que “sempre ficava muito puta, muito triste. Toda vez que cortava, eu chorava”, uma vez que “todas as meninas que andavam comigo tinham cabelo na bunda. Todas. Todas, todas”. Ela pensa que é porque se entende como “feminino” o “cabelo comprido”. Cortar o cabelo e ter ou não o cabelo comprido era um problema para ela.

Abaixo ilustro a personagem citada por Mariana, *Sailor Moon* (fig. 3).



Figura 3: Sailor Moon.

Fonte: https://static.wikia.nocookie.net/near-pure-good-hero/images/1/19/Tumblr_mu6889a8SL1qjkedbo1_1280.png/revision/latest?cb=20220831120529.

Duas são, portanto, características observadas como uma constante, ou seja, era necessário ter o cabelo longo e solto, também sendo relevante a tentativa de se desvencilhar do volume. Assim, como é possível notar, o que Luz declara alinha-se com o que Gomes, L. (2014) observa, isto é, o cabelo curto era interpretado como falta de feminilidade, observando em sua pesquisa frases como “mulher tem que ter cabelo grande” (*op. cit.*, p. 17). A pesquisadora lembra sua infância, na qual fazia brincadeiras, colocando uma camisa ou uma toalha na cabeça para performar um cabelo comprido, mas sempre estava de cabelo preso, e que essa condição significava que estava “tudo sob controle” (Gomes, L., 2017, p. 65).

Ainda de acordo com Gomes. L. (2017) em suas pesquisas, suas interlocutoras também mantinham a prática de prender o cabelo, declarando-se sentirem medo e desconforto com o cabelo solto. A autora complementa, apresentando a imagem de Xuxa (fig. 4) como um corpo familiar para muitas crianças (especialmente das gerações das minhas interlocutoras), o que inspirava para muitas meninas o desejo de ter uma aparência próxima à da apresentadora (*op. cit.*).



Figura 4: Xuxa. Fonte: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/xuxa-acredita-que-esta-velha-para-voltar-fazer-o-planeta-xuxa>

Por sua vez, Bueno (2017) também observa que suas interlocutoras tinham a prática de manter o cabelo preso, frequentemente motivadas por um desagrado com a aparência, assim como o desejo pelo cabelo comprido e que balançasse. Em sua pesquisa, a figura citada que representava a estética desejada era a boneca Barbie (fig. 5). Vale ressaltar que, mesmo com o advento da Barbie negra, esta tinha o cabelo liso (fig. 6), e, somente anos depois é que passaram a surgir bonecas Barbie com o cabelo ondulado, cacheado, e, bem depois, crespo.

Já Figueiredo (2002) tem como interlocutora uma proprietária de loja de produtos de beleza, que afirma que o cabelo crespo não tem caimento ou balanço, e que todas as mulheres querem um cabelo com balanço, comprido e sedoso (*op. cit.*, p. 5). Aliás, essa percepção também é característica das interlocutoras de Fonseca (2016), que reforçam a importância de prender o cabelo e esconder a raiz, assim como o relato de uma dessas mulheres que, quando criança, foi obrigada pela professora a prender o cabelo crespo na escola, tipo de declaração também ouvida pela própria pesquisadora, relata.



Figura 5: Boneca Barbie clássica.

Fonte:

https://ciatoy.vtexassets.com/arquivos/ids/206119/MATHGR0000001AZ_2.jpg?v=63803434371313000



Figura 6: Variações de bonecas Barbie.

Fonte:

https://images-americanas.b2w.io/produtos/3788166401/imagens/boneca-barbie-fashion-classica-articulada-original-sortidas-mattel/3788166401_1_large.jpg

O perfil de cabelo buscado com o alisamento/relaxamento tinha como referências imagens como essas, expostas dia após dia. São imagens de cabelos que parecem apresentar características que o nosso, a princípio, não tinham, como balançar, ter pouco volume e ficar comprido. Logo, foram parâmetros para a busca por procedimentos capilares para o alcance desses êxitos.

Cabe dizer que apresentar esse tipo de estética também envolvia uma preocupação com a opinião dos meninos, grupo de interesse de parte das interlocutoras. Havia um entendimento de que esse grupo não gostava das características do cabelo crespo/cacheado, e também por isso esses aspectos deveriam ser alterados, uma vez que essas mulheres queriam ser percebidas e aceitas por eles, sentirem-se bonitas, capazes de atraírem suas atenções.

Isadora aponta que a questão da aceitação do olhar da pessoa por quem você se atrai era muito relevante. Então, para ela, a “questão dos meninos” também esteve presente. Os meninos do bairro, majoritariamente negro, achavam-na mais bonita se comparados à opinião dos meninos da escola, e por isso ficava mais com os meninos do bairro, só tendo ficado com um menino de onde estudava. Ao relembrar isso, lembra que na época pensava assim: “eu sou feia, não sou interessante, meu papo não é tão legal”, ou seja, é “uma coisa só minha”. Em nossa conversa aponta que também era por racismo dos outros.

Quanto à Bia, esta lembra que, na época que teve corte químico, também achou “muito difícil” porque as pessoas lhe diziam que ela não “conseguiu sair com ninguém”, já que “os caras nunca querem as garotas de cabelo muito mais curto quando você tem 15” anos. Sentia-se, então, na obrigação de estar bonita ou “mais aceita” na época da adolescência, pois suas amigas eram brancas e lisas, e ela pensava assim: “alguém também tem que querer ficar comigo, querer me chamar pra sair”, como acontecia com as amigas.

Isadora foi uma das poucas interlocutoras que apontou haver uma diferença de percepção entre homens negros e homens brancos, pois a maioria das interlocutoras relatou casos de incômodos e de preocupações com o olhar masculino entre homens negros. O que posso afirmar, na verdade, é que, na época da adolescência, a opinião dos meninos era relevante e, em sua maioria, eles rejeitavam elementos do corpo negro como belos.

Em função disso, pode-se inferir que a motivação para alisar/relaxar além de perpassar a vontade de aceitação pelo grupo frequentado, também perpassava a vontade de se apresentar como bela, feminina ou sensual para os meninos, com quem queria se relacionar na época. O cabelo curto, explica Gomes, L. (2014), era associado a menos feminilidade, enquanto o cabelo “duro” e com volume associado à falta de beleza.

Aprofundarei o debate sobre a preocupação com o olhar masculino durante a TC no próximo capítulo. Entretanto, algumas considerações a respeito merecem neste momento uma atenção. Uma de minhas interlocutoras, Luz, afirma que sempre se relacionou com mulheres, não apontando, assim, nenhuma questão nesse sentido. Outra, Aila, afirma que se relaciona com uma mulher, porém na época da TC se relacionava com um homem negro, e, complementa seu

depoimento afirmando que atualmente prefere se relacionar com mulheres por se sentir mais acolhida quanto sua aparência, dentro outros fatores. Afirma ainda que teve alguns incômodos e preocupações com o olhar masculino na época da TC, mas não trouxe relatos de preocupações anteriores a esse momento.

Em alguns lugares, esses tensionamentos parecem ganhar contornos ainda mais evidentes. O espaço escolar, por exemplo, se coloca como um dos principais palcos da preocupação sobre aceitação, especialmente das pessoas da mesma idade. Gomes, N. (2002) argumenta que esse espaço tem destaque no processo de formação de identidade por, muitas vezes, ser o lugar onde se começa a construir uma noção de “nós” e “outros”, ou seja, onde ocorre o desenvolvimento da relação entre alteridade e identidade. Ali, reiteradamente são apontadas diferenças entre os/as colegas, e ocorre desse processo de destaque ser acompanhado de algum estigma ou humilhação.

Muitas interlocutoras, além de, como aludido, trazerem a preocupação com a aceitação das pessoas desse espaço, trazem também relatos de humilhação ou ridicularização relacionadas ao cabelo, o que demonstra o papel essencial do espaço escolar nas percepções sobre o cabelo crespo/cacheado. Em suma, a escola se constrói como um espaço tanto de vivência de rejeições quanto por busca por aceitação. Mariana, por exemplo, como já aqui mencionado, ao soltar em certa ocasião o cabelo na escola, foi alvo de risos, sentindo-se inibida por tal procedimento naquele espaço.

Outro episódio relevante foi quando Lis, com 11 anos, raspou a cabeça para fazer o santo. A diretora da escola sugeriu que sua mãe dissesse que era câncer, complementando sua fala com outra sugestão: “Troque o pano que vocês usam na religião de vocês” por aqueles “que as pessoas quando fazem químio usam”. Naquele momento, Lis pensou que a mãe não insistiu muito contra o que fora sugerido, pois “não queria problema”, diferente de sua avó, esta, sim, uma pessoa com postura mais “de vanguarda”. De sua parte, a mãe disse: “Já passei por muito problema, não quero problema”.

Naquela época, frisa, “sofreu muito”, pois era “mais aceitável que eu tivesse em quimioterapia do que eu tivesse em ritual”. Sendo assim, o espaço escolar se apresentou como um complicador, como Lis melhor explica: “não estava

preparada pra escola inteira me tratar com a coitadinha que tinha câncer”, e todos de repente estavam “muito fofinhos” por causa da quimioterapia.

Outra interlocutora, desta vez a Iris, uma vez que estava com pouco dinheiro e sofrendo *bullying* na escola, submeteu-se a tratamentos de efeitos questionáveis, o que provocou a queda de seu cabelo. Porém, ao chegar lá, foi “mais zoada ainda”, já que “eles zoavam com o cabelo duro e com o cabelo alisado”. Houve uma vez que fez trancinhas nagô porque achou bonito e, quando lá novamente chegou, os meninos “zoaram” mais uma vez. Também ocorreu outro momento em que colocou tranças kanekalon, mas só ficou três dias com elas, pois também na escola um dos meninos ameaçou queimar seu cabelo.

É importante pensar que tanto a escola quanto a mídia têm papel fundamental na construção de imaginários e de relações com o cabelo crespo/cacheado, permeando nossa subjetividade. Essas representações construídas e veiculadas por esses meios influenciam na forma como nós representamo-nos. Desse modo, entendendo a representação como um “conceito e prática que produz significado” (Hall, 2016, p. 140), devemos entender que ela produz sentidos intermediados pela linguagem, seja verbal, imagética ou outras. Nesse processo, os elementos, que se apresentam como símbolos, representam e significam ideias e, além disso, não têm sentido em si, mas “constroem e transmitem significados que somos capazes de interpretar” (*op. cit.*, p. 24). O sentido, portanto, não é fixo, mas construído pelo sistema de representação.

Logo, as representações construídas sobre os negros, lembra Gomes, N. (2019), passam por modificações de acordo com contextos históricos, e essas imagens negativas são incorporadas na construção subjetiva de negros, mestiços e brancos. Essas imagens, para hooks (2019c), se relacionam com as representações que as mídias de massa têm apresentado, criando uma tensão entre a imagem social do negro e a “luta pela construção de uma autoimagem positiva” (*op. cit.*, p. 158). Ou seja, instituindo-se o branco como modelo de identidade (Souza, 2021), a população constrói uma imagem distorcida de si (Gomes, N., 2019). Por conseguinte, aprendemos o que é bom ser e o que não é bom ser, e, buscando aceitação social intermediado pela estética (Braga, 2020), ocorre, nesse sentido, a manipulação do corpo.

Certo também que, na juventude dessas interlocutoras, a negritude não era representada em espaços de beleza ou de poder. Conforme vimos na TV, as mulheres negras eram em sua maioria representadas como serviçais, como babás, como empregadas e pessoas escravizadas, ou de forma sensualizadas (Bueno, 2017). A primeira novela da Globo, por exemplo, com uma protagonista negra foi lançada somente em 2004 (Souza; Pirola; Braga, 2020, p. 181) e, de certa modo, engloba os dois estereótipos.

“Da Cor do Pecado”, com esse título a emissora explicita a imagem-chave da novela: o colo desnudo de uma mulher negra não retinta. Além disso, a música de abertura traz o corpo como detentor da “cor do pecado”, isto é, “moreno, cheiroso e gostoso”, mencionando beijos e bocas¹² relacionadas a ele. Seu enredo principal traz a personagem Preta, de origem humilde, que se apaixona e engravida de um homem branco e rico, Paco. Anos depois da pressuposta morte do pai, o filho – negro – se encontra com o avô paterno – branco –, que inicialmente julga se tratar de um golpe de mãe e filho para tomar seu dinheiro. A história se desenvolve na tentativa de Preta provar que seu filho é também de Paco e que ela não é uma golpista, com interesse no dinheiro da família do rapaz.

Isso era o que a televisão, as revistas e campanhas publicitárias de certo modo nos ensinavam na virada dos anos 2000, quando a grande maioria das interlocutoras – e eu – passávamos por nossos principais anos formativos (eu, inclusive, fui uma grande fã dessa novela). Por sinal, hooks (2019c), refletindo sobre nossa autorrepresentação, aponta a existência da “dor de aprender que não podemos controlar nossas imagens” (*op. cit.*, p. 35), como os outros nos veem e como nós nos vemos.

A título de reflexão, trago a experiência de Lis. A começar, era a com maior idade entre as entrevistadas. Com um pai homossexual e cabelereiro que lhe apresentava “divas pop” negras, uma religião que lhe passava confiança e pertencimento, assim como uma avó de quem ela guarda memórias incríveis, Lis construiu outra relação com a própria beleza e autoestima bem diferente das interlocutoras mais novas que não acessaram as mesmas referências. O exemplo,

¹² <https://youtube/c6RMZD9I57c>

cumprir refletir, é tão somente para ilustrar como as referências que temos influenciam nossa autopercepção.

Lis afirma que sempre teve “uma autoestima muito além da média”. Então, mesmo com os estereótipos e a ideia na escola de que cabelo liso é mais bonito, ela se achava “linda e maravilhosa”. Entende que o padrão de beleza dela era muito variado, e, também pela influência do pai e do que ele ouvia, ela era “apaixonada pela Diana Ross”, achando-a linda, o que “me empoderou bastante”. Ela entende que “esse empoderamento” tinha origem no pai, explica: “ele fazia de tudo pra me dar referências negras, Nina Simone, esse povo, e a minha avó. Os dois. A minha base de empoderamento era o meu pai, né – ‘as mulheres são divas, elas são maravilhosas’ – que ele fazia questão de me expor a divas”. E, somado ao pai, estava a “avó também, e a questão de orixá”; daí “nunca me senti feia”.

2.3 Vida na química

Em sua pesquisa, Farias *et al.* (2020) apontam a associação de mulheres que alisam o cabelo com a ideia de sacrifício. No caso, de tempo, de dinheiro, por um bem maior, de danos à saúde pelo processo de alisamento (*op. cit.* p. 15). Esses “sacrifícios”, não se apresentam, conforme as mulheres que compuseram sua pesquisa, como um motivo para abandonarem o processo, pois elas entendem que ele é feito em prol do alcance de benefícios, como autoestima, estar na moda ou estar arrumada, explicam os autores. Portanto, entende-se que o alcance desses objetivos se apresenta como mais importante que os possíveis danos trazidos pelo sacrifício do alisamento, e por isso essas mulheres seguem realizando o processo.

Em síntese, o processo do alisamento pode envolver, na perspectiva dessas mulheres aludidas por Farias *et al.* (2020), um investimento de tempo, dinheiro e saúde. Essa é, cumpre observar, uma percepção similar às de minhas interlocutoras, tanto no relaxamento quanto no alisamento, pois elas apontam investimentos de ordem financeira, de tempo, bem como problemas de saúde e machucados. Porém, não que todas essas adversidades pouco representassem, tudo era uma escolha que na época fazia sentido ou a elas era apresentado como uma possibilidade existente.

Thainá, por exemplo, ao usar o relaxamento, entendeu que ficara mais fácil e mais rápido pentear o cabelo, gostando, assim, do resultado (“na época fazia super sentido pra mim. Na época de fato pra mim melhorou”). Porém, o efeito não era duradouro (quando “a raiz começava a crescer, eu já não gostava dele” e prendia). “Adorava” logo depois do relaxamento, pois o cabelo “ficava com aquele aspecto mais baixo, não ficava volumoso como era a característica natural dele, complementou Thainá. Ele ficava mais baixo, a raiz lisa”. Por fim, quando a raiz crescia, ressaltava, e diante da falta de “dinheiro ou algo do tipo”, só usava o cabelo preso.

Por sua vez, Bia gostava do cabelo logo depois do tratamento porque “a raiz ficava baixinha, e o cabelo cacheado”. Todavia, uma semana depois, o efeito já havia passado e seu cabelo, sendo muito crespo, já ficava com a raiz “gritando”, o que começava “um inferno” em sua vida. Ela “encharcava o cabelo de creme” e acordava cedo todo dia para fazer isso antes de ir para escola, o que ela achava “terrível”. “Nunca ficava satisfeita”, pois o cabelo relaxado ficava um período curto com volume baixo e o efeito já passava. Não gostava de ir ao salão porque puxavam muito sua cabeça, mas ia mesmo assim, declarou.

Não apenas para Bia, mas também para as outras interlocutoras, o cuidado diário com o cabelo relaxado ocorria com muita água e muito creme, demandando tempo para a aplicação. Acordar cedo para realizá-lo e não poder sair de casa em cima da hora são experiências apontadas como ruins e frustrantes por elas. O resultado do tratamento químico não se mantinha até a próxima aplicação, de forma que quando a raiz “gritava”, indicando o crescimento do cabelo que não tinha química, era necessário mudar os cuidados para esconder a textura e o volume do cabelo sem química. Então, passava-se a usar o cabelo preso. Em suma: precisava-se acompanhar diariamente o que o cabelo poderia apresentar.

Era, portanto, uma “vigilância constante”, numa recorrência a Bouzón (2008, p. 17), praticada por algumas mulheres em relação à textura de seus cabelos, de forma que no momento que a raiz do cabelo sem química se faz presente, precisa ser imediatamente controlada (fig. 7 a 9). Como ilustração, uma das interlocutoras de Gomes, L. (2017), em sua pesquisa, aponta sentir “desespero” (*op. cit.*, p. 83) com a raiz crescendo, de forma que só se sentia em paz quando retocava a química na raiz (*op. cit.*, p. 82). Outra interlocutora sua só usava o cabelo solto

nos primeiros dias após o tratamento, pois ao fazer o relaxamento e uma escova, nos primeiros dias o cabelo se encontrava liso e baixo, mas pouco tempo depois essa condição passava, e ela tornava a usar o cabelo sempre preso (*op. cit.*, p. 70). Ou seja, o resultado que elas gostavam tinha uma duração específica de tempo, porém na época os investimentos de tempo e de dinheiro, assim como alguns danos físicos, valia a pena para cada uma.

E, retornando às interlocutoras contatadas para o *corpus* desta dissertação, vale considerar o que apontam Marianna e Isadora. A primeira, declara, gostava do relaxamento, mas o cabelo crescia muito rápido e tinha que fazer cada vez mais com produtos mais fortes. Daí, segundo ela, “começava a doer”, assim como “tinha um cheiro estranho” e até “dava vontade de espirrar e coçar”. Relata ainda que, devidos aos procedimentos, teve queimaduras no couro cabeludo.

Já Isadora só usava o cabelo preso e relaxado. Segundo ela, “seguia aquela receita de molhar e passar creme todo dia até o dia que o cabelo não aguenta mais porque aquele durinho do creme e fica fedido”. Além do relaxamento, usava a prancha, o que era “uma merda”, ressalta, pois era ter um “compromisso de ir todo sábado no salão e gastar umas 2, 3 horinhas do seu dia”. Afirma ainda que não podia entrar na piscina, pegar chuva ou molhar o cabelo. E, se ela tinha compromisso no fim de semana, passava a semana com o cabelo sem lavar “ensebado” para que no dia do evento estivesse “bom”.

Ambos os *reels* abaixo estão ao som da fala “Isso é um castigo, meu deus, é um castigo. Eu não merecia estar passando por isso”:

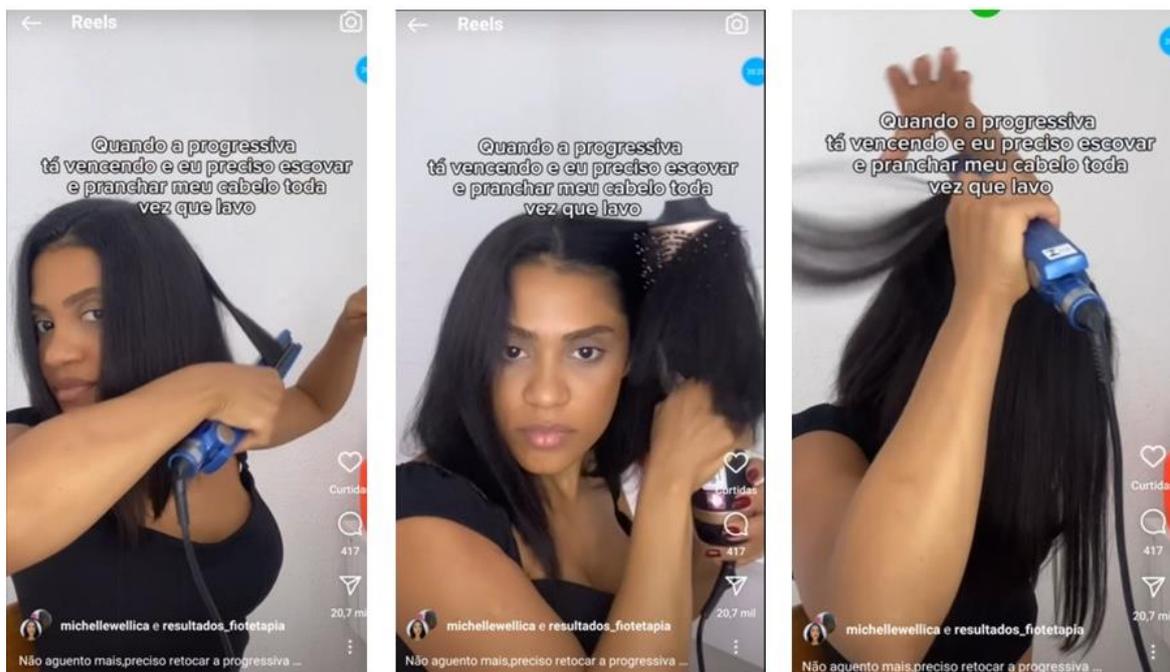


Figura 7: Prints do *Instagram* ilustrando a manutenção do cabelo alisado com chapinha.
 Fonte: <https://www.Instagram.com/p/CytpaztvVJS/>

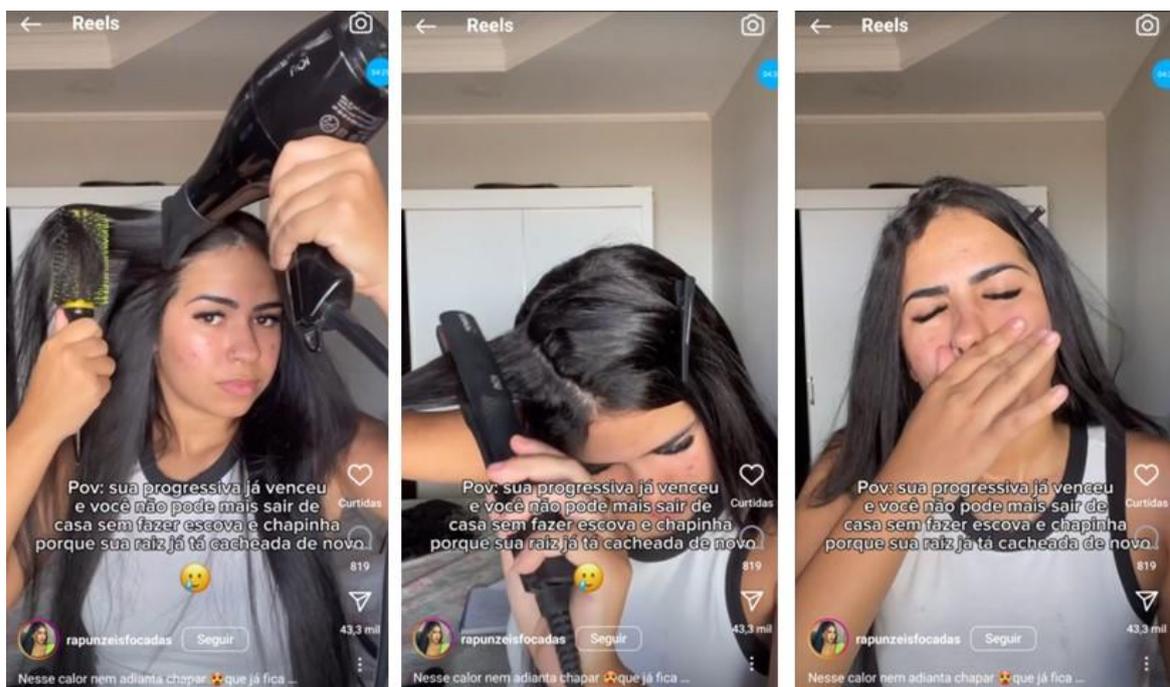


Figura 8: Prints do *Instagram* ilustrando a manutenção do cabelo alisado com secador, escova e chapinha.
 Fonte: <https://www.Instagram.com/p/Cz1PRkxuXRc/>

Ao som da música “mais uma noite chega, e com ela a depressão”:



Figura 9: Print do *Instagram* ilustrando a angústia da raiz aparecendo.
 Fonte: <https://www.Instagram.com/p/Cw5RZWirMcP/>

Entendendo que a busca pela praticidade era um dos motivos do uso da química (fig. 10), a vida cotidiana com o cabelo nessa condição parece contradizer o prometido. Entretanto, a promessa de um cabelo grande, com balanço e menos volume parecia se cumprir, mesmo que em um curto período de tempo. Destacava-se como o cuidado com o cabelo ocupava um lugar essencial na vida dessas mulheres, acordando mais cedo para ajustá-lo ou tendo que calcular o melhor dia para a aplicação em relação a algum evento importante a que se desejasse ir.

Foram recorrentes relatos sobre não poder ser convidada em cima da hora para eventos. Isso porque não haveria tempo hábil para arrumar o cabelo do jeito desejável, ou a não possibilidade de frequentar praias e piscinas.

Duda não sabia pentear bem o cabelo e, às vezes, prendia-o “embolado”, sendo, em razão disso, zoadas na escola. Praticamente, só andava de cabelo preso, e como o prendia molhado, a mãe dizia que ficaria “fedido” e “podre”, mas só sentia confortável com o cabelo solto 15 dias depois do relaxamento, quando estava “bem controlado”, e por um período curto de tempo, pois quando a raiz crescia não ficava bom, fazendo com que ela retornasse ao cabelo preso molhado e com creme para que ele ficasse “baixo”. Não gostava muito dele assim, pois na

verdade “queria ter o cabelo que as outras meninas tinham”, mas ele “dessa forma” era o “máximo” que ela “poderia”.

Não é demasiado dizer que o “calendário social” girava em torno do cabelo, programando os cuidados de acordo com o dia do evento a Duda que iria. Sentia “pânico de ficar com a raiz alta”. Então, calculava o período que o cabelo estaria apropriado para o evento. “Tudo meu girava em torno do cabelo, quando tinha que dormir na casa de alguém, quando era festa do pijama [...], se ia dar pra usar ele solto ou não... porque eu odiava volume, então sempre tinha que molhar antes de sair. Piscina, praia...”. Por isso, sentia-se “refém” dele.

Outra delas, a Bia, lavava o cabelo com relaxamento todo dia porque “não gostava da raiz muito alta”, e ao dormir, de um dia para o outro a raiz já estava do jeito que não gostava. Quando a chamavam para sair em cima da hora, não dava tempo de lavar para sair de imediato; assim, ou ela “encharcava de creme” e ficava branco e tinha que esperar sair o branco ou, diz ela, parecendo resignar-se com a situação: “às vezes só de pensar nesse processo eu não ia por preguiça, eu não ia porque não ia dar tempo de fazer isso... aí eu deixava de ir”.

E quando o que está em pauta é o cabelo alisado?



Figura 10: Print do *Instagram* ilustrando a praticidade do cabelo alisado.

Fonte: <https://www.Instagram.com/p/CzbfF1qgmNb/>

O cotidiano com o cabelo alisado é semelhante, demandando acordar cedo para retocar o cabelo, usá-lo preso ou cálculos de tempo para arrumá-lo. Há uma dimensão de perda social e emocional nesses relatos, nos quais eventos sociais

são perdidos ou envolvem atividades custosas de tempo e esforço. Entretanto, parece que o cabelo alisado demandava um pouco menos de tempo diário, talvez uma ocasional chapinha fosse utilizada, mas não havia uma rotina como ter que molhar e passar creme que nem o cabelo com relaxamento.

Certo é que a organização cotidiana que envolve esse tipo de cabelo parece envolver também, além dessa chapinha ocasional, idas ao salão semanais ou com maior intervalo de tempo. Porém, o impedimento de sair não foi tão recorrente nos relatos das interlocutoras com alisamento, de acordo com a percepção apresentada acima, proveniente de um vídeo curto da plataforma *Instagram*. Com o cabelo alisado, são mais presentes relatos de não poder praticar atividades com água. Entretanto, em ambos os casos, é recorrente que o cabelo permaneça preso – controlado.

No dia a dia de Andressa, quando havia eventos importantes, ela fazia cálculos para que o cabelo estivesse de acordo na data. Em outras palavras, considerando os horários da escola e as demandas dos tratamentos capilares, precisava decidir que dia lavaria o cabelo, quando passaria o produto e que horas acordaria para fazer a chapinha, alcançando o objetivo do cabelo estar bonito no dia do evento.

Essa e outras narrativas nos remetem ao filme “Felicidade por um Fio” (2018), dirigido por Haifaa Al-Mansour. Essa obra, de acordo com a plataforma Netflix, narra a história de uma mulher “perfeccionista” que, ao enfrentar problemas amorosos, investe em um “visual radicalmente novo” numa jornada de autoconhecimento. O filme acompanha esse momento da vida de Violet que, por meio dos diferentes momentos de cabelo, metaforiza inúmeras questões de sua vida. A cena inicial apresenta a menina numa piscina, com muitas pessoas brancas ao seu redor.

A personagem narra sobre as crianças despreocupadas com a aparência e felizes à sua volta, enquanto ela “tinha que ser arrumada”. Essa cena da piscina é intercalada com a cena de Violet segurando uma Barbie branca e loira enquanto a mãe passa um pente quente em seu cabelo (fig. 11). Apresentada como perfeccionista e preocupada em demonstrar que sua filha era “tão bem cuidada quanto as crianças brancas”, fala a ela para sair de perto da piscina.

Depois que um menino pergunta se ela tem medo de água e a provoca, dizendo que pode segurar mais a respiração embaixo da água, e, mesmo com a mãe gritando para impedi-la, Violet decide pular na água (fig. 12a). Depois que ambos voltam à superfície, o menino pergunta: “Que diabos houve com seu cabelo? Você parece um arbusto” (fig. 12b). Para completar, ele e duas meninas na beira da piscina riem dela, que afunda na água e se afasta.



Figura 11: Cenas do filme Felicidade por um Fio – mãe penteando Violet para um banho de piscina.
Fonte: Netflix

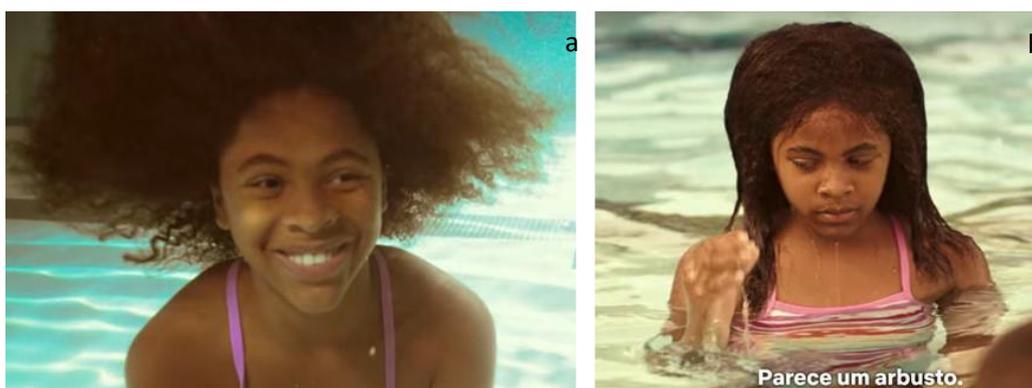


Figura 12: Cenas do filme Felicidade por um Fio – (a) Violet pula na piscina; (b) Violet após o mergulho.
Fonte: Netflix

Ou em um filme ou em minhas interações com cada uma das mulheres que se propuseram a conversar sobre as questões até aqui levantadas, os dilemas dialogam de modo muito estreito. Há, como já observados, relatos frequentes de machucados, de queimaduras, como também de queda de cabelo e de corte químico. Por sua vez, Mattos e Oliveira (2019), a partir de sua pesquisa, apontam como suas interlocutoras apresentaram a ideia de “suportar” os sofrimentos

provenientes dos procedimentos de alisamento, ou seja, entendendo tal prática como associada à dor ou a danos à saúde. Para elas, parar de usar os químicos no cabelo não se apresentava como uma possibilidade.

Em minha pesquisa, as palavras “suportar” ou “sacrifício”, como no estudo de Mattos e Oliviera (2019), não aparecem com minhas interlocutoras, mas suas dimensões me parecem estar bem presentes. Fato é que, quando Isadora parou de fazer o relaxamento do Beleza Natural¹³ para começar a progressiva, teve corte químico devido à química forte e que não “bate com nenhuma outra” usada por eles. Seu cabelo caiu muito: “Tufos inteiros de cabelo na minha mão. Eu fiquei desesperada” – disse ela. Também ficava incomodada com o cabelo fino na progressiva, mas gostava dele alisado.

Outra, Bruna, me relatou que a escova trouxe desafios, pois sentia muita dor. O procedimento machucava e feria o couro cabeludo, para no fim ter um resultado que não “ficava muito legal”. Sendo assim, ela acabava só usando o cabelo preso. Quando ela alisada, de tanto usar preso, já aconteceu, e foi “muito triste”, de ela ter que cortar tufos de cabelo que ficaram muito embolados, e a mãe não conseguir desembolar – chorava muito. Completa, dizendo que já aconteceu de o cabelo ficar com cheiro de mofo porque só ficava preso. “Tudo foi muito traumático”.

Para Mariana, o cabelo não “conseguia crescer muito porque acabava quebrando”. Tinha que usar muito formol para abaixá-lo, devido a ter muito cabelo, como também ser muito volumoso. Segundo ela, o procedimento machucava e doía, e, por ser alérgica, precisava que ficar com um pano úmido no rosto. Quando criança, achava “que realmente era melhor e que ficava mais prático, mas conforme fui crescendo fui vendo que não combinava comigo, que doía, que estragava. Eu ficava muito cansada, ficava tipo o dia todo no salão” – desabafou. E todo mês tinha que voltar porque o cabelo crescia muito rápido.

Já Rafaela, em razão das dores dos procedimentos e do fato de não se sentir bonita, prefere não lembrar da época em que alisava o cabelo.

Quanto à Aila, como nem sempre sua mãe tinha recursos financeiros para manter os procedimentos capilares, acontecia de ela levar as filhas para a primeira

¹³ O Instituto Beleza Natural é um salão nacional que, principalmente, vende relaxamento capilar.

aplicação do produto e, nas seguintes, usar “estratégias” caseiras, que ocasionalmente acarretavam orelhas e couro cabeludo queimados, bem como feridas na cabeça. Aila viveu episódios nos quais sua cabeça ficava ferida e inflamada, com febre local. De acordo com sua memória, metade das vezes que fazia uso do produto acabava com feridas que fediam e eram “horríveis”, não importava a forma como ela preparava o cabelo para a aplicação.

E os episódios de más lembranças continuam. Iris já usou um produto que fez cair o cabelo, tendo, como consequência, que usá-lo “preso-solto”, considerando que em cima e na frente não tinha mais cabelo. Outra vez, a cabeça ficou em carne viva, toda estourada, como relatou. Ironicamente, completou: “Só experiências boas, interessantes e legais”.

Além do investimento financeiro e de tempo, danos à saúde e emocionais se fazem presentes. As queimaduras, feridas e processos alérgicos durante o uso dos produtos eram seguidas do “pânico” relacionado ao crescimento da raiz, do “desespero” da perda do cabelo, e de eventos “traumáticos”. Como diz Luz, “sempre ouvi que pra ficar bonita tem que sofrer”.

Bouzón (2008, p. 16), entendendo que em sua pesquisa o alisamento praticado por pessoas negras é interpretado como uma tentativa de se afastar da estética negra e se aproximar da estética branca, aponta que a “desordem simbólica” causada por esse movimento gera uma reação social que busca reordenar tal confusão. Essa reação envolve expressões como “loucura” e “radicalidade” sendo direcionadas às pessoas negras que utilizam da prática. Ou seja, em sua interpretação, as pessoas que entendem a prática do alisamento como uma tentativa de embranquecimento por parte da população negra querem impedir essa aproximação, mantendo o negro “em seu lugar”, e, por isso, denominando essa tentativa como algo fora do comum ou do aceitável.

Dentre os exemplos de entrevistadas que Bouzón (2008) traz, há a ideia de “sacrifício”, de deixar de ir a eventos ou vivenciar coisas para não molhar o cabelo e ficar quase careca. Essas vivências são interpretadas como ruins e exageros que as pessoas negras praticam sobre si mesmo com a motivação de embranquecimento. Há, então, um “frágil limite” (*op. cit.*, p. 17) entre a preocupação, o cuidado saudável e o excesso de preocupação, demonstrando que “ao mesmo tempo que a sociedade não permite que se dediquem atenções

excessivas a essa parte do corpo, também não admite desleixo e falta de atenção” (*op. cit.*, p. 18) com o cuidado capilar.

Vimos, entretanto, que as motivações das pessoas negras não perpassam necessariamente este entendimento. Os sacrifícios e perdas causadas pelo uso da química são entendidos como superáveis, desde que se alcance a estética e a subsequente aceitação social, assim como a sensação de pertencimento e beleza que essas mulheres buscam.

Pude ouvir inúmeros relatos que interpretavam a vida com a química como uma prisão, estar refém ou estar a merecer do cabelo. Os procedimentos estéticos, a organização cotidiana, perda de eventos e estar sempre com o cabelo preso constroem a metáfora da prisão ao cabelo. Para Amorin *et al.* (2020), a dificuldade de manter o cabelo com química foi “simbolicamente comparado à escravidão” (*op. cit.*, p. 8), quando analisaram exemplos de suas interlocutoras, o que também pude observar nesta pesquisa para esta dissertação de mestrado.

Gomes, L. (2017) também encontrou interlocutoras que afirmavam não estar “à vontade” e “livre” com o alisamento devido a não poder ir à praia e não ter tranquilidade para ir a qualquer lugar sem escova ou chapinha (*op. cit.*, p. 83). Outra interlocutora afirma que parte da sua ideia de liberdade é poder usar o cabelo solto (*op. cit.*, p. 70). Uma interlocutora de Bueno (2017), ao utilizar megahair¹⁴, aponta o cabelo como uma prisão por se sentir presa aos cuidados e preocupações que o envolviam (*op. cit.*, p. 77). Essa sensação se tornará uma das motivações para a realização da TC.

Em minha pesquisa, Bia lembrou que não saía por causa do cabelo, sentindo-se mal. Às vezes, também devido a procedimentos que muito queria fazer. “É como se você ficasse escrava – eu me sentia sempre escrava de alguma coisa, entendeu? Em relação ao meu cabelo. Eu era escrava da progressiva, eu era escrava de ficar usando um monte de creme... eu deixava de ir pra praia porque eu sabia que ia ter que molhar o cabelo lá [...] era como se ele estivesse na minha cabeça, mas não fosse meu. Era uma sensação muito esquisita”. “Era um problema. Um problemão. O cabelo era só um problema.”

¹⁴ Técnica de alongamento capilar que envolve o uso de extensões de cabelo presas em mechas do próprio cabelo.

Na mesma linha de sensação, estava Aila, dizendo que era “muito refém do processo de alisamento, de secar e de pranchar”. Somada às duas, estava Andressa, para quem a chapinha fazia dela refém e privava-a de coisas, como, por exemplo, participar e aproveitar-se de atividades na água, frequentemente organizadas por seu grupo de amigos.

Não diferente delas, estavam Duda e Thainá. Enquanto esta afirmou que sua vida fora “muito limitada”, quando alisava o cabelo, aquela lamenta que em sua adolescência tenha ficado “refém” do procedimento, pois tudo “girava em volta do cabelo”.

A ideia de o cabelo não parecer uma parte do próprio corpo também é mencionada por Rafaela ao se lembrar da época do uso de química. O cabelo, sendo uma das partes do corpo que mais recebe atenção, preocupação e cuidado por essas mulheres, também é uma das partes que mais causa incômodos. Sendo interpretado como uma escravidão, ou um escravizador, o cabelo é percebido como uma parte do corpo de relevância particular, quase externa de si. Isso nos remete ao filme KBELA (2015), dirigido por Yasmin Thayná e produzido por mulheres negras, produto cultura que metaforiza a sensação de não pertencimento no corpo na epígrafe deste capítulo.

Gomes, N. (2019) aponta que o movimento racista de colocar pessoas brancas como o “padrão universal de beleza, inteligência, competência e civilidade” (*op. cit.*, p. 18) gera uma consequência subjetiva nas pessoas negras, que desenvolvem “sentimentos antagônicos” aos atributos entendidos como negros. Para a autora, esses sentimentos são principalmente direcionados à pele e/ou ao tipo de cabelo. A partir dos últimos relatos de minhas interlocutoras, pode-se verificar a ocorrência de sentimentos desse tipo na maioria deles, isto é, emoções como pânico, desespero ou medo, desconforto com o cabelo (em todas as condições tratadas) e com a aparência do corpo.

As preocupações, situações humilhantes na escola, dores referentes aos procedimentos estéticos, receios relacionados a como outros/as nos percebem – essas emoções são pautadas na nossa relação com o próprio corpo. Os relatos ouvidos por Bueno (2017) trazem “ironias e memórias de piadas e deboches” (Bueno; Victoria, 2018, p. 230) e revela uma “dimensão de sofrimento” que a autora percebe como uma “sensação de inadequação”.

Essa sensação é recorrente nos relatos dos encontros das Gurias Crespas e Cacheadas, de modo que a autora percebe que o conjunto de relatos individuais, em sua semelhança, produzem uma história coletiva do cabelo que revelam esses sentimentos de inadequação sentidos por essas mulheres (Bueno, 2017, p. 31). Tais sentimentos antagônicos sobre o próprio corpo são, desse modo, construídos em paralelo aos sentimentos de inadequação no mundo.

De forma semelhante, uma interlocutora de Silva (2019) observa, em cotidiano, “sentimentos de desajuste” (*op. cit.*, p. 5) em suas clientes negras. Essa mulher traz exemplos de relatos de preocupação com a boca grande, estar careca, ter calvície devido a químicos de alisamento e uma percepção de falta de opção sobre o que fazer esteticamente e com elementos do próprio corpo. A pesquisadora entende que esse sentimento envolve experiências de “constrangimento, vergonha, sentimento de inferioridade e humilhação” (*op. cit.*, p. 5), inadequação e depreciação, e que esses sentimentos e experiências não foram situações pontuais, mas sim algo que perpassa a referida interlocutora, suas clientes e outras mulheres negras brasileiras.

Em nota, Silva (2019) sugere que autores, como Erving Goffman e Norbert Elias, entendem o sentimento de humilhação e vergonha relacionados a uma “sensação de inferioridade social” dentro de seus respectivos contextos históricos. Sugere-se, então, que as mulheres negras, sentindo-se inferiores socialmente, possuem esse sentimento de desajuste.

Por fim, vale dizer que tais sentimentos antagônicos, de inadequação e de desajuste, expressam o contexto nos quais construímos nossa subjetividade e nossa relação com o nosso corpo negro. São, portanto, motivos para realizar o alisamento/relaxamento, e, mais tarde, se apresentam também como razões para que essas mulheres busquem reverter essa situação e, assim, realizarem a TC, como veremos no capítulo seguinte.

Capítulo 3 – Transicionando

“Era meu aniversário nesse dia. E... Eu tava na minha casa recebendo algumas amigas que tinham chegado no dia anterior e passariam o dia comigo porque, afinal, era o meu aniversário. Só que nesse dia uma coisa me angustiava muito e essa coisa era a raiz do meu cabelo. Só quem já fez alisamento, relaxamento, sabe do que eu tô falando: cresceu um pouquinho, a gente precisava correr para o salão. E pra mim, era inadmissível que eu fosse passar o meu aniversário e a virada do ano sem relaxar aquela raiz, porque, afinal, o meu cabelo crespo não poderia aparecer.

Liguei para a cabeleira, *implorei* para que ela viesse até - até mim. Falei: ‘é meu aniversário, por favor. Não vai demorar muito, a gente pode alisar só a frente se você quiser.’ Ela vai e cede. Chega na minha casa, eu sento na cadeira, na sala, na frente de todos, e começam os procedimentos. Aquele cheiro peculiar. Imagina você recebendo visitas e estando ali naquela situação. Quando eu me vi nesse momento, eu fui invadida por vários questionamentos. Eu comecei a pensar: ‘*por que* eu estou fazendo isso? Que desespero é esse que me faz ter que ligar para uma cabeleireira, tirar ela de casa no dia do meu aniversário, com visitas e, mesmo assim, eu *preciso* fazer o meu cabelo, eu *preciso* que esse cabelo crespo não seja visto.’ E em meio a esses questionamentos – é... – de forma muito inconsciente, uma frase saiu da minha boca. Eu virei para cabeleireira e falei: ‘eu nunca mais vou fazer isso’.”

- Fala de Gabi Oliveira, do canal Gabi das Pretas, para a TedTalk em 22/10/2017.¹⁵

¹⁵ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=irdd3E7yWIY>. Acesso em 26 mar. 2024.

Neste capítulo, tratarei do processo da transição, no qual existem inseguranças, preocupações e descobertas. As maiores inseguranças se relacionam ao comprimento, à textura, bem como à definição do cabelo. Iniciá-la envolve o medo do cabelo que não seja o imaginado – mais crespo, com pouca definição. Já durante a transição, o incômodo é o cabelo com duas texturas ou o cabelo muito curto. E, finalmente, com o nascimento do novo cabelo e sua descoberta, ocorre o movimento de aprender a cuidar e aceitá-lo em sua nova forma.

3.1 *Decidindo começar*

Para parte dessas mulheres, a ideia de fazer a TC surge a partir das redes sociais, principalmente do *YouTube* e do *Instagram*. É recorrente a presença do *Facebook* como elemento de relevância na literatura científica sobre a TC (Camargo 2019; Gomes, L., 2017; Matos 2015), porém essa rede não foi citada por nenhuma interlocutora.

Talvez existam diferenças a serem consideradas entre as plataformas, pois por mais que no *Instagram* e no *YouTube* tenham espaços de interação entre as produtoras de conteúdo e as pessoas que consomem o conteúdo, no *Facebook* existe a possibilidade da criação de “comunidades”. Estas são grupos de pessoas que se juntam e trocam conteúdos e conversas, e na época de 2013, 2014 e 2015, quando o *Facebook* era uma das redes sociais mais usadas no Brasil, surgiram muitas comunidades de pessoas em transição e/ou transicionadas. Tais grupos foram locais de trocas de dicas e incentivos, assim como de experiências e sentimentos sobre a TC.

Gomes, L. (2017) argumenta sobre a importância do meio virtual para nomear a experiência da TC, entendê-la e compreendê-la como sendo um movimento não individual, mas que muitas mulheres embarcavam na época. No caso do *YouTube* e do *Instagram*, as trocas ganham outros contornos, não havendo um grupo mais ou menos fechado, e o espaço de postar dicas e conteúdos fica reservado à cada página/conta, e, por sua vez, as interações ganham a forma dos comentários e mensagens particulares, que podem ser feitas em grupo.

Certamente, o auge de cada rede social ocorreu em momentos diferentes. Isso impacta qual rede principal era e é usada para as trocas das informações capilares. Dentre aquelas que fizeram sua transição há cerca de dez anos, pode ser que haja mais presença do *Facebook*, como apontado pelas pesquisas que trataram do tema daquela época, destacando grupos e postagens nessa rede social. As mais novas que entrevistei utilizaram mais o *Instagram* e o *YouTube*, enquanto as outras com um pouco mais de idade não mencionaram o uso de redes sociais.

Outro fator a se considerar é a entrada em cursos, como pré-vestibulares sociais e faculdade. Estes também são apontadas como o contexto que apresenta a elas a possibilidade da TC. Em ambos os casos, há a recorrência da ideia de uma “referência” que se passa a acessar, despertando o desejo de passar pela TC.

Entendo essa “referência” como sendo de dois tipos, que podem ou não convergir: a) as referências visuais (ver mulheres nas redes ou em volta delas com o cabelo sem química ou passando pela TC); b) as referências intelectuais (debates raciais e políticos, levantando questionamentos sobre estética). É válido considerar, assim, que muitas vezes, a ideia e a tomada de decisão pela TC são permeadas por diversos fatores, frutos dos contextos de vida de cada uma.

Além dessas referências, também foram apontados outros fatores. Nessa lista, estão presentes a preocupação com a saúde, a curiosidade pelo cabelo e o incômodo com a dependência da química por essas mulheres.

Ao recorrermos ao “Dossiê BrandLab: A revolução dos cachos”, relatório produzido pelo *Google Brand Lab* e publicado em 2017, observaremos que, entre 2013 e 2017, o aumento do interesse por cabelos cacheados ultrapassou o interesse por cabelos lisos pela primeira vez, tendo um aumento de 232% de buscas sobre o tema. O documento aponta que mulheres entre 18 e 24 anos têm passado a usar o cabelo cacheado, e que esse ato poderia estar associado a uma questão identitária e a um ato político.

As buscas pelo tema da transição capilar entre 2015 e 2017 aumentaram 55% de acordo com o dossiê. Além disso, o documento também aponta a relevância do *YouTube* nesse acréscimo na busca de mulheres para aprender a

cuidar do cabelo e a ter informações sobre beleza. Nessas buscas, 50% das pesquisas são realizadas em sites sobre cabelo. Esse dado trata apenas da plataforma *Google*, mas já indica o grande aumento de circulação de informações e do interesse pelo tema. Foi pelo próprio *YouTube* que eu passei a procurar e encontrei conteúdo sobre cabelos cacheados, por motivações completamente pessoais de cuidado com o meu próprio cabelo, e acabei por tomar conhecimento da TC em si.

Nesse processo, as referências visuais são fundamentais para a descoberta de outras possibilidades na forma de se apresentar, assim como o incentivo de pessoas que já passaram pela TC. Marianna, por exemplo, teve o apoio de “amigas pretas que” a “potencializaram a descobrir” o próprio cabelo; e, Aila foi influenciada por amigas com maior idade que acessaram informações sobre “assuntos capilares e de relações raciais” na faculdade.

No caso de Aila, a universidade esteve indiretamente presente, enquanto para Duda, Isadora e Thainá, a ideia ocorreu ou se fortaleceu com a vivência no espaço universitário. Para Duda, vemos a questão da saúde, de reflexões sobre raça e uma curiosidade pelo cabelo, partilhada por Bia. E, quanto à Duda, as discussões raciais acessadas por ela se relacionam com a vivência universitária.

Inicialmente, Duda se preocupou com a questão da saúde. Devido à faculdade, ela havia se mudado para Nova Friburgo, RJ, cidade serrana, com temperaturas mais baixas, além de ser úmida. Leva-se em conta o fator do frio, o que, segundo ela, interferia na secagem do cabelo, e, diante disso, achava “muito ruim” lavar o cabelo naquela cidade. Além disso, como era “refém do cabelo estar com o aspecto molhado”, tinha muitas crises alérgicas. Seu primeiro motivador foi a “necessidade de saúde mesmo, de não ficar com o cabelo pingando numa cidade fria”.

Duda, “em paralelo” a preocupações com a saúde e com o dinheiro para manter os cuidados capilares, começou a acessar “umas perspectivas em relação à raça”, o que a fez questionar sobre sua estética e suas vivências. Ao longo de nossa conversa, mais de uma vez ela chama a atenção para figuras como Ludmilla e Beyoncé e o papel delas no contexto das suas reflexões sobre raça. Contou-me que “tinha noção” de que era uma “pessoa preta”, mas não tinha

pensado muito sobre isso antes. E, por meio das discussões na universidade e da vivência social na época que Beyonce lança a música *Formation*, ela passa a se enxergar como “uma pessoa preta na faculdade”, e essa reflexão “motivou-a” a se perguntar como seria seu cabelo sem relaxamento.

Abaixo, apresento as imagens de Duda e de Bruna nas festas da faculdade, nas quais dançavam Ludmilla e Beyoncé (fig. 13).



Figura 13: Duda e Bruna juntas em Friburgo e indo a festas em que dançavam Ludmilla e Beyoncé.
Fonte: Duda.

Novamente, podemos entender a importância de ver mulheres negras, especialmente em posição de destaque e como ícone de beleza. Interessante apontar que as duas referenciadas, Ludmilla (fig. 14) e Beyoncé (fig. 15), aparecem mais frequentemente para o público com cabelos lisos, ondulados e compridos, ocasionalmente com cachos e tranças. O clip *Formation* se destaca na narrativa, trazendo inúmeros elementos entendidos como de cultura negra, assim como referências à história e a eventos sobre a população afro-americana (fig. 16).

A partir de Ludmilla e de Beyoncé como “referências” para Duda se pensar como “pessoa preta”, é possível depreender que a ideia de raça apresentada em grandes mídias a partir dessas mulheres tem caráter positivo e poderoso. Mesmo que ambas apresentem diversas estéticas que não (somente) o cabelo crespo ou cacheado, para Duda isso não se configura como um indicativo de “menos” negritude. Se para a interlocutora o uso do cabelo crespo/cacheado se relacionou com sua própria reflexão sobre sua identidade racial, a existência de mulheres

negras ocupando lugares de admiração para ela, independente do penteado, foi uma fonte de incentivo e motivação.

Nesse contexto, vale considerar a importância especialmente de mulheres que reivindicam elementos da cultura e da história negra, trazendo essa defesa em seus discursos. Aliás, frequentei a faculdade em momento paralelo à Duda, e também tenho a lembrança do impacto que as músicas e clips de ambas as artistas tiveram para mim e meus colegas.



Figura 14: Ludmilla.

Fonte:

<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/01/27/ludmilla-em-alta-no-externo-diz-que-vai-aprender-ingles-pela-carreira.htm> e <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/03/ludmilla-vacila-no-trap-funk-e-acerta-no-rb-eno-pop-em-novo-disco.shtml>

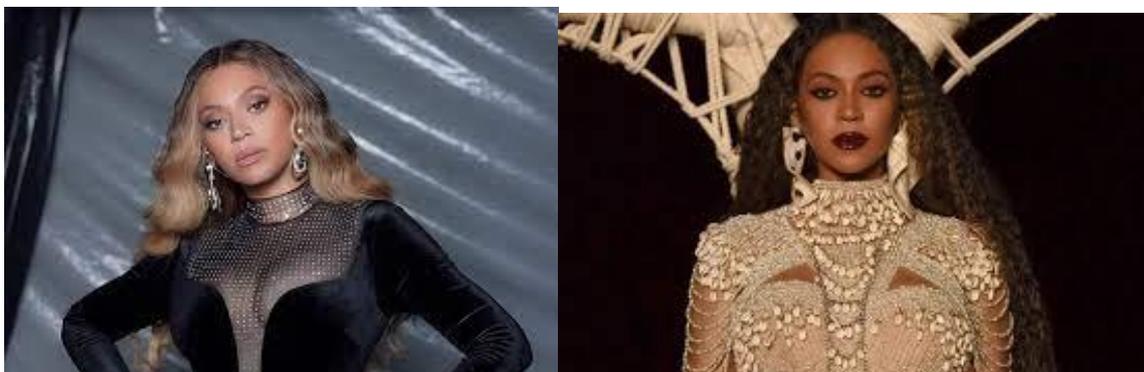
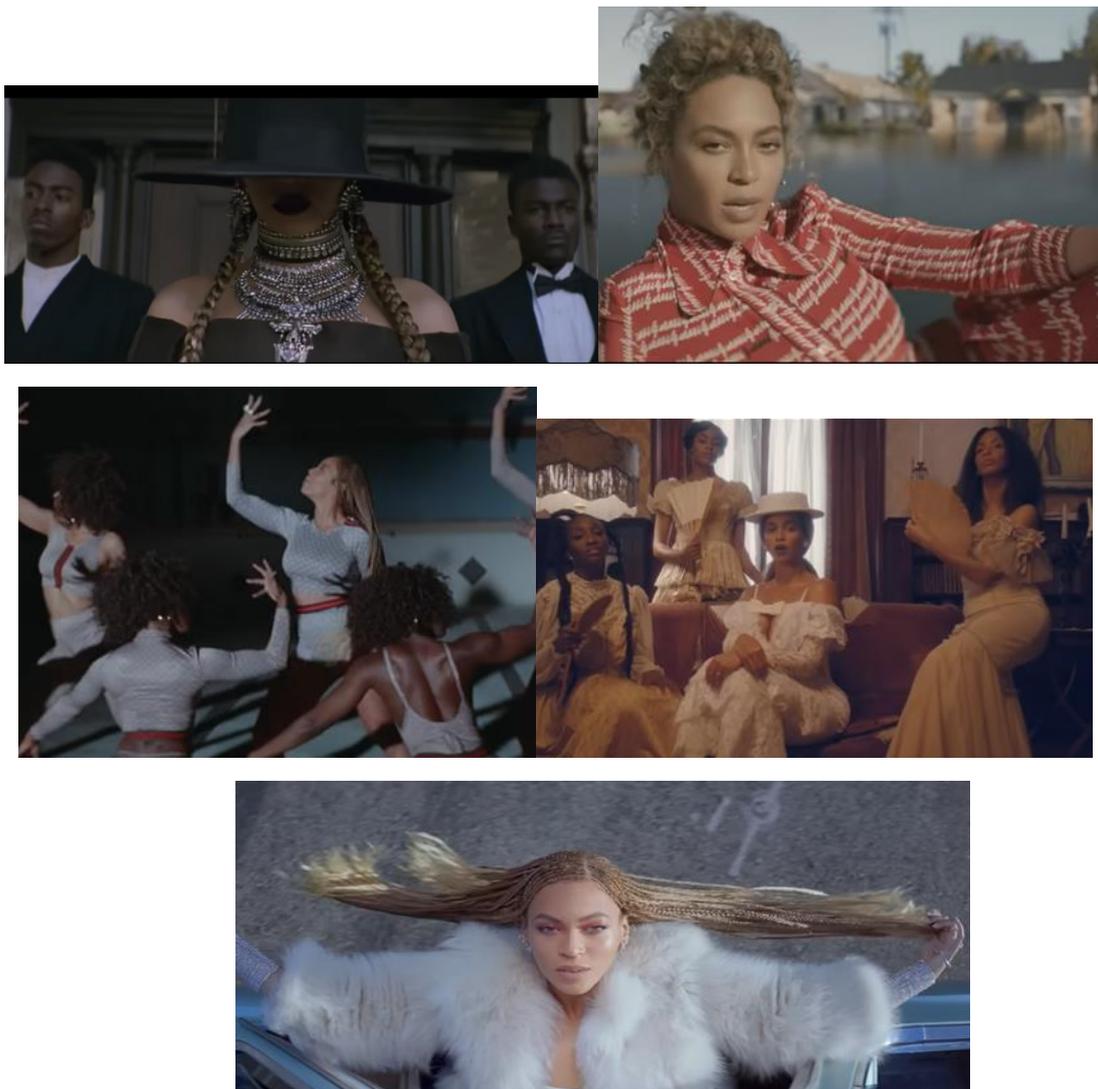


Figura 15: Beyoncé.

Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2023/12/beyonce-oferece-bolsas-para-negros-e-indigenas-empreenderem-no-brasil.html> e

<https://veja.abril.com.br/cultura/vestido-brasileiro-usado-por-beyonce-em-novo-clipe-custou-r-13-000>



Figuras 16: Mosaico de Cenas de Formation.

Fonte:

https://www.YouTube.com/watch?v=WDZJPJV__bQ

Entre todas que entrevistei, Lis e Rafaela são as mais velhas. Ambas com aproximadamente quarenta anos. É interessante pontuar que as duas iniciaram seu processo de transição de forma diferente das outras mulheres. O caso de Lis é particular por ter sido despertado em uma situação específica de racismo. Como ela me relata, a decisão pela TC foi “política”, e tomada por meio de uma série de reflexões sobre as relações raciais no Brasil. Já Rafaela vinha de um longo processo racista de silenciamento e de opressão, e sua decisão pela TC foi como um grito de socorro para se retirar desse ambiente.

Lis entende que não tinha “dado a devida importância” para a questão do cabelo, mas teve que “acordar” e começar a pensar sobre como os comentários

que ouvia quando alisava o cabelo “de fato tinha implicações”. A partir dessas reflexões, entendeu que “já estava contaminada com a ideia de que se o seu cabelo tivesse ondulado, natural, ele não ficava bonito”. A situação que foi o estopim para essa reflexão foi no trabalho, onde havia ela e outras duas meninas loiras, todas fazendo um coque no cabelo com uma caneta. Sua gerente lhe chamou a atenção, dizendo que ela tinha que “fazer alguma coisa com esse cabelo”, porque ela estava “parecendo uma lavadeira”.

Se antes alisava “por estética”, agora decidiu parar de alisar por “decisão política”. Em seu depoimento, ressalta: “a transição pra mim foi mais importante no sentido de [...] entender o que aquilo significava na prática. Eu não havia entendido. A coisa é tão forte, é tão séria, é tão pesada, que a gente vai se acostumando com algumas posturas, sabe, alguns comportamentos. Então eu percebo que eu também já tava acostumada com o comportamento de que eu ficaria mais bonita de cabelo liso. Que o meu cabelo menos crespo, menos ondulado, ficaria melhor, ficaria mais harmônico pro meu rosto. E não tinha nada a ver”.

Quanto à Rafaela, esta passou anos de sua vida trabalhando em um salão com mulheres que conhecia desde pequena. Nesta época, “pra não acabar comigo, não destruir comigo, eu tive que infelizmente viver a vontade delas. Não viver a minha vontade”, o que consistia no alisamento. Seu filho Rafael, presente no momento da entrevista, comentou que ela reclamava de muitas coisas, estava se sentindo oprimida lá, e que era um ambiente pesado. No salão, comentavam “se tá magra, se tá gorda, se a raiz tá alta”.

Rafaela me contou que alisava “o cabelo pra ser aceita e pra não ser criticada”, e no salão falavam que “tá horrível seu cabelo, você tá feia”. Ela não queria ser “chamada por trás”, por isso seguiu “o padrão”. Relatou-me: “foi um *bum* na minha cabeça. Eu mudei totalmente. Eu não quis ser mais aceita, eu não quis mais me encaixar em padrão, me encaixar em grupo. Eu não quis mais ouvir opinião alheia”.

Tanto ela quanto Rafael falam que foi “do nada”, um dia que ela se decidiu por fazer isso e fez. Todavia, o próprio filho analisa que foi “processual”, pois sua mãe vivia com “muita coisa acumulada e ela não aguentou mais”. Rafaela afirma que conseguiu se “libertar desse salão”. E, complementa: “aí eu falei ‘pronto’,

agora posso ser eu. Não vou ser criticada, não vou ser oprimida”. Decidida, então, raspou a cabeça, fez desenhos no cabelo e deixou-o crescer.

Cabe notar que ela também mencionou sobre processos mais recentes de adoecimento mental. No que tange a esse depoimento, pude interpretar que também se tratava do processo de adoecimento mental que Rafaela viveu nesse salão. Nesse sentido, é possível interpretar sua motivação como sendo um processo de libertação, como ela mesma afirma. Isso envolve uma série de condições sobre as quais sentia que tinha que viver, isto é, que sufocaram seus pensamentos e sua vontade. Ter raspado o cabelo, para ela, parece significar não só a perda do cabelo, mas sair de uma situação de opressão que ela vivenciava.

Entre essas mulheres, Lis parece ser a única cuja motivação para a TC me foi exposta como sendo inteiramente política e “identitária”, mas fica evidente como esses temas também perpassam as outras mulheres. Em ambos os casos, ou seja, tanto com Lis quanto com Rafaela, podemos afirmar que a vivência do racismo criou situações que tolheram e silenciaram esses sujeitos, que se decidem por quebrar tais circunstâncias e tomar o primeiro passo por intermédio da mudança do cabelo. Aliás, discutirei as reflexões sobre raça em mais detalhes no próximo capítulo, mas elas perpassaram os contextos de algumas dessas mulheres e foram fatores fundamentais para o questionamento do porquê apresentarem a prática estética que possuem.

Uma das experiências trazidas pela universidade também é tornar possível ver “diversidade” de pessoas com outras estéticas. É contundente o papel da instituição de ensino possibilitando aos indivíduos das mais diferentes estéticas, se verem uns aos outros, apresentando perspectivas até então desconhecidas ou incertas. E, certamente, a presença dessas diferentes estéticas no espaço universitário é uma das consequências das políticas de ações afirmativas, que possibilitou o acesso de uma população historicamente excluída do espaço universitário. Além disso, as redes sociais na internet têm destaque no fenômeno da TC pelo mesmo motivo, assim como também por permitir trocas de experiências entre as pessoas fazendo a TC e aprendizado de técnicas, produtos, acessórios etc.

Isadora, por exemplo, ao acessar novas referências na universidade, começou a se questionar: “Por que que eu tô tentando me embranquecer? Por

que eu passei tanto tempo da minha vida tentando me embranquecer?”. O cabelo “não me representava mais”, declara. Assim, começou a se sentir feia com o cabelo liso e queria mudar. Dessa vez, conseguiu fazer a TC.

Entende-se, assim, que o surgimento da ideia da TC ocorreu majoritariamente ou pela internet ou a partir de mulheres próximas, evidenciando a relevância de *ver* pessoas com outras estéticas e de ter o incentivo ou apoio dessas pessoas. Além disso, ouvir, pensar e entender sobre questões de raça e de política também se colocam como uma forma de autoquestionamento e autorreflexão sobre práticas que até então eram – pelo menos em parte – incômodas, mas estavam integradas no cotidiano. Esses dois tipos de referências, como as entendi, parecem causar uma ruptura do conhecido, apresentando fragmentos de outras possibilidades que essas mulheres começam a pensar e agir sobre.

Diante disso, dois pontos chamam-me à atenção. Primeiro, quando Isadora começa a se questionar sobre o porquê de estar tentando embranquecer, entendendo essa ação como materializada no alisamento, e, depois, quando Lis passa a entender o alisamento como uma implicação séria do racismo, entendo que ocorrem rupturas sobre como se pensava e como se agia até então, motivando a busca e a produção de novas formas de ser.

Não há uma linearidade entre os fatores que levam à decisão pela TC. Para algumas dessas mulheres, foi importante *ver* primeiro; para outras, *refletir*. A decisão foi tomada, em seus relatos, por estética ou por política, ou pelos dois – mas em meio ao contexto dessas várias referências, situações e acessos. Retrospectivamente – algumas simultaneamente –, elas entendem a própria prática de alisamento/relaxamento como uma tentativa de estar conforme as normas, o esperado ou o aceito: estar conforme o padrão branco.

O fato de todas elas, de uma forma ou de outra, terem feito reflexões sobre raça e racismo é um fator relevante para essa análise retrospectiva, e essa reflexão é indicativa de quem essas mulheres são hoje, como elas se posicionam e o que defendem. Entende-se, portanto, que mesmo o que foi entendido como estético no sentido de ser motivado por uma mudança de visual teve influências subjetivas e políticas, e vice-versa.

Retomando e observando os relatos de minhas interlocutoras, notei que algumas delas retomaram o processo algumas vezes, por diferentes motivos. Para Andressa, por exemplo, o principal incômodo era a definição, enquanto Thainá não gostava das duas texturas e da dificuldade com o cuidado em sua rotina. Realmente, as preocupações com a definição e com o modo de cuidar desse cabelo novo perpassam muitas mulheres, assim como o incômodo com o volume ou o receio sobre a curvatura do cabelo. Essas inquietações se colocam ou anteriormente ao processo da TC em si, ou durante (quando têm contato com o cabelo novo que cresce).

Ao observar o caso de Isadora, tive a informação de que tentara fazer a TC três vezes, mas quando “a raiz começava a crescer e o cabelo ficava difícil de pentear” por causa da “dupla textura”, ela se via numa situação de não conseguir sair de casa sem molhar o cabelo, o que não era possível com sua rotina. Ela desistia e fazia a progressiva porque era “mais fácil”. Ficou animada com a ideia de ver, “conhecer o cabelo de verdade”, porque só viveu o momento da progressiva, bem como a hora de tê-lo cacheado e não saber cuidar; então, nunca conhecera o “cabelo de verdade”. Todavia, conforme ele crescia, a dupla textura “atingia muito a minha autoestima”, relatou, situação que a fazia voltar atrás.

O medo da curvatura fechada e do comprimento são muito frequentes. Essa expressão se refere ao tipo de cacho ou de ondulação do cabelo, havendo uma escala do ondulado ao crespo (fig. 17 e 18). É uma linguagem muito usada em produtos para cabelo (fig. 19), assim como em vídeos para técnicas de pentear e outros cuidados. E, quando Bia menciona o cacho que é aceito e o crespo como coisas diferentes, ela se refere a essas distintas curvaturas e à aceitação social de cada uma.

Existe uma discussão difusa na internet que acessei de forma pontual e pouco sistemática sobre como essas curvaturas têm se tornado categorias com pouca materialidade e com certo grau de limitação, pois muitas de nós têm mais de um tipo de cacho na mesma cabeça, e limitar-se somente a essa classificação não considera a realidade total do nosso cabelo. Apesar disso, essa especificação é amplamente conhecida e utilizada.

Cruz (2017) aponta a diferença de cabelos que existem, e, por consequência, a insuficiência de uma tabela para classificá-los. A autora traz o conceito de texturismo (que recentemente passou a se fazer presente em minhas redes sociais nos conteúdos sobre o tema) para discutir uma hierarquia dos tipos de cachos, sistematizada inicialmente pelo cabelereiro de Oprah Winfrey, Andre Walker (*op. cit.*, p. 130). Ela também aponta como os cabelos mudam ao longo da vida, a depender da forma que se penteiam e dos produtos que se utilizam nele.

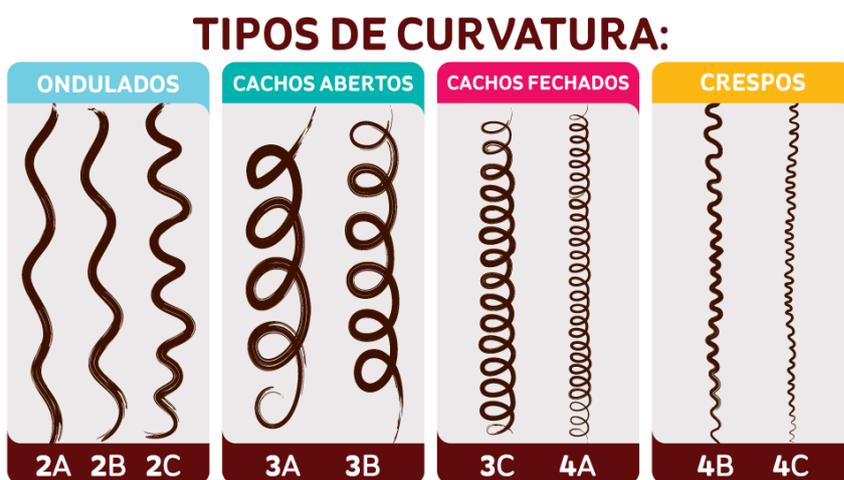


Figura 17: Ilustração de tipos de curvatura.

Fonte: <https://blog.belezanatural.com.br/blog/como-descobrir-a-curvatura-dos-cabelos-crespos-e-cacheados/>



Figura 18: Exemplos de tipos de curvaturas.

Fonte: <https://www.admiravelfeminismo.com.br/2020/06/curvaturas-dos-cachos-qual-o-seu-tipo.html>

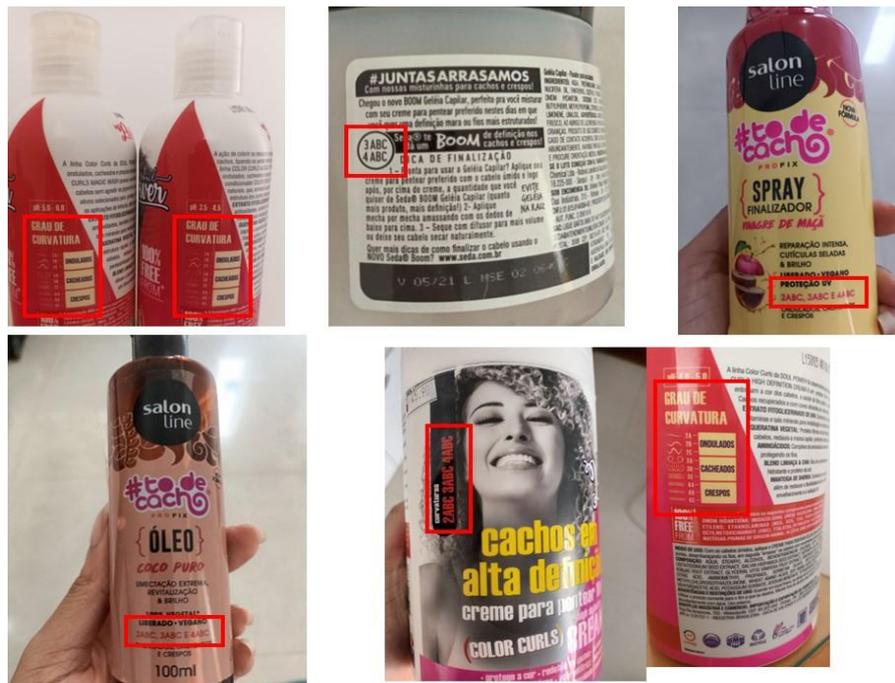


Figura 19: Produtos com indicação dos tipos de curvaturas para os quais são destinados.
Fonte: autora.

Não saber pentear ou cuidar de um cabelo crespo/cacheado também surge como uma preocupação. Algumas, por exemplo, consideram complicado ter o tempo necessário para o cuidado no dia a dia. Achar-se e ter outras pessoas tendo a mesma opinião a respeito delas foram duas preocupações recorrentes. Portanto, percebem-se que não somente a autoimagem é importante para essas mulheres, mas também há uma apreensão com a aceitação de terceiros.

3.2 Vivendo a TC

Realizar a etapa do BC, ou não, é uma decisão a ser tomada. O *big chop*, o grande corte, seria o corte das partes do cabelo ainda com química. Algumas mulheres preferem deixar o cabelo crescer e conviver com duas texturas (fig. 20 e 21) por receio de usar o cabelo curto, enquanto outras entendem que o incômodo com as duas texturas é maior do que o medo de ter cabelo curto.

O BC pode ser entendido como um estopim ou uma solução para alguns desses receios, e diferentes mulheres lidam com ele de diferentes formas. Para algumas, está a problemática do cabelo curto, e, para outras, o procedimento soluciona o cabelo com dupla textura.



Figura 20: Cabelo cacheado com duas texturas.

Fonte: <https://curlydiamond.blogs.sapo.pt/como-disfarcas-duas-texturas-num-12989> e <http://asnaturebas.blogspot.com/2015/07/tudo-sobre-transicao-capilar.html>



Figura 21: Cabelo crespo com duas texturas.

Fonte: (a) <https://cachosefatos.com.br/2016/09/as-5-perguntas-mais-comuns-sobre-transicao-capilar.html> e (b) <https://cidacachos.wordpress.com/2018/01/19/o-temido-big-chop-bc/>

Segundo Camargo (2019), suas interlocutoras apontaram terem sofrido com atitudes preconceituosas quando usavam cabelo com duas texturas. Uma delas, por sinal, apontou que esse é o momento mais difícil da TC, considerando que não se adequava com os padrões estéticos e por não haver revistas e meios afins expondo esse tipo de estética (*op. cit.*, p. 122). Esse momento é a separação entre dois estados, explica Gomes, L. (2017), ao observar o conceito de liminaridade de Van Gennep; uma de suas interlocutoras, inclusive, afirma se tratar do momento do “cabelo confuso” (*op. cit.*, p. 80).

Para Amorin *et al.* (2020, p. 25), o BC é uma “ruptura com a forma de vida anterior e a mudança necessária para se adaptar às novas situações, isto é, rompimento de uma determinada rotina”. O BC, então, se configura como um

estranhamento, pois há essa percepção de não se encaixar em nenhum estado, ou seja, trata-se de um momento simbólico do processo da TC.

Dentre aquelas que fizeram o BC, vários questionamentos e preocupações surgem: comprimento, beleza, ser atraente, a opinião dos outros, estar feminina e como cuidar do cabelo. Em relação ao comprimento, muitas dessas mulheres objetivam como o cabelo ideal. Poucas viveram o cabelo curto e gostavam dele assim, de forma que o BC apresentava uma novidade que não era, necessariamente, algo que elas queriam viver.

Estar careca ou com o cabelo muito curtinho foi uma situação que poucas viveram. Rafaela T fez o BC e achou “horrível” e “chocante”, mas depois entendeu que “era necessário”, mesmo não tendo gostado. Mariana traz a sensação de “liberdade” ao fazer o BC. E, de todas as mulheres que conversei, foi a que trouxe relatos mais positivos sobre a experiência. Outras mulheres decidiram esperar o cabelo crescer um pouco para fazer o BC, tendo a vivência de um cabelo curto, mas não extremamente curto ou careca.

Muitas vezes, o BC se configura como uma escolha e uma experiência difícil – o que demandam “coragem”. Bruna me contou que, até hoje, “cortar... um caso sério esse negócio de cortar, só Jesus”. Existem incômodos que são balanceados para fazer tal escolha e novos cenários para se aprender a lidar.

Apesar de não ter sido a única mulher a relatar a experiência negativa do BC, de não conseguir se olhar no espelho ou sair de casa, destaco o relato de Bruna sobre como foi realizar o BC e os reflexos que tal decisão gerou, pois nessa conversa pude refletir sobre os temas aqui tratados. Porém, especificamente, pude sentir e lembrar da experiência de ser “coisificada” e de como isso gera uma sensação desagradável e alienante de si.

Bruna, em abril/maio de 2016, cortou o cabelo no ombro a fim de “já ir deixando acostumar com ele curto”, mas ainda com química, disse ela. Não cortou mais e estava um cacheado bem bonito e curto. Conforme o cabelo crescia, começou a dar muita diferença de textura, “de uma forma que não tava dando mais”. Então, quando fez “quatro dedinhos” de crescimento – cerca de um ano de cabelo natural – ela cortou.

A experiência de cortar foi “horrrível. Me traumatizou”, desabafou Bruna. Ela não cortou em salão especializado – até porque não conhecia nenhum em Friburgo. Cortou em um lugar em que todas as pessoas eram brancas. Na época, estava “construindo aquilo na minha cabeça”; então, “ainda tava entendendo o cabelo”. Foi cortar em uma escola técnica onde os estudantes que cortavam o cabelo de graça ou com valor simbólico. “A menina começou a pegar meu cabelo como se ela tivesse mexendo num macarrão embolado [...] como se ela não soubesse o que fazer e deixando isso bem visível. O desespero no rosto dela”. Começou a cortar “sem forma, sem nada” e ela lembra da menina falando para supervisora que “não sabia o que fazer”.

Diante da situação desagradável, Bruna ficou “extremamente mal”. Desabafou: “Minha vontade era de chorar. Porque eu já tava passando por um momento difícil que era cortar o meu cabelo, e a pessoa fala que não sabe o que fazer como meu cabelo, sabe”. Na hora pensou: “Nossa, eu também não vou saber o que fazer com o meu cabelo. Ninguém sabe o que fazer [...]. Ela cortou de uma forma que parecia que ela tava com nojo do meu cabelo, tanto que ela cortava com uma cara – eu lembro da cara que ela tava fazendo”.

Bruna afirma que, realmente, estava se sentindo “muito feia” logo depois do BC: “A sociedade fala pra gente que cabelo bonito é cabelo grande, é o cabelo cacheado ou liso. Então eu tava me sentindo horrrível. Eu mal me olhava no espelho”. Ela refletiu que “se você só vai ficar dessa maneira, então é melhor passar química do que ficar de cabelo cortado dentro de casa “chorando, sem sair”. Estava “realmente insuportável”.

A experiência de ficar careca é vivida pela personagem Violet, do filme *A Felicidade Por Um Fio*, mencionado no capítulo anterior. A situação que a leva a estar careca é outra, mas a personagem passa por preocupações e mudanças paralelas àquelas que fizeram o BC. Ao longo de sua vida, manteve o cabelo alisado, e é mencionado no filme sua preocupação com chuva e humidade. Quando adulta, em seu aniversário, pensou que seu namorado ia lhe pedir em casamento, o que não aconteceu. Ela passa por um momento de choque, e o filme se desenvolve com Violet repensando sua vida e entendendo formas de viver com mais liberdade.

Esse filme é dividido em partes, nomeadas pelo tipo de cabelo que a personagem está usando em determinadas fases de sua vida. Imediatamente após a decepção do não pedido de casamento, ela corta o cabelo e fica loira, iniciando a fase Loira do filme. E, ao encontrar o ex-namorado em um novo relacionamento, ela retorna para casa depois de um dia com muitos percalços, o cabelo molhado pela chuva e cacheado.

Violet fica bêbada em casa e, ao se olhar no espelho, tem um momento de surpresa quando vê seu cabelo crespo completamente armado – o oposto do que ela se esforçou para manter a vida toda. Quando tenta passar um pente, este não passa, e ela se desespera. Puxa o cabelo e o observa no espelho, como quem não aguenta mais. De forma impulsiva, começa a passar a máquina do antigo namorado no cabelo, e ao tirar as mechas, ela gargalha e chora (fig. 22). A sensação na cena é de uma mulher que se liberta, depois de ter passado a vida toda preocupada com regras e em agir de forma “correta”, mas também de alguém chocado por estar fazendo aquilo, e começa a fase Careca do filme.

Ela acorda de ressaca e careca (fig. 23). Quando se olha no espelho, solta um grito de choque. Sua mãe lhe visita nesse mesmo momento, e, ao vê-la daquele jeito, desmaia de choque. E, ligando depois para o pai, a fim de saber do estado da mãe, ele confirma que ela está bem e lhe informa que está “convencida” de que a filha é uma “lésbica”. O pai lhe diz que “mostra mais do seu rosto lindo” e que ele não acha que ela fez isso por “impulso”, mas que era um processo que já estava acontecendo. Ele termina dizendo que ela ficará bem e que tem uma “cabeça linda”, fazendo-lhe sorrir.

É importante ressaltar que entre a escrita do capítulo anterior e deste, a Netflix, plataforma em que acessei o filme, passou a utilizar uma ferramenta que impede a captura de tela. E, em razão disso, a qualidade das imagens, infelizmente, diminuiu.

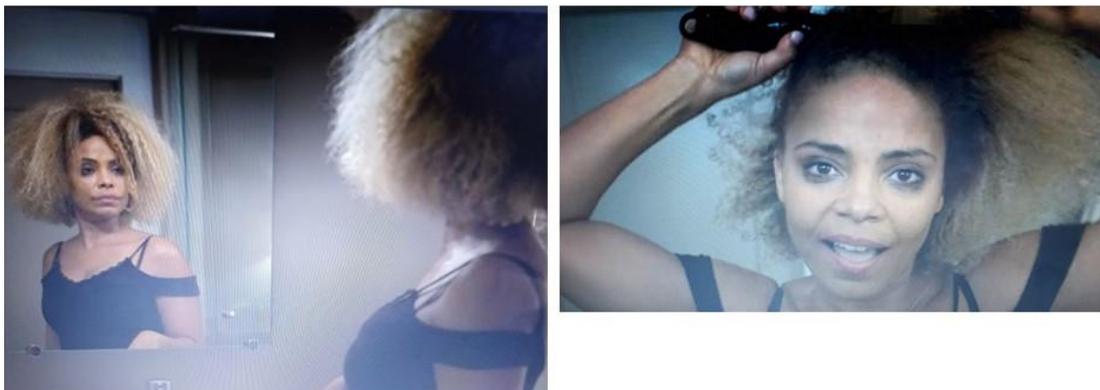


Figura 22: Cena de Violet raspando o cabelo.
Fonte: Netflix.

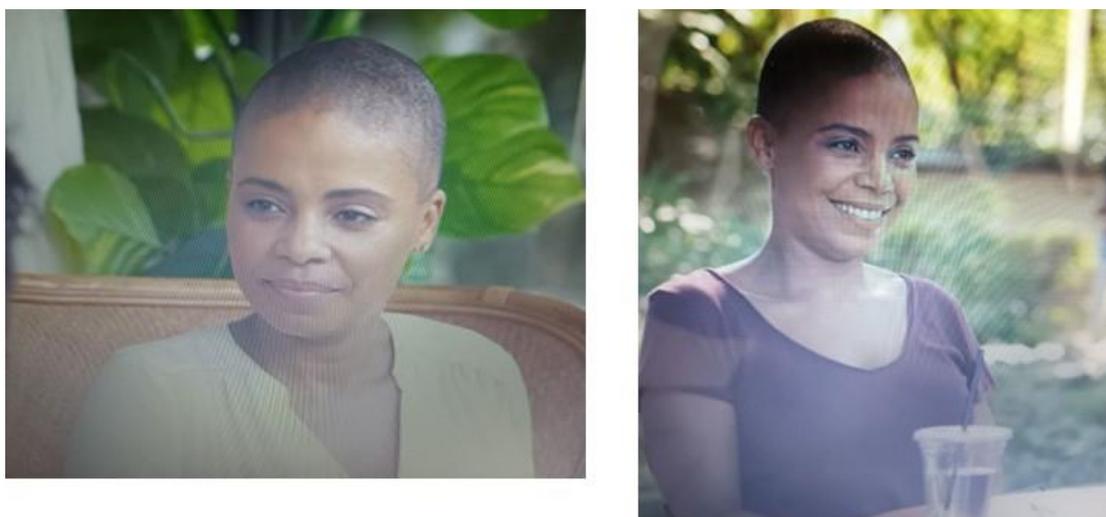


Figura 23: Violet careca.
Fonte: Netflix.

Quando sai de casa, Violet tenta usar lenço. Também é possível observar uma grande diferença nas roupas e na maquiagem, em sua aparência em geral, assim como em sua postura, em sua própria forma de andar. Em certa ocasião, uma mulher lhe trata como se tivesse câncer, e ela acaba parando num grupo de mulheres com câncer sem saber, o que a deixou muito constrangida. Diante disso, entendemos que ela vive um momento fragilizado, de pouca confiança, mas depois desse constrangimento, passa a usar a careca à mostra, e podemos observar a reação de choque e de incentivo das pessoas.

Existem outros desdobramentos relacionados ao trabalho, no qual sua nova aparência cria mudanças e situações novas, e ela afirma não querer trabalhar na publicidade de produtos de beleza: “Não quero ter nada a ver com

beleza agora”, assim, consegue uma chance de trabalhar em outra área. Suas amigas reagem e chamam-na de linda e ficam curiosas sobre como é acordar e não precisar “se preocupar com o cabelo”.

No trabalho, em seu novo projeto, Violet tenta coisas que nunca tentara. É notório também seu desenvolvimento quanto às suas relações pessoais, românticas e familiares. Sendo assim, é possível enxergar a personagem com novas posturas e posicionamentos, tentando coisas novas, demonstrando novas sensações. Ressaltam-se, portanto, nessa parte do filme, como fica evidente a conexão entre a aparência e a subjetividade, assim como de que modo uma implica na outra: suas preocupações e desgostos com estar careca e o desenvolvimento de uma forma mais tranquila e menos regrada de viver.

Cumprir observar que a preocupação com a beleza perpassa todas as fases da TC, e esta é associada ao cabelo comprido e sem volume. Ademais, são muito comuns o medo de estar feia e a angústia de se pensar como tal. Por sinal, existe uma associação evidente entre essa ideia de beleza e a ideia de feminilidade, e o cabelo comprido parece ter uma correspondência com tudo isso.

Nas palavras de Wolf (1992), o chamado mito da beleza tem sido usado como uma “arma política” contra a mulher, exercido como controle social (*op. cit.*, p. 12-13). A autora entende que, com a ascensão das mulheres na década de 1990, os mitos da “maternidade, domesticidade, castidade e passividade” (*op. cit.*, p. 13) perderam a força como instrumentos de coação social e, em seu lugar, surge o mito da beleza como forma de manter os corpos das mulheres como não-livres.

Wolf (1992) entende coação também como “ameaça de perda da oportunidade de formar vínculos com os outros, de ser amada e de continuar a ser desejada” (*op. cit.*, p. 345), de forma que o mito da beleza nos prende, como mulheres, mais do que a pura estética. Esse mito tem natureza política e, para essa pesquisadora, seu verdadeiro problema é a falta de opção que temos em relação aos nossos corpos e vidas, pois se a opção for entre “sobreviver ou perecer”, não haverá uma escolha efetiva (*op. cit.*, p. 344).

A propósito, quando Iris teve a experiência de se ver como bela pela primeira vez causou um impacto tão grande que ela ficou vidrada no espelho, e

sua avó estranhou e incomodou-se. Esse foi um evento marcante em sua vida, demonstrando como sua percepção de si, até então, não se associava a essa qualidade. Em seu caso, essa observação ocorreu quando colocou tranças pela primeira vez (fig. 24). Vale notar que, no meu caso, isso aconteceu da mesma forma. Tenho duas memórias muito marcantes de ter me sentido bonita duas vezes desde o começo da adolescência. A segunda foi quando coloquei tranças pela primeira vez, e, como Mariana no BC, fiquei tão animada que coloquei um batom e brincos grandes na primeira vez que saí de casa com esse cabelo.



Figura 24: Iris com suas primeiras tranças. Fonte: Iris.



Figura 25: Momentos nos quais me senti bela - (a) Meu primeiro grande corte de cabelo; (b) minhas primeiras tranças. Fonte: acervo pessoal.

Observemos, em detalhes, o relato de Iris:

“Eu só comecei a pensar assim ‘hoje eu estou bonita’ já foi tipo assim, na faculdade depois de ter colocado a primeira trança. Que aí foi quando eu me senti, assim, muito bonita. Muito bonita mesmo. Que aí eu fiquei tipo assim ‘cara, não acredito que eu tenho esse rosto aqui, não acredito que sou eu essa pessoa’ e aí a minha vó começou a reclamar muito comigo [...]. ‘cara, tá me dando nervoso, você não sai da frente desse espelho’ [risos]. [...] e ela brigou comigo mesmo, ‘sai da frente do espelho’, e eu fui e falei assim ‘olha’ – foi a primeira vez que eu falei isso com ela e eu acho que ela entendeu – eu falei assim ‘Olha, você tem que entender que é a primeira vez na minha vida que eu me sinto bonita. Então eu vou ficar olhando toda hora’.”

Comigo, lembro-me da primeira vez de olhar no espelho e sentir-me bonita. Foi, quando também pela primeira vez, cortei o cabelo curto (fig. 25a). Eu usava-o cacheado bem grande, e muito preso. No dia do meu aniversário de quinze anos, no mesmo dia da minha colação de grau do Ensino Fundamental, fui para a escola de cabelo grande pela manhã. Depois do almoço, fui ao salão e pedi que minha cabelereira o cortasse na altura dos ombros. Ela hidratou, cortou e fez uma maquiagem.

Quando voltei para a escola à noite, arrumada e de cabelo curto, senti-me linda. Estava muito feliz de olhar no espelho e amei o cabelo curto. Lembro-me até hoje da sensação de me ver com o cabelo novo e a maquiagem no espelho do salão, e depois, estando toda arrumada, do alvoroço que causei na escolha (teve comentários que me deixaram insegura, mas eu estava genuinamente mais feliz do que com o cabelo anterior).

Anos depois, no segundo ano da faculdade, tive esse choque de novo. Nos anos entre esses eventos, voltei a desgostar do meu cabelo – e da minha aparência no geral –, e, quando decidi colocar as tranças pela primeira vez, fiquei completamente impactada (fig. 24b). Eu me senti bela e mulher de um jeito novo. Foi uma sensação incrível.

Wolf (1992) afirma que a objetificação e a desqualificação das mulheres é acompanhada da criação de padrões e armadilhas, utilizando imagens de beleza contra as mulheres, que também produzem diferentes tipos de segregação entre as mulheres. Por sua vez, Gomes, N. (2019) argumenta que esses padrões também têm caráter discriminatório, de forma que são usados para excluir e

hierarquizar pessoas. A beleza é, então, usada em “seu oposto” (*op. cit.*, 312), que é a feiura, e ambas atuam na exclusão e na inclusão.

É relevante pensar que a preocupação com a beleza tem repercussões que se relacionam sobre a forma como somos percebidas e tratadas. Desse modo, estar com o cabelo muito curto é uma possibilidade de ser colocada no lugar da feiura, como o cabelo crespo/natural também foi (é?). Por sinal, a maioria das mulheres com quem conversei se relaciona com homens, e o olhar desse grupo sobre elas é uma ameaça de ser colocada no lugar da feiura. Nesse contexto, o cabelo curto se torna um problema.

Como exemplos, Aila quase não cortou o cabelo porque seu namorado na época não gostava de mulher de cabelo curto. Bruna ficou meses sem sair e, quando voltou, foi de forma menos “solta”, entendendo que os rapazes demonstravam menos interesse nela e, mesmo que alguém a abordasse, pensava: “Não, não é possível. Como que você quer ficar comigo com esse cabelo?”. Diante disso, sentia-se “menos atraente” e “sensual” por conta do cabelo, causando “traumas” nas questões mais íntimas.

Nesse contexto, muitas mulheres utilizam de diferentes estratégias para disfarçar o cabelo curto e ficarem mais “femininas”, tanto buscando uma aprovação externa, quanto tentando aumentar a própria autoestima. Ocorre, sobretudo, o investimento no uso de acessórios, como brincos, faixas e maquiagem. Como Duda fala, essas estratégias são usadas como uma espécie de compensação de algo que se perde com o corte do cabelo.

Como o cabelo ficou muito curto, Duda estava “um pouco menos segura”. Hoje, ela lembra que havia um padrão de usar brincos muito grandes quando mulheres negras cortavam o cabelo. Ao seu ver, “pareceu que a gente sentia falta de alguma coisa que trouxesse, né, um volume, sei lá, uma feminilidade”, e ela fez o mesmo na época, começando a usar muita argola e brincos coloridos, lenços, talvez pela “falta de sentir o cabelo tocar no ombro ou de ficar parecendo mais masculina”.

Duda também tentou fazer penteadinhos. Entende que isso foi “em parte” porque “tinha que suprir essa feminilidade e, em parte,” porque passou “a consumir coisas mesmo em relação à maquiagem, estilo”. Explica ainda que,

antes, era apática e não sabia usar, não tinha muitos produtos para ela. “Juntou” tudo para si, para aprender sobre fitagem, a como usar base, a usar batom, “pra dar uma mascarada na insegurança do cabelo”.

Esse consumo sobre conteúdos de beleza move uma indústria estética de crescimento exponencial. Muitas mulheres que produzem conteúdo na internet sobre cabelo ensinam sobre penteados e amarrações de lenços e turbantes, mas também tratam de maquiagens, produtos de perfumaria, manicure e cuidados com a pele. Aliás, na época do BC, é costumeiro consumir conteúdos sobre técnicas capazes de ajudar no crescimento do cabelo, desde produtos a receitas com ingredientes caseiros; por sinal, uma parte do cuidado com o cabelo nessa fase envolve fazer o cabelo crescer.

O BC aparece, portanto, como uma solução geradora de outros problemas. Se ele resolve o problema da dupla textura, cria a adversidade do cabelo curto – com várias outras consequências. Existem aquelas mulheres que se sentem libertadas pelo BC, indicando como esse momento pode ter interpretações diversas. Tive mais acesso a essas mulheres em redes sociais, e a partir daí pude entender que não ter um cabelo para ter que cuidar é visto como positivo e, além disso, essa experiência cria uma outra conexão com o rosto, a beleza facial e o corpo, e muitas passam a se enxergar como belas sem precisar do “suporte” do cabelo, ou seja, como Isadora diz, elas conseguem “sustentar a beleza com o rosto”.

Outra questão bastante relevante é o fato de que, devido ao estereótipo da mulher homossexual ter cabelo curto, o BC também se mostra capaz de trazer tensões nas relações familiares (Cruz, 2017, p. 140). E, independente de as mulheres terem ou não essas relações, essa acusação e preocupação é apontada por alguns familiares. Portanto, do mesmo modo que existe a expectativa de uma apresentação de feminilidade por parte dos homens com quem elas se relacionam, há expectativas familiares sobre o papel social da mulher e quais comportamentos e formas do corpo são aceitos.

A construção de uma ideia de mulher e de feminilidade reforça essas expectativas, que naturalizam determinado tipo de cabelo nos corpos femininos. Como Duda insinua, a feminilidade perdida com o cabelo precisa ser buscada em outros elementos, como a maquiagem e os acessórios. Vale dizer, portanto, que

o reforço de uma acepção do comportamento adequado da mulher, e da forma como devemos apresentar nossos corpos. Os familiares de Aila, por exemplo, lhe disseram que ela parecia um “moleque macho”.

Outra de minhas interlocutoras, Luz, entendia que tinha o rosto “infantil”, e o cabelo curto aumentava essa característica. Além da infantilização do rosto, o BC a fez sentir que estava seguindo o “estereótipo de sapatão masculinizada”, o que para ela não era um problema, mas para “sociedade, as pessoas, principalmente” para a sua “família, era”, o que acarretou uma “certa crise com a aparência”.

A mulher de cabelo mais curto ameaça o sistema de sexo/gênero ao se deslocar para além das fronteiras estipuladas para a feminilidade, e a reação social disso pode ser a estigmatização e a perda de relações sociais. Diante desse cenário, durante a TC, para se evitar usar o cabelo com duas texturas e evitar o BC, muitas pessoas usam o recurso da trança. Algumas não tinham acesso a essa possibilidade, enquanto outras tiveram e a utilizaram.

Note-se que o uso das tranças surge como uma ferramenta para “esconder” o processo – as duas texturas, o comprimento – ou para auxiliar na espera pelo crescimento entendido como adequado do cabelo. Ela também é entendida como mais aceita socialmente. Contudo, também é objeto de receio, pois há a possibilidade de que ela remeta ao cabelo grande e liso, e isso crie uma nova dependência. No caso de Marianna, esta entende que seus familiares “gostam muito de tranças, né, como bons brancos. Porque o cabelo fica pra baixo” e “eles acham muito adequado porque é comprido, é sempre pra baixo”.

Parece que, para algumas dessas mulheres, a presença de um cabelo reto e comprido novamente remeteria à época de alisamento, o que poderia fazê-las desistir do processo da TC. Esse pensamento demonstra um receio e uma fragilidade desse processo, um medo de querer e de voltar ao estado anterior de cabelo com química e acabar se enclausurando nele, especialmente entre aquelas que tiveram dificuldade para começar e continuar o procedimento. A trança, nesse caso, se configura como uma solução para estéticas indesejadas, para reações negativas de terceiros e para a sensação de cuidado trabalhoso e que toma tempo.

Durante a TC, ao acessar inúmeras páginas e blogs sobre isso, existe uma profusão de técnicas, produtos e conhecimentos sobre cabelo que são descobertas e acessadas. A curvatura do cabelo é uma delas, outra são as técnicas e receitas para auxílio do crescimento capilar no BC. Além dessas, uma abordagem muito utilizada e que cresceu muito nos últimos anos é o *no poo/low poo*, inicialmente criada por Lorraine Massey para cabelos ondulados, cacheados e crespos no começo da década de 2000. Essa técnica envolve evitar produtos com derivados de petróleo, sulfatos e silicones insolúveis (Bueno, 2017, p. 35), entendidos como prejudiciais à saúde.

Os artigos sem esses elementos são chamados de “produtos liberados”. Sobre eles, entende-se que são mais apropriados para os cabelos crespos e cacheados devido às diferenças entre oleosidade e porosidade em relação ao cabelo liso. Essa técnica foi inicialmente relacionada a esse tipo de cabelo, mas pode ser usada por qualquer pessoa. Além disso, o uso desses produtos denota também uma preocupação com a saúde capilar e do couro cabeludo.

Dentre os fatores observados ao se comprar um produto para os cabelos, Bueno (2017) aponta que são observados três pontos: a) se o produto é ou não liberado (demandando conhecimento de termos mais técnicos e, às vezes, uma leitura cuidadosa do rótulo); b) o valor do produto (pode haver grande variação entre produtos parecidos); c) a marca (trata-se ou não de uma marca que apresenta credibilidade e experiência com cabelos crespos e cacheados).

Levando em conta, como público-alvo, as crespas e cacheadas, recentemente foram lançados muitos produtos, oportunidades bem diferentes da realidade vivida por elas há poucos anos. Muitas marcas surgiram com esse propósito, enquanto muitas tradicionais passaram a apresentar também linhas para esse público e para aquele especificamente em transição. Aliás, um grupo considerável de mulheres seguiu usando essa técnica após a transição.

Essa descoberta da população negra como mercado consumidor, aponta Figueiredo (2002), ocorreu por meio de produtos para o corpo, e a atual dimensão econômica do debate chama atenção devido às tentativas do mercado de corresponder às expectativas desse grupo de consumidoras atentas a produtos específicos. De outro modo, é possível considerar que o aumento de

consumidores/as e de artigos desse tipo movimentam “renda, trabalho, diversão, arte, tecnologia e informação” (Mattos, 2015, p. 12), atingindo tanto pequenas quanto grandes empresas, direcionadas ao que é considerado um mercado étnico ou afro ou não.

Junto ao movimento *no poo/low poo*, somam-se a preocupação com o meio ambiente e a crueldade animal, de forma que passou a ser comum que os produtos indiquem pertencerem ao grupo de veganos, se foram testados em animais, como também se foram desenvolvidos de forma sustentável. Em suma, hoje, ao se buscar um produto para o cabelo, observam-se: para quais curvaturas são destinados, se são liberados, se testados em animais, se veganos, se são 100% vegetais, como ainda se estão entre os sustentáveis. Existem também variações sobre como esses artigos e técnicas podem ser usados, assim como discussões sobre a veracidade na questão da saúde dos produtos liberados e veganos. De toda forma, como há demanda, é muito recorrente ver que as marcas indicam sua relação com esses temas em seus rótulos (fig. 26).



Figura 26: Produtos que indicam se são liberados, veganos, sem crueldade animal etc.

Fonte: autora.

Além da curvatura capilar, técnicas de crescimento e *no poo/low poo*, existe uma gama de técnicas de cuidado capilar. Nesse sentido, o cronograma capilar se refere a processos de hidratação, de nutrição, bem como de reconstrução, organizados em uma determinada ordem para serem realizados sistematicamente, garantindo a saúde e a aparência do cabelo. As técnicas de lavagem envolvem os produtos que se usam, a ordem para usá-los e os movimentos que devem ser feitos no couro cabeludo e nos fios, enquanto as de finalização se referem a como desembaraçar/pentear/escovar e arrumar o cabelo pós-lavagem, muitas vezes tendo foco em mais ou menos volume, mais ou menos definição, um cabelo com divisão marcada ou não e ter os cachos mais soltos.

Existem as técnicas de *day after* e de revitalização, isto é, aquelas possíveis nos dias nos quais não se lava o cabelo, e, partir daí, busca-se executar as possibilidades de arrumação, considerando estar mais sujo, mais amassado e com o aspecto menos definido ou mais volumoso. Existem, nesse caso, dicas sobre como dormir: amarrações específicas para garantir definição e o uso das toucas de cetim. Há também processo de umectação ou banho de óleo noturnos.

Enfim, muitas informações sobre como cuidar do cabelo nos seus diversos momentos cotidianos. A divulgação desse conteúdo ganha a proporção que ganha a partir do uso da internet e das mídias sociais. Por essa razão, penso que esse fenômeno que chamamos de TC ocorrido neste milênio deve ser analisado a partir dessas tecnologias de comunicação.

Camargo e Medeiros (2019), Gomes, L. (2017), Mattos (2015), bem como Melo e Moita Lopes (2014) são alguns pesquisados que pensam sobre a relação entre as mídias sociais e o processo da TC. Por sua vez, Fonseca (2016) entende que a TC é registrada e publicizada nas redes como uma “construção histórica pessoal e de memória” (*op. cit.*, p. 37) e, ao ser compartilhado em mídias, torna-se uma ferramenta de informação e de representação política.

Entre as mulheres que fizeram o BC, existe a questão de aprender a cuidar do cabelo curto. E, entre aquelas que não fizeram, existe o cuidado do cabelo com duas texturas. Nos dois casos, conforme o cabelo cresce, e o novo ressurge, existe o sentimento de não saber o que fazer com ele. Mesmo acessando esses diversos conteúdos nas mídias sociais, as primeiras relações com o cabelo são

permeadas por estranhamento. Não apenas se encara um desconhecido, mas há uma idealização sobre como ele será e como deve ser a forma de cuidar dele.

Existe um grande investimento de tempo na manutenção da saúde e de sua estética, muitas vezes desejando que ele tenha determinada aparência. Ocorre uma mudança da rotina para encaixar essas práticas de cuidado no cotidiano, o que para algumas é um espaço prazeroso, enquanto para outras vira oneroso. Detalharei mais esse debate no próximo capítulo, mas no que tange ao processo de estar em transição capilar, o processo de aprendizado de novas técnicas e a tomada de conhecimento de novos produtos é uma etapa recorrente e essencial, assim como a descoberta do cabelo.

Ocorre o uso de muitos produtos e o investimento de tempo no aprendizado e na aplicação de práticas de cuidado. Duda, por exemplo, ao passar pela descoberta de uma nova fase, disse: “Como que eu vou pentear esse cabelo?”. Estavam em questão também quais eram os produtos que usaria, pois o cabelo estava com “mil texturas”. Não imaginava como o cabelo seria porque ela não conhecia o cabelo, e foi isso que lhe trouxe motivação. Não tinha um “ideal, só tinha curiosidades pra saber como era o meu cabelo de verdade”, disse Duda. Conforme a raiz crescia, reparou que a raiz do seu cabelo “era melhor do que meu cabelo que tava sendo relaxado”, pois era cacheada e definida. “O que eu tinha era melhor do que o que eu tava buscando”.

Diante desse quadro, Duda começou a “gostar de coisas com relação a beleza”, procurava e testava diferentes tipos de produto, e foi “começando a gostar do cabelo. “[...] caraca, meu cabelo enrola! E aí eu fiquei surpresa, porque eu achava que meu cabelo não gerava cachos, e aí eu tinha que ir no Beleza pra soltar o cacho, e o aspecto que eu queria, né, que era de você puxar e o cabelo fazer aquele *to-nho-nhoim* e voltar, era o meu cabelo”. “A gente não sabe nem pentear o próprio cabelo, a gente passa por essas coisas”.

Enquanto o cabelo alisado/relaxado se vendia como prático e nem sempre era, o cabelo crespo/cacheado é desconhecido nesse quesito, mas a partir dos conteúdos virtuais se cria uma ideia de como é esse cuidado. Viver isso no cotidiano é, entretanto, outra coisa, e existe o tempo e o acesso a produtos que

muitas blogueiras têm; porém, nós, não. Sendo assim, viver esse momento é um verdadeiro aprendizado sobre o próprio corpo e como encarar e cuidar dele.

A TC não é um processo fácil, como também não é rápido. Muitas vezes, é mais difícil do que se imaginava ao tomar a decisão de vivê-la. Descortina muitas experiências novas com as quais se deve aprender a lidar. “Não é da noite para o dia que nos tornamos uma crespina ou cacheada. É preciso coragem. É preciso uma transformação no *self*. Um preparo, uma espera. É preciso tempo” (Cruz, 2017, p. 139). Esse processo é acompanhado de muitos sentimentos, que podem, inclusive, serem ambíguos. Vimos em muitas falas a necessidade de se ter *coragem* para fazer certas coisas, o *receio* de viver certas experiências, o *medo*, a *resiliência* para se acostumar com outros estados do ser.

Entendendo, a partir de Mauss (1980) e Lebreton (2019), que os sentimentos e suas expressões são fenômenos sociais, e, portanto, ocorrem a partir de um regramento socialmente construído, compreende-se as emoções como reações a situações sociais provenientes da simbologia social. As emoções também se ligam às circunstâncias particulares do indivíduo, de forma que existir no mundo implica ser atravessado por afetividades diversas (Lebreton, 2019).

O processo de socialização é o aprendizado de uma forma de enquadramento e interpretação de situações do mundo. E, quanto ao componente individual desse processo, este aparece na avaliação que os indivíduos fazem dessa socialização. Ou seja, a interpretação que o indivíduo tem dos fatos, a partir de sua socialização, história e características particulares, afetam sua afetividade.

Hochschild (2013), similarmente aos autores anteriores, baseia-se na perspectiva de que os regramentos sociais também atuam no surgimento e na expressão das emoções. Em seu texto, a autora reflete acerca das tentativas de supressão ou evocação das emoções. Essas situações trazem à tona a possibilidade de ocorrência de um momento de desconformidade entre o que se espera/quer sentir e o que se sente. E, a tentativa de superar essa discrepância é o que a autora chama de “trabalho emocional”.

Esse conceito é definido como um esforço de alterar emoções e sentimentos, evocando-as ou suprimindo-as de acordo com sistemas estabelecidos e as relações e posições dos indivíduos nesses sistemas, ou seja,

a tentativa de ajustar as emoções ao que é considerado adequado. A autora afirma que o trabalho emocional pode ser realizado pelo “*self* sobre o *self*, por alguém sobre os outros e pelos outros sobre alguém” (Hochschild, 2013, p. 187), de forma que “fica a cargo da motivação [“o que quero sentir”] fazer a mediação entre a regra de sentimento [“o que devo sentir”] e o trabalho emocional [“o que tento sentir”]” (*op. cit.*, p. 193).

Bueno (2017), ao pesquisar a corporalidade negra feminina, parte da perspectiva de que as emoções são “discursos produtivos” (*op. cit.*, p. 13) – que produzem realidade – e que são corporificados. Já Silva (2019), refletindo sobre a relação entre corpo, estética e emoção no processo de afirmação identitária de mulheres negras a partir de ações coletivas de aprendizagem e reconfigurações de sentimentos, observa que as reformulações estéticas têm tido não apenas consequências políticas e de novas formas de engajamento, mas também consequências emocionais e identitárias extremamente relevantes. Existe, portanto, uma evidenciação da dimensão emocional, construindo novos espaços de enunciação e de representatividade a partir de elementos inscritos no corpo.

Vale considerar, pois, que o trabalho emocional pode ser um importante instrumento no processo da TC, manifestado nas ideias de enfrentar uma série de processos vistos de forma negativa, mas que se enfrenta com um objetivo maior. Vemos surgir muitos *medos*: sair de casa com o cabelo curto, ter o cabelo crespo, ficar feia e ser rejeitada. Ter *coragem* aparece em vários momentos: para usar um cabelo solto, o cabelo sem química, sair na rua com o cabelo curto, usar uma trança na entrevista de emprego. Há também vários momentos de medo e de preocupação sobre os quais refletimos e tentamos nos relacionar emocionalmente a partir de outra perspectiva.

Nesse processo, acostumar-se ou aprender a gostar e viver com o cabelo sem química também é um processo interno que envolve não apenas enfrentar medos, mas também ter curiosidade e animação. Certo também é a necessidade de se permitir viver essas experiências, e, muitas vezes, convencer-se de que elas são importantes e boas, além de se acalmar, haja vista serem possíveis – ou passageiras. Além disso, existem questionamentos e processos autorreflexivos, para entender o porquê de se fazer certas coisas. Os grifos abaixo são meus:

No caso de Marianna, esta ficou onze meses em transição. Então, quando fez o BC, o cabelo já não era tão curto. Foi difícil fazê-lo, uma vez que ela nunca tinha usado o cabelo curto. Assim, quando começou a cortar as pontas já estava “**em pânico e desespero**”, mas no segundo estava “**mais tranquila**” e pensou que “**não há por que fugir, vamos lá, vamos à luta**”. Entre os dois cortes, foram duas semanas. Ela “olhou bem” para sua “carinha várias vezes, conversando com várias pessoas, pedindo ajuda, **levando para terapia**. Aí, eu consegui cortar tudo”, disse ela.

Os sentimentos antagônicos, de inadequação e de desajuste observados se adequam nesse processo de trabalho emocional. Aliás, os “sentimentos de desajustes” que Silva (2019) observa em sua etnografia passam pelo “caminho de resgate”, no qual o primeiro é desconstruído a partir de reformulações coletivas dos imaginários sobre o corpo negro feminino, por intermédio da busca de novas referências, criando novas e outras interpretações dos elementos desse corpo. Tal caminho permite uma recomposição subjetiva, pessoal e reflexiva, assim como simbólica e coletiva, evocando sentimentos como “bem-estar, orgulho e prazer” (Silva, 2019, p. 7).

Numa jornada de reconstrução de subjetividade, realizando um trabalho emocional em paralelo com uma mudança estética, os sentimentos antagônicos (Gomes, N., 2019), de inadequação (Bueno, 2017) e de desajuste (Silva, 2019) podem ser emocionalmente trabalhados por meio da situação criada pela TC, possibilitando uma reconfiguração política, ideológica, emocional e identitária.

Sobre o desenvolvimento desse processo, a continuidade da abordagem será realizada no próximo capítulo.

Capítulo 4 – Outras Transições

Quente que nem a chapinha no crespo

Não, crespos estão se armando

Faço questão de botar no meu texto

Que pretas e pretos estão se amando

- Ponta de Lança, 2017. Rincon Sapiência.

Mas é preciso ter força, é preciso ter raça

É preciso ter gana sempre

Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria mistura a dor e a alegria

- Maria, Maria, 1978. Milton Nascimento.

4.1 “Ideal x Real: Perfeição?”

O cabelo que nasce nas cabeças dessas mulheres é uma experiência nova. Não se sabe como será. E, mesmo quando se tem a memória de como era antes dos processos de alisamento/relaxamento, é muito difícil que retome aquela forma. Isso se explica pelo fato de muitas mulheres negras começarem os processos de alisamento/relaxamento quando crianças e não têm memória do cabelo sem os procedimentos. Andressa N, por exemplo, aponta que no processo da TC deve-se considerar o tipo de química usada, por quanto tempo foi usada, com que frequência se fazia os procedimentos e com que idade eles começaram, pois “se for antes da puberdade, o cabelo vai ter outra textura”, uma vez que o formato do nosso cabelo muda ao longa da vida. A cabelereira me pontua que “é uma grande descoberta”, às vezes vivida com animação, enquanto outras com frustração.

Bia e Duda, como vimos no capítulo anterior, relatam que tinham curiosidade sobre como seria o cabelo. Para a primeira, tal sensação a motivou ainda mais a fazer logo o BC e ficar feliz ao nascimento de cada cacho. No caso de Duda, foi relatado que ela não tinha um “ideal”, apenas essa curiosidade.

Conforme o cabelo cresce, entretanto, existe uma comparação entre o ideal e o real que muitas vezes é frustrante. As principais características apontadas nessa comparação são o formato/curvatura do cacho, comprimento, volume e frizz/definição. Bia havia pontuado que, inicialmente, queria que o cabelo crescesse “para baixo”, e Aila queria pouco volume e o cabelo “comportadinho”. Juntando as características idealizadas, o cabelo que se buscava é um cabelo comprido, com pouco volume, muito definido e com “cachos perfeitos”.

Desse modo, a imagem que se construiu para mim, ao refletir sobre esse cabelo, foram as modelos dos produtos de cabelo das décadas 2000 e 2010, com denominações de cachos, cabelos e “jubas” “comportadas”, “domadas” e “controladas”. O cabelo das blogueiras e de parte das referências que essas mulheres tinham era esse, o que fomentava a ideia que esse perfil pudesse ser alcançado, pudesse ser uma realidade. Porém, para frustração de muitas de nós, esse não é o cabelo que cresce em nossas cabeças, não é o alcançável no dia a dia.

Tais características podem estar associadas a certos tipos de cachos, dependendo de como se finaliza o cabelo, processo de pentear/escovar/desembaraçar e arrumá-lo depois da lavagem. Os cacheados são mais facilmente finalizados para terem mais definição e menos volume, e alcançam comprimento mais facilmente porque os fios não encolhem tanto. Apesar disso, dependendo de como se finaliza o cabelo cacheado, é possível arrumá-lo para ter muito volume e pouca definição. Os cachos, conforme ganham comprimento, também ganham mais peso, e isso contribui para o seu crescimento “para baixo” (fig. 27).

No caso dos cabelos crespos, o volume é mais presente, e a definição às vezes é inexistente, dependendo de quão crespos sejam os fios. Conforme crescem, não caem para baixo, e sim a volta da cabeça, “para cima” (fig. 28), a não ser aqueles muito compridos. Essas idealizações de cabelo demonstram o “texturismo” (Cruz, 2017), citado no capítulo anterior.



Figura 27: Cabelos que crescem para baixo.

Fontes:

(a) https://www.Google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.elasnotapetevermelho.com.br%2F2018%2F04%2F23%2F4-cortes-de-cabelo-cacheado-das-famosas-para-voce-escolher%2F&psig=AOvVaw2w9R-iYJQc67bQySRQRvCX&ust=1713022283948000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBQQjhxqFwoTCOi4_7j_vIUDFQAAAAAdAAAAABBB;

(b) <https://www.ouaiscosmeticos.com/single-post/2018/02/04/5-cabelos-de-famosas-lindos-cacheados-e-inspiradores> e (c) <https://www.allthingshair.com/pt-br/penteados-cortes/cabelos-com-cachos/cabelos-cacheados-com-franja/>



Figura 28: Cabelos que crescem para cima e ao redor.

Fontes: (a) <https://todecacho.com.br/denise-gomes-mostra-ideias-de-visual-no-cabelo-crespo/>

(b) <https://meajudenatransicao.com.br/corte-de-cabelo-cacheado-curto/>

A principal questão trazida como um incômodo, entretanto, é a ideia do frizz e da definição, que estão em extremos opostos. O cabelo com frizz, quando fios estão “fora do lugar” (fig. 29 a 31), é entendido como um problema para muitas mulheres, independentemente de sua curvatura. E, quando o que está em pauta são os cabelos ondulados, cacheados e crespos, a contrapartida é a definição, ou seja, o pano de fundo para o “cacho perfeito”. Para os lisos, ondulados ou cacheados, vale lembrar, existem muitos produtos que prometem dar conta do problema.

A fitagem, mencionada na introdução e no capítulo anterior, é uma técnica de finalização que intenciona dar mais definição ao cabelo (fig. 32). A ideia é que os cachos façam voltas como fitas, sem nenhum fio fora do cacho, como um *babyliss*¹⁶. Cabe pontuar que a presença ou não de volume apareceu menos como um problema, mas também se fez presente. Existem técnicas de finalização e revitalização para todos os gostos nesse sentido, para dar ou tirar definição, bem como para aumentar e diminuir volume (fig. 33).

Nessa busca por alcançar os “cachos perfeitos”, Aila via produtos que traziam a ideia de tornar uma realidade seu desejo. Os cachos “pareciam que

¹⁶ O *babyliss* é um modelador de cabelo por calor. Cria ondas e cachos. É semelhante à chapinha/prancha por ser um aparelho que utiliza calor, mas o resultado se difere.

eram feitos a dedo”, o que ajudou a criar uma expectativa inicial de que o cabelo teria raiz “mole”. Ela recorreu a leituras e vídeos para “tentar aceitar mesmo esses cabelos”, de forma que via que nem todas tinham cabelos cacheados, e isso não era um problema. Somado a isso, a descoberta da Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador também foi importante para ela, pois permitiu sair “daquele lugar de que o cabelo bonito é o cabelo cacheado”, isto é, contribuiu para que saísse do “processo louco de finalização para que o cabelo se aproxime mais de um cacho”.



Figura 29: Cabelo liso com e sem frizz.

Fonte <https://blog.onixxbrasil.com.br/como-se-livrar-do-frizz-nos-cabelos/>



Figura 30: Cabelo cacheado com frizz e definido.

Fontes: (a) <https://br.pinterest.com/pin/428475352050586463/> e

(b) https://www.wacosmestico.com.br/MLB-1791606170-kit-cabelos-cacheados-cuidados-premium-para-cachos-definido-_JM



Figura 31: Cabelo crespo com frizz e definido.

Fonte: <https://assimdomeujeito.com/o-metodo-anthony-dickey-definicao-maxima-no-cabelo-crespo/>



Figura 32: Fitagem.

Fontes: (a) https://www.YouTube.com/watch?v=r_a6E_x9_ts e
(b) <https://br.pinterest.com/pin/778419116830426287/>



Figura 33: Cabelo crespo e cacheado com e sem volume.

Fontes: (a) <https://br.pinterest.com/pin/574771971192287081/> e
(b) <https://www.YouTube.com/watch?app=desktop&v=TTL1k96bi98>

Contemporaneamente, muito se aborda sobre a “ditadura do cabelo cacheado”, ou seja, do que se entende sobre o surgimento de um novo padrão ideal, do “cacho perfeito” (fig. 34), o que aparece no discurso de muitas mulheres e no nome de alguns produtos. Tal padrão preza por um cacho mais aberto, por alta definição, assim como por pouco volume, de modo que o cabelo que não apresente essas características é menos valorizado e muitas vezes percebido como um problema para o qual se deve buscar uma solução (Castro *et al.*, 2021, p. 7).

Esse padrão pressupõe o “texturismo” (Cruz, 2017), organizando uma hierarquia de beleza e adequação entre curvaturas. Para o atendimento, há uma gama de técnicas e de produtos que auxiliam alcance do “cacho perfeito”. Nesse sentido, aquela mulher que “possui o cabelo 4C se decepciona, pois deseja ter os cachos perfeitos”, enquanto as que já “possui os cachos se desdobra para que eles pareçam mais perfeitos” (*op. cit.*, p. 133). Ou seja, mesmo entre aquelas que têm os cabelos nos níveis mais bem quistos pelo “texturismo”, atingir os “cachos perfeitos” não é fácil, pois alcançar essas características já é, muitas vezes, trabalhoso, e no dia a dia esse perfil de cabelo não se mantém.



Figura 34: Cacho perfeito.

Fonte: <https://www.correiobraziliense.com.br/revista-do-correio/2022/10/5045385-abaixo-a-ditadura-do-cacho-perfeito-a-definicao-nao-precisa-ser-uma-imposicao.html>

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/382454193353707188/>

Antes da finalização, existe a lavagem do cabelo. É comum, antes e durante o processo, a recorrência a hidratações, umectações, banhos de óleo e a tantas outras coisas que se pode (deve?) fazer para manter o cabelo saudável e bonito, e muitas vezes mais “perfeito”. Por si só, isso já demanda tempo, disposição física e investimento financeiro em produtos.

Para uma melhor compreensão desse processo, segue um exemplo pessoal: a) à noite, espalho óleo de coco ou de rícino no cabelo; b) para dormir, uso uma touca de cetim; c) no dia seguinte, lavo, usando xampu, aplico uma máscara de hidratação ou reconstrução ou nutrição, e, depois de aguardar o tempo necessário, enxáguo e passo o condicionador. Essa é uma rotina que aplico cerca de uma vez por mês, e nas outras lavagens mais cotidianas posso tanto fazer a umectação noturna quanto apenas usar xampu e condicionador e, ocasionalmente, aplicar uma máscara de hidratação/reconstrução/nutrição rápida, de cinco minutos, ou fazer algum tratamento um pouco mais alongado.

Criei essa rotina a partir do que aprendi *online* sobre cabelos como os meus, juntando conhecimentos e produtos sobre cabelos cacheados e cabelos fantasia (pintados de cores incomuns, como no meu caso, rosa e azul). Para realizar essa rotina, preciso do tempo, dos produtos e da mão de obra: de separar mechas, passar produtos, enxaguar bem. E isso, cumpre dizer, é apenas a lavagem.

Para atingir os “cachos perfeitos, a técnica da fitagem é uma das empregadas como finalização. Recorrer a ela, pressupõe tempo, disposição física e um investimento financeiro. No meu caso, por ter cabelos de tamanho médio e normalmente pouco tempo ou paciência, faço a fitagem com a ajuda de uma escova especial e um pouco de “dedoliss” (mesma ideia do *babyliss*, mas realizado com o dedo), demorando cerca de quarenta minutos e, em situação semelhante de alguns dos *prints* do *Instagram* que serão apresentados logo a seguir.

Além disso, muitas pessoas ainda praticam técnicas depois que o cabelo seca, para dar mais volume, separar cachos que ficaram grudados ou tirar o “durinho” do creme. Entre lavar e finalizar o cabelo, há o investimento de tempo, de produtos, de esforço físico e emocional (fig. 35 e 36). Pessoalmente, busco reservar um dia na semana para fazer isso, entendendo o tempo que isso toma e o desgaste físico e muitas vezes emocional – é muito comum, cabe mencionar,

que eu tenha vontade de desistir no meio, e muitas vezes o resultado do cabelo me desagrada, mesmo com esse esforço (fig. 37).

O que tento chamar atenção aqui é o investimento que se coloca na busca pelo cabelo perfeito. Tudo isso na busca pelo alcance de uma aparência que pode não ser atingida. Fica, portanto, notável a semelhança com a vida, quando uma mulher recorre ao alisamento e ao relaxamento.

Ao som de uma música, com a letra: “te amo mais não quero nem te ouvir e nem te olhar”.



Figura 35: Print do *Instagram* ilustrando o cansaço e a importância do cuidado com o cabelo.
Fonte: <https://www.Instagram.com/p/Cvj9l6IAaGO/>

“Ah, mas você só vive de rabo de cabelo, só vive de coque. - MEU AMOR, só preu lavar o meu cabelo leva 45 minutos. Lavei meu cabelo, tem que hidratar, porque meu cabelo precisa ta hidratado – ele precisa de uma hidratação. Desembaracei – só pra desembaraçar leva uma hora e meia. Ta? Desembaracei, eu tenho que finalizar. Pra finalizar é quase três horas de relógio. Então sim, eu vou de coque. Não gostou? É só vir aqui em casa e me ajudar a finalizar”.



Figura 36: Print do *Instagram* demonstrando o desgaste de arrumar o cabelo.
 Fonte https://www.Instagram.com/p/CqTt_iAg48s/

Ao som de uma fala musicada, recorrente nesse meio, que denota frustração e desespero se sobrepõem a voz de uma criança que responde à legenda na imagem: “Qual o seu pobrema?! Qual?!”



Figura 37: Print do *Instagram* ilustrando a emoção do cabelo secar feio depois do investimento em sua lavagem e finalização.

Fonte:

https://www.Instagram.com/p/Cqk_58pNeDr/

Nesse processo pelo alcance de uma imagem perfeita para o cabelo, o tipo de produto, além da técnica da finalização, também é um fator relevante. No comércio, são apresentados géis e gelatinas, assim como óleos finalizadores que prometem garantir definição e a duração dessa definição. Existe também a touca de cetim, usada principalmente para dormir, impedindo o surgimento ou aumento do frizz, ao proteger o cabelo de qualquer fricção. Também é possível utilizar técnicas modeladoras ou de texturização, como o uso de rolinhos e bigudinho (fig. 38), ou com twist, tranças e outras (fig. 39), que dão um determinado formato aos cachos. Essas técnicas, produtos e aparelhos podem ser utilizadas com as mais variadas intensões: uma mudança momentânea de visual, um penteado diferente que se queira experimentar ou um penteado para alguma ocasião especial. Chamo a atenção para os casos nos quais existe uma expectativa de que o cabelo *sempre* esteja de uma determinada forma, e quais são as atividades cotidianas que se fazem para atingir tal ideal.

Uma das minhas interlocutoras, Bia, fez algumas reflexões sobre questões como “ditadura do cabelo crespo tipo ‘tal’”. “Na época – não agora – quando começou a ser ‘aceito’ – aspas – o cabelo crespo na sociedade, ele era aceito com 4A. [...] Era aceito aquele cacho que era quase aproximado do cabelo cacheado”.

Outras duas interlocutoras passaram juntas pela transição. Bruna entende que o cabelo de Duda era mais perto desse tipo de cacho, e o dela não. Então, a aceitação direcionada a cada uma era diferente, e “não batia igual” também pelo fato de ela ser “negra de pele escura, de pele retinta”. “A gente faz a transição, mas quando a gente não conhece, a gente intenciona pra aquilo que é mais aceito”, então o cabelo que ela imaginava era um crespo que tinha um cacho mais aberto que era mais aceito. Porém, não tinha “nada a ver” como cabelo dela. Cada parte é de um jeito, “nosso cabelo é cheio de textura”, declarou Bruna.

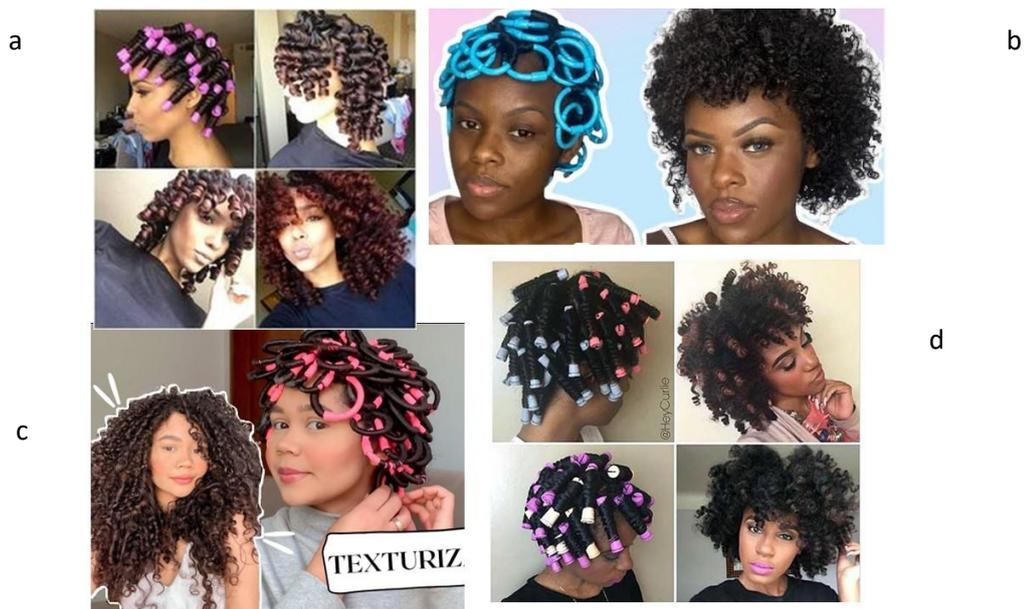


Figura 38: Mosaico de fotos ilustrando texturização com bigudinho e rolinho.
 Fontes: a) <https://br.pinterest.com/pin/747879081842582977/>;
 (b) [https://www.YouTube.com/watch?app=desktop&v=sTjydownSY-l](https://www.YouTube.com/watch?app=desktop&v=sTjydownSY-l;);
 (c) https://www.YouTube.com/watch?app=desktop&v=Qy9a_fYGmMc
 (d) <https://salaovirtual.org/bigudinho-tudo-sobre/>



Figura 39: Mosaico de fotos ilustrando a texturização com twist e outras.
 Fontes: (a) <https://br.pinterest.com/pin/747879081842582992/>
 (b) <https://www.YouTube.com/watch?app=desktop&v=Kp4jq9EnY3s>
 (c) <https://pretaepower.wordpress.com/2015/10/20/o-beaba-dos-twists-tudo-o-que-voce-precisa-saber/>

É importante ressaltar que o acesso a produtos, bem como a aparelhos de qualidade envolve um investimento financeiro. O fator renda tem relevância nesse

debate por ser o definidor do acesso a esses recursos, mas também ao tempo de cuidado e a profissionais. Nesse contexto, muitas mulheres pontuaram não ter tempo de cuidar do cabelo como gostariam devido à rotina de trabalho e/ou de estudo, assim como só comprarem produtos de mais qualidade quando têm alguma folga financeira.

Todavia, mesmo diante de tantos desafios, a busca pela construção de um ideal que represente a perfeição continua. Trata-se de uma busca incansável e impossível. Afinal, o ideal não é o real. No processo de construção de novos referenciais estéticos e de uma nova forma de lidar com o cabelo e a aparência, esse ideal vira uma armadilha capaz de fazer que muitas mulheres se sintam na obrigação de buscar um tipo específico de aparência – de novo. Esse alvo também é acompanhado por expectativas sociais que se adequam a ele, colocando o cabelo do “cacho perfeito” como bonito, profissional e arrumado em muitos contextos, enquanto o cabelo com frizz como feio, desarrumado, deselegante ou pouco profissional.

Para as mulheres, as novas possibilidades, explica Wolf (1992, p. 338), “rapidamente se transformam em novas obrigações. É um passo muito curto o que separa ‘qualquer coisa pode ser feita pela beleza’ de ‘qualquer coisa deve ser feita’”. A autora foca em outros elementos da aparência, mas esse processo exato ocorre para parte das mulheres que se decidiram por realizar a TC. Há quem argumente que tem ocorrido um retorno ao alisamento, e isso se relaciona com a falha no alcance do cabelo perfeito (fig. 40 e 41).

Para Andressa, por exemplo, foi muito difícil se aceitar com o cabelo cacheado. Como não ficava como via na internet, com muita definição, desistiu do processo da TC. Segundo ela, é necessário entender o próprio tipo de cacho e aceitar o próprio frizz, aprender a lidar com o cabelo cacheado. Explica que essa aceitação foi complicada no início.

O que a fez voltar ao alisamento foi a questão da definição, pois o cabelo novo era apenas ondulado, e, mesmo que usasse muito produto, não ficava definido. Andressa imaginou que seu cabelo cresceria “super definido, com um cacho em cada lugar, sem um frizz, sem um nada”, e completa “que bateria na

minha bunda. Eu imaginei que seria esse cabelo cacheado [risos]”. Porém, não foi isso que aconteceu.

Essas imagens, para ela, vieram muito das redes sociais, dos cabelos longos e definidos das blogueiras. Todavia, ao notar que não eram condizentes com seus cachos e que estava entendendo o próprio cabelo como feio, e o cabelo daquelas imagens como bonito, Andressa parou de seguir essas pessoas, considerando que não estava lhes fazendo bem e passou a tentar achar gente mais parecida com ela. “E aí a gente começa a entrar naquele erro de começar a seguir esse tipo de pessoa. Porque você começa a criar expectativa que seu cabelo vai ser esse, e não vai ser esse. Porque na verdade eu ainda não sabia como meu cabelo era [...] e eu fui notando que aquilo não estava sendo do mesmo formato que o meu cacho, e eu percebi que aquilo estava criando um problema, porque eu estava achando bonito só aquele tipo de cacho” – desabafou.

Ela precisou entender que seu cabelo estava maltratado e, por esse motivo, não tinha como esperar sua definição. Além disso, como nunca viveu seu próprio cacheado, não tinha sequer referência sobre o seu tipo de cabelo, de forma que as expectativas que criou não eram condizentes com sua realidade. E, como ela não conhecia seu cabelo, não tinha como esperar nenhuma definição específica dele. Desse modo, quando começou a entender isso, começou a respeitar o processo e a aprender a lidar com a “forma que vem” o cabelo.

“O cabelo alisado é um cabelo artificial. Você pega uma prancha, pega um *babyliss*, você passa no seu cabelo, aquilo ali você tá controlando o seu cabelo, entendeu? Você tá fazendo uma coisa que não é natural. Na natureza não temos controle de absolutamente nada. [...] tudo pode acontecer. A mesma coisa acontece com o cabelo cacheado, entendeu? Tem vezes que você faz a mesma coisa e ele não dá certo, tem frizz porque – normal, é uma reação física, né, que os cabelos se arrepiam [...]. e aí teve muita gente que passou pela transição esperando um resultado artificial de um cabelo natural. [...] muita gente pensou na transição capilar apenas no cabelo cacheado, e *aquele* cabelo cacheado específico: que é longo, que não tem fator encolhimento. [...] cabelos do tipo 4, cabelos que são crespo, até do tipo 3C, a pessoa que tem um cabelo poroso – ela vai sofrer mais, porque se distancia desse cabelo que parece *babyliss*.”



Figura 40: Print do *Instagram* ilustrando uma argumentação e a reação sobre a argumentação sobre a volta ao alisamento. Fonte: <https://www.Instagram.com/p/Cr6YTO4gzkr/>

A mulher reflete sobre os motivos das pessoas estarem voltando a alisar, e o primeiro é a “idealização do cabelo perfeito”, pois as pessoas passam pela transição e “não era o cacho que ela esperava” ou “caiu na armadilha de ter o cabelo cacheado perfeito”. As pessoas “estão tratando o cabelo natural como se fosse a coisa mais difícil” que precisa de “um milhão de produtos e um milhão de coisas” e “não é bem assim”, “se você cuida do seu cabelo, e ele reage bem e você não ta naquela nóia de ter o cabelo absolutamente perfeito, você não precisa ter um milhão de produtos e fazer um milhão de tratamentos e ter um milhão de dificuldades”.

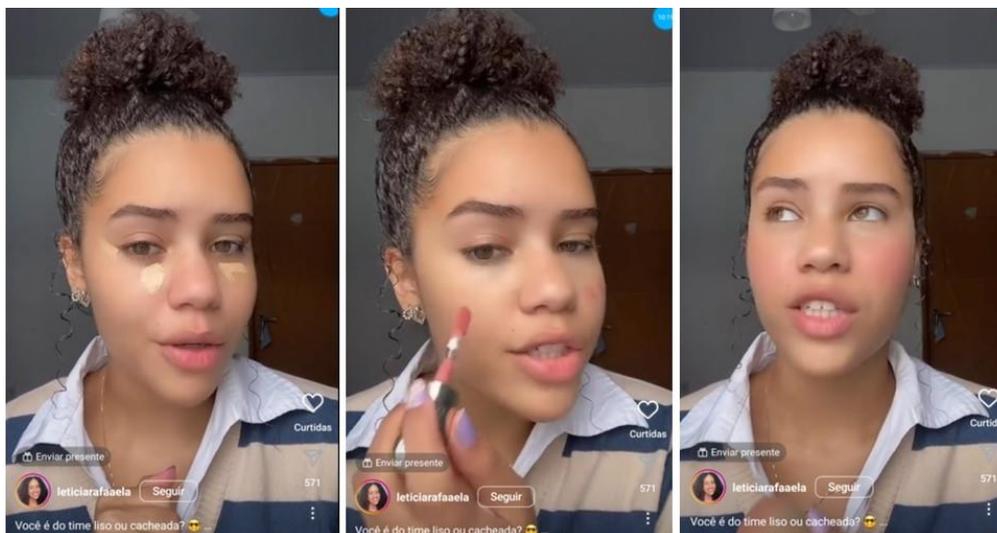


Figura 41: Print do *Instagram* ilustrando uma argumentação sobre a volta ao alisamento. Fonte: https://www.Instagram.com/p/Cy6suW_PBnh/

4.2 Prisão e liberdade

A prática do cuidado com o corpo vira algo custoso para algumas dessas mulheres (fig. 42). Para ilustrar, hooks (2005) argumenta que, mesmo depois de parar de alisar seu cabelo, não o apreciava em “estado natural”, uma vez que ainda o “considerava um problema” (*op. cit.*, p. 12), não fazia o “afro” do jeito que ela gostaria. Para ela, a “verdadeira libertação” ocorreu quando “parei de tentar controlá-lo em qualquer estado e simplesmente o aceitei como é”).

O começo da aceitação do cabelo cacheado ou de cachos mais abertos não se construiu de forma libertadora quando se considera o contexto social, uma vez que existe uma readaptação do padrão ideal de cabelo. O liso, representado em nosso imaginário como um cabelo sem volume e sem frizz, ganha algumas voltas, transformando-se no cacho sem volume e sem frizz – que poderia ter sido feito por *babyliss*.

Bouzón (2008) sugere que a busca pelo liso não se prende ao cabelo, mas atinge o corpo todo: “rugos, celulites estrias, pelos, flacidez” (*op. cit.*, p. 18). Nesse contexto, tudo que é frisado é desagradável. Esse padrão capilar exclui o cabelo crespo e coloca-se como um ideal que todas devemos tentar alcançar, crespas e cacheadas.

O vídeo tem tom cômico, como é o perfil dessa produtora de conteúdo. A mulher faz um desabafo para as marcas de creme baixarem o preço dos produtos, pois o cabelo consome muito creme. “E é creme, é condicionador, é xampu, é óleo,” ela lista os produtos com os quais se gasta dinheiro. Ela parece exasperada e, à beira do choro, exclama: “eu vou rapar”. O homem ao seu lado questiona: “Vai rapar o que menina?”, e ela responde com voz de choro “Não consigo manter”.



Figura 42: Print do *Instagram* ilustrando o desabafo de uma cacheada sobre o cuidado com o cabelo.

Fonte: https://www.Instagram.com/p/C3sdq_pu-Z5/

Os aspectos não controlados ou alterados por produtos e procedimentos do cabelo ainda são vistos como negativos, como inadequados. Vale dizer que a ditadura do cacho perfeito não extinguiu os aspectos negativos do cabelo de pessoas negras, assim como fomenta a sensação de obrigação e a necessidade de inúmeras etapas para alcançar o cabelo ideal. Ocorre um movimento de saída dos enquadramentos do liso, e, posteriormente, a necessidade de saída dos enquadramentos dos cachos perfeitos. Diante disso, percebo um segundo movimento na TC no qual os cabelos estão sem alisamento/relaxamento, mas ainda são percebidos como um problema, pois essa nova forma de cuidado e esse novo padrão a ser alcançado também são interpretados como uma prisão.

Os procedimentos capilares também podem ser usados como interdição racial (Bouzón, 2008). Essa autora aborda sobre a percepção de alguns de seus entrevistados e entrevistadas sobre certas práticas de alisamento que as pessoas negras utilizam. Tais entrevistados e entrevistadas usam palavras como “loucura” e “radicalidade” (*op. cit.*, p. 16) para qualificar essas práticas. Bouzón (2008) entende que o uso de tais vocábulos aponta a existência de uma forma de controle

sobre as pessoas que tentam desafiar as regras sociais, fazendo uma tentativa de ultrapassar limites raciais, sociais e morais por meio do alisamento.

Existiriam, então, práticas que, ao tentarem alcançar outra estética racial, são interpretadas como loucura ou radicalidade, e essa interpretação estabelece a fronteira do que se pode ou não fazer na apropriação de “signos estéticos incompatíveis com a cor de sua pele, sua condição social ou seus atributos morais” (*op. cit.*, p. 16). As crianças que não podem brincar na água por causa do cabelo, queimaduras e machucados provenientes de certos procedimentos ou o excesso de cuidado são entendidos como ultrapassar o limite do cuidado *normal* (*op. cit.* p. 17), e, ao se construir uma ideia do que é o cuidado normal, estipulam-se quais cuidados são “excessivos”. Entretanto, também não é admitido o “desleixo e falta de atenção aos cabelos” (*op. cit.*, p. 16), devendo haver uma série de cuidados, mas não ultrapassá-lo e exercer o cuidado excessivo.

No contexto do cacho perfeito, o desleixo se materializa no cabelo frisado e volumoso, de forma que, anos depois da afirmação de Bouzón (2008), a regulação do corpo negro se renova e se mantém. Diante disso, o argumento da estética/aparência – do que é visível no corpo –, com seu fundo racial, continua sendo usado contra a população negra.

Uma de minhas interlocutoras, Andressa N, afirma que as pessoas saem da “lógica do cabelo liso” e entram na “lógica do cabelo cacheado, de fazer mil cronogramas, mil produtos, mil tudo”. Em seu depoimento, isso parece ficar bem claro: “Aí, depois você observa que a pessoa chega no meio termo: não é nem o vício do liso, de querer alisar o tempo todo, não deixar nenhum dedo de raiz, nem o cacheado super padrão. E tipo o ‘ah, tô de boa’, um meio termo”.

Ela definia o cabelo todo dia durante a transição. Acordava cedo e “gastava muito creme e perdia muito tempo”. Começou a se questionar se não era o mesmo que fazia quando alisava: “Eu larguei o cabelo liso porque eu estava refém de chapinha, e porque eu me privava de fazer coisas porque meu cabelo era alisado de chapinha e eu não podia molhar. E aí eu me peguei sendo refém de definição, e eu fiquei, eu estou trocando seis por meia dúzia. Qual é o sentido disso? Não tem sentido nenhum. Eu não quero isso, não faz o menor sentido. O que que eu estou fazendo?”.

Ao refletir dessa forma, Andressa se decide: “Cara, eu vou parar de fazer isso. Eu não... não vou parar de definir, mas eu vou definir **para quê?**”. Continua: “E aí quando eu comecei entender o ‘**para que**’, ‘ah, vou definir porque hoje eu quero definir, porque hoje eu quero ir para uma festa e quero que ele esteja definido. E não porque em todas as festas que vou, ele **tem** que estar definido, ou porque todos os eventos que eu estou ele **tem** que dar definido’. Então, hoje, se eu sair, vai ter evento que ele não vai estar definido, e vai ter rolê que eu vou estar na rua, e ele não vai estar definido. Porque o meu espírito não quer, porque eu não estou disposta. Então, eu parei de ser refém dessa definição também, que é uma coisa que eu me peguei sendo”.

Como é possível notar, atualmente Andressa não se importa com frizz, gosta do volume do cabelo. Aceita o cabelo como ele acorda, estando definido ou não, preso ou solto. Sente-se linda do mesmo jeito. Vive com o cabelo “do jeito que ele é”. “Porque primeiro a gente aceita o cacho, depois a gente aceita o frizz [risos]”.

Na mesma linha em busca de uma liberdade quanto aos procedimentos capilares, está Bia. Em suas palavras, está: “É como se você ficasse escrava – eu me sentia sempre escrava de alguma coisa. Entendeu? Em relação ao meu cabelo, eu era escrava da progressiva, eu era escrava de ficar usando um monte de creme... eu deixava de ir pra praia porque eu sabia que ia ter que molhar o cabelo lá...” [...]. “Era como se ele estivesse na minha cabeça, mas não fosse meu. Era uma sensação muito esquisita”.

A percepção do estilo de cabelo que se deve ter como uma obrigação coloca a relação com o cabelo no campo da “lida” mais uma vez, na qual esse elemento do corpo se configura novamente (ainda?) como algo que criador de problemas e desconfortos. Para Gomes, N. (2019), ao refletir sobre o processo de escravização, da situação em diáspora e do lugar do cabelo da população negra nesse contexto, não há como “negar a influência desse processo na construção da autoestima e na configuração da identidade negra das novas gerações” (*op. cit.*, p. 342). E de fato, na experiência das mulheres com quem conversei, a percepção sobre escravidão, prisão e obrigação se relacionam às dimensões da existência, às várias esferas que perpassam nossa vida.

Diante das dinâmicas desse milênio, o padrão atual surge em meio a “imagens difusas, ambíguas e mestiças, manipulando o jogo das diferenças e a alteridade”. Tais imagens criam, a partir de um discurso liberal, “a ilusão de que é possível adotar um estilo de cabelo próprio, autêntico e livre do peso de uma leitura política de mão única” (*op. cit.* p. 220). O que se observa do que é veiculado pelas mídias digitais, atreladas ao processo da TC e da vida com o cabelo sem alisamento/relaxamento, viram o novo carrasco; porém, uma vez tendo passado pela escolha de fazer a TC e ter a experiência de se desagradar com a sensação de obrigação relacionada ao cabelo, e, somado a isso, tomar decisão de criar uma vida sem ela, desconstruir a imagem do “cacho perfeito” parece ser consequência de um caminho que já se percorria.

Se uma vez essas mulheres decidiram por reconstruir as próprias imagens a partir de outros referenciais, aplicar esse tipo de mentalidade novamente surge como uma decisão mais possível, um recomeço de um movimento que ainda não estava no fim. O cabelo-prisão alisado/relaxado se transforma no cabelo-prisão do “cacho perfeito” durante a TC, e nesse momento, uma segunda transição busca transformar o cabelo em liberdade. Essa segunda transição também vem acompanhada de trabalho emocional, envolvendo reflexões e modificando atitudes, construindo um espaço novo.

Nessa cultura de dominação e anti-intimidade em que vivemos, manter uma conexão consigo mesma e com o próprio corpo requer um esforço constante, especialmente para as pessoas negras (hooks, 2005). Isso se deve ao fato de que nossos corpos foram e continuam sendo frequentemente submetidos à desvalorização, à sobrecarga e a ferimentos em ambientes de trabalho alienantes. Vale notar que, aqui, a ideia de liberdade é entendida como possibilidade de tomar decisões sobre o próprio corpo, ter contato com ele e ter direito de fazer e desfazer escolhas.

“Quando a gente tenta seguir o padrão é muito... vai ser sempre frustrante. Porque você vai seguir um padrão o máximo possível, mas você nunca vai ser o padrão. Vai ter sempre gente lá pra te lembrar que você não é o padrão. Tipo, ‘Ah, você não é branca’, [risos] sabe?”. Após esse desabafo, Mariana, uma das entrevistadas, reflete sobre seu pertencimento ao próprio corpo por meio de um elemento dele: “não sei se você já... já fez alguma coisa- alguma coisa que, tipo, custou muito pra você fazer no seu corpo e, depois que você fez, você não gostou

e desistiu. Mas... tipo, por exemplo, esse *piercing* que você tem no lábio, eu também tive. Só que deu errado, e eu tirei. É... esse eu tirei porque deu errado mesmo, mas eu tive um *piercing* no septo e eu tirei só porque eu enjoiei. Mas cara, *eu coloquei*, sabe? E isso foi tão bom, mesmo eu tendo enjoado depois e... e tendo tirado, eu fui lá e fiz isso. Então, porque você se apropria muito do seu corpo, assim é uma descolonização, sabe? Do seu próprio corpo. Você tá... assumindo ele como seu, do jeito que você quiser, não do jeito que querem que ele seja.”

Essa liberdade em discussão não é a liberal, associada ao individualismo, à propriedade privada e à universalização, mas uma sensação semelhante ao discutido por Lino e Silva (2023). O autor discorre sobre um liberalismo minoritário, uma política de libertação e “ideias, desejos e práticas em favor da liberdade” (*op. cit.*, p. 37), entendendo performance corporal como um de seus possíveis atos. Apesar de o contexto de sua pesquisa ser diferente, a reflexão sobre pessoas que se recusam a “habitar um corpo normativo e liberal (ou seja, ontologicamente selado de forças externas, sobredeterminado pela racionalidade e individualidade)” (*op. cit.*, p. 217) ecoa nos rearranjos existenciais exercidos e vivenciados por essas mulheres.

Entendo que tais rearranjos são possíveis pelo processo de autodefinição conceituado por Collins (2019), que trata da busca de quebra de enquadramentos e sistemas baseados em opressões e da recriação de nossos próprios enquadramentos. Entendendo que “a vida da mulher negra consiste em uma série de negociações que visam conciliar as contradições que separam nossas próprias imagens internas de mulheres afro-americanas com nossa objetificação, como o Outro” (Collins, 2019, p. 183), o “conhecimento construído do ‘eu’ emerge na luta para substituir as imagens de controle pelo conhecimento autodefinido” (*op. cit.*, p. 184). Portanto, a busca pela autodefinição, para a autora, “valida nosso poder como sujeitos humanos” (*op. cit.*, p. 206).

Nesse sentido, Silva (2019) observa uma necessidade de recomposição da autoimagem, processo que ocorre subjetivo e intimamente, mas também coletivamente por meio das experiências estéticas (*op. cit.*, p. 6). Semelhantemente, Gomes L. (2017) entende que, no processo da TC, há um “anseio de construir uma outra imagem sobre si, ou melhor, na intenção de reconstruir a própria imagem” (*op. cit.*, p. 46). Sendo assim, a construção de uma noção de si e de pertencimento a si mesma está intrinsecamente ligada à

percepção de ter liberdade para tomar decisões sobre o próprio corpo, para estar em contato com ele, assim como para exercer o direito de fazer e desfazer escolhas sobre si.

Desvencilhar-se, pois, da lógica das obrigações de perfeição – lisa ou cacheada – é desobrigar-se de estar de acordo com o olhar normativo, assumir os riscos de se apresentar de uma forma diferente das expectativas e padrões brancos, como também de construir uma outra relação com si. Afinal, como afirma Souza, “uma das formas de se exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo” (Souza, 2021, p. 45.).

Certa ocasião, Walker (1987, s.p.) entendeu que seu cabelo queria “crescer, ser ele mesmo, [...] ser deixado em paz por todos” incluindo ela mesma, “os que não o amavam como ele era”, isso lhe permitiu uma abertura do teto no alto de seu cérebro que possibilitou livrar-se da “imobilidade inquietante”, libertando sua mente e espírito para o crescimento. Analogamente, cumpre dizer, minhas interlocutoras também passaram a entender como existir com o próprio corpo de forma mais livre, como é caso de uma delas, Aila.

Segundo essa entrevistada, ela ainda faz hidratação e afins, mas é mais “negligente” do que na época da TC. Atualmente, não faz fitagem, só finaliza com creme. Não gosta de “nada que [...] prenda. Ele tá aqui, ele tem que ficar do jeito que ele é”. Aila sente-se mais “livre” com o cabelo agora, não estando mais “presa na lógica de alisar” e na lógica do cronograma capilar, de ele ter que crescer e cachear. Ressalta que sua família, pontua que “até hoje as pessoas ainda reproduzem diversos preconceitos em relação, assim, ao cabelo, [...]. E, por fim, com um desabafo, afirma: “Mesmo eles vendo como eu estou bem, como eu me sinto livre. Enfim. Ter parado de alisar para mim foi uma liberdade - eles ainda não compreendem disso”.

Vale também notar o que outras interlocutoras afirmam. Marianna, por exemplo, declara: “Hoje em dia, quase nunca prendo o cabelo. Acho que eu tive que prender tanto o cabelo nessa vida que hoje em dia eu acho que eu... eu só prendia quando eu trabalhava no hospital. [...] eu amo meu cabelo, mas lavar é uma hora de dia sendo investido – porque eu não acho que é gasto – sendo investido nessa produção, né. Eu gosto muito de ter cabelo natural. Eu realmente sou uma pessoa investida em ter cuidados com o cabelo”.

Thainá começou a “perceber que [...] gostava do cabelo. Explica que “apesar de [...] não ser como os referenciais que [...] possuía” quando começou o processo, observou que as possibilidades do próprio cabelo agradavam a ela; e, hoje tem uma “relação muito melhor com a prática do cuidado”. Como é possível notar, parece bem claro em seu depoimento: “é algo que eu faço com muito mais prazer. [...] hoje não é algo que me dê trabalho no sentido negativo”.

Outra, desta vez, Iris, conta: “Eu gosto do meu cabelo. Eu quero garfar o meu cabelo, tipo assim, pra ele ficar *pá*, bonitão e é isso. Simplesmente, sinto falta do meu cabelo, de lidar com meu cabelo”.

Diante disso, é válido afirmar, portanto, que o cuidado com o cabelo se transforma em um “investimento”, um “gostar” e um prazer, em tempo de qualidade, diferente das épocas da busca pela perfeição estética, nas quais o cuidado era tortura – era lida. A sensação de ser escravizada por um padrão e de estar aprisionado numa prática de cuidado torturante é transformada nesse segundo momento da TC. Desse modo, a relação com o cabelo, e com si, passa a ser permeada pela sensação de libertação e pelo prazer. O cabelo-problema ou cabelo-prisão se torna um instrumento por intermédio do qual se produz autodefinição (Collins, 2019), autonomia (Souza, 2021) e liberdade (Lino e Silva, 2023).

4.3 Racismo e percepções de negritude

Início esta parte da pesquisa com uma declaração de uma das interlocutoras, Luz: “A percepção de raça pra mim só se apresentava em situações de violência, como se o racismo tivesse pautado a minha racialidade, sempre. Então eu sabia que eu era negra, mas eu não sabia exatamente”. Ela entende que sua “consciência racial” começa a se desenvolver a partir de redes sociais e das discussões políticas e raciais que foram aparecendo nelas, assim como de suas amizades negras. Por fim, sintetiza: “Eu acho que não tem nada na minha vida que não se relacione com racismo”.

Cumprir dizer que muitas pesquisas que tratam da TC abordam uma outra percepção de negritude dentre seus efeitos. Os relatos colhidos pelos/as autores/as dessas pesquisas mencionam um despertar para a autoafirmação da negritude e para discussões sobre raça e racismo. Gomes, L. (2014, p. 12), por exemplo, ouviu de uma de suas interlocutoras que, ao compartilhar experiências

da TC nas redes sociais, começou a se “politizar” “em questão de ser negra”. Semelhantemente, Bueno (2017, p. 101) constata “novas maneiras de ser mulher negra” por meio de novas experiências estéticas centralizadas e disparadas pelo cabelo. Uma de suas interlocutoras aponta ter começado a “entender os impactos da discriminação” e da violência que sofreu, entendendo que “tornar-se mulher e negra é algo incômodo socialmente, é um ato político” (*op. cit.*, p. 96). De forma sintetizada, Mattos (2015, p. 13) observa uma “nova discussão sobre afirmação estética onde o cabelo como signo de negritude deixa de ser um elemento negativo e se ressignifica na diáspora como impulsor do enfrentamento ao racismo”.

Kilomba (2019) chama atenção, a partir de Fanon, para como o sujeito negro só pode existir em relação ao sujeito branco, e, portanto, nossa percepção de si ocorre intermediado pelo imaginário branco, permeado por imagens e terminologias coloniais. A autora argumenta que somos forçados a nos identificar com imagens impostas de negritude, entendendo que o processo de identificação tem uma dimensão transitiva – identificar alguém – e reflexiva – identifica-se com alguém (*op. cit.*, p. 153). Dessa forma, os outros podem nos identificar de uma forma diferente da qual nós nos identificamos, criando uma luta para o sujeito negro “para se identificar *com o que se é*, mas não *como se é visto* no mundo conceitual *branco* – uma ameaça” (*op. cit.*, p. 153-154).

Muitas mulheres que se identificavam como pardas ou mestiças compartilham relatos de experiências de racismo. Sofrer preconceito racial sem se identificar como negra ressalta uma das consequências negativas do chamado mito da democracia racial. Nesse sentido, a ideia de que o Brasil é um país onde uma grande mistura racial convive harmoniosamente esconde a realidade de sistemas de opressão que desfavorecem a população negra em várias esferas sociais, criando barreiras para a construção de uma autoimagem positiva da negritude e dificultando a mobilização em torno do reconhecimento das relações raciais reais no país. De fato, “décadas de exclusão e a consequente negação de todos e todas da população negra, sobretudo, pela associação a representações pejorativas e sempre ligadas ao que é ruim” (Gomes, L., 2017, p. 17-18) demonstram as dificuldades e complexidades para construir uma identidade negra positiva.

Gomes, N. (2019) aponta a diversidade de termos usados para nomear o cabelo. E, como o liso e o crespo se constituem como os dois tipos desejáveis e indesejáveis (*op. cit.*, p. 231), posicionam-se na hierarquia racial e social a partir desses juízos de valor. Quanto mais crespo o cabelo, mais próximo se considera o/a sujeito/a do extremo considerado inferior nessa hierarquia, enquanto o cabelo alisado o/a direciona ou outro extremo (que seja o lugar da “morenice”), de forma que a textura capilar aponta um “efeito de embranquecimento” (*op. cit.*, p. 232), e, por consequência, pode apontar um efeito oposto, de enegrecimento.

A própria autora relata as diferenças de leitura racial em relação ao penteado. Com alongamento capilar, ela era chamada de “morena”, “morena linda” e “mulata” por homens negros e brancos; porém, com o cabelo na textura crespa ou com trancinhas, era chamada de “crioula”, “negra” e “negona” (Gomes, N., 2019, p. 126)¹⁷. O cabelo, portanto, se coloca como ícone identitário para a população negra e como um “forte elemento usado pelo brasileiro para classificar e hierarquizar, racialmente, homens e mulheres” (*op. cit.*, p. 126).

Quando, por exemplo, Aila fez o BC, passou a se ver como negra, pois até então as pessoas a chamavam de “morena” ou de “cabo-verde” se o cabelo estivesse muito liso. Passaram a chamá-la de “negona”. No começo, não entendia o que havia mudado para que as pessoas passassem a tratá-la assim, uma vez que o tom de sua pele era o mesmo. Pensa que na época da escola não se incomodava em ser chamada de morena, e talvez fosse o “lugar que queria estar”, pois não tinha “formação” nem “referências” raciais. Hoje, acha horrível ser chamada de morena e quer ser reconhecida, sim, como uma mulher negra.

Por fim, desabafa: “Aí é isso, esse racismo atravessa a gente de todas as formas, e eu acho que para mim é isso, o cabelo - que para além do tom de pele que não tem como disfarçar - o cabelo que mais me marca em relação a ele, porque eu sinto a mudança no tratar, eu sinto os comentários a partir dele. E agora, quanto mais eu quero usar ele assim mesmo: grande, solto, pintado.”

¹⁷ É importante ressaltar que as diferentes regiões e contextos nos quais se é chamada dessa forma podem denotar outra forma de interpretar. Nesse trecho, Gomes, N. (2019), que realiza a pesquisa em Belo Horizonte, afirma que não poderia chamar de elogio, enquanto Aila, no interior da Bahia, gostava de ser chamada de morena na adolescência. Ser chamada de “negona” e expressões do tipo pode ser ou não interpretado como uma ofensa ou elogio, dependendo de quem nos chama, onde e em que contexto ocorre.

No caso de Andressa, quando as pessoas começaram a questionar e a “pontuar a negritude”, ela passa a se ver e afirmar como uma mulher negra. Afirma que começaram a “questionar” seu “tom de pele” a partir de seu cabelo. Na percepção desses indivíduos, se ela alisasse, seria “uma índia” e, se cacheasse, seria negra, o que não fazia sentido para ela.

Após começar a usar o cabelo cacheado, as pessoas, em sua maioria das gerações mais velhas, começaram a dizer que usar o cabelo cacheado não a tornava negra, pois ela era morena e “nem tão negra assim”. No entendimento de Andressa, essas pessoas falavam isso como se estivessem elogiando-a e, somado a isso, como ser negra fosse algo ofensivo. Esse movimento começou a incomodá-la. Por mais que ouvisse comentários assim de forma esporádica antes, quando alisava o cabelo isso não era “um tema” em sua vida; portanto, não se via e não se afirmava como mulher negra.

Porém, a partir do momento que faz a TC, e as pessoas começam a pontuar isso, ela passa a se incomodar com o fato de os outros acharem “que isso é uma pauta” e quererem “questionar isso”. Conforme foi incomodando, ela passou a “trazer mais isso” para sua vida, afirmando-se como uma mulher negra e que ‘negro’ não é uma ofensa.

Em seu depoimento, afirma: “Eu comecei a questionar muitas coisas, né. Muitas coisas que não é só o meu cabelo, eram atitudes, eram pensamentos que eu tinha... tipo a forma de eu me expressar socialmente, a forma de eu falar, o que eu aceitava ouvir, e até quando... até quando eu tenho que permanecer calada pra ouvir certas coisas. Então, foram muitos fatores, que hoje eu falo que eu sou uma pessoa muito diferente, e com certeza o cabelo influenciou muito eu ser essa pessoa que eu sou hoje. Porque se eu tive e se eu busquei informações, foi por causa disso”.

Kilomba (2019, p. 127) interpreta as ofensas direcionadas aos estilos capilares entendidos como de sinais de negritude como uma “ansiedade *branca*” de perder controle sobre a/o colonizada/o. Esses estilos capilares, ao se tornarem elementos associados à consciência política, ao protesto contra a opressão racial e ao fortalecimento racial são sinais de que o/a sujeito/a se torna “muito negro”, justamente por “mostrar sinais de negritude” (*op. cit.*, p. 127). Para a autora, esses

estilos são políticos e redefinem as posições que as mulheres têm sobre gênero, beleza e raça.

Nesse sentido, o cabelo não alisado passa a situar essas mulheres no lugar de uma negritude até então não afirmada ou percebida, mas por meio dessa reação de terceiros, como Andressa disse, isso passa a virar um questionamento. Ao mesmo tempo que o cabelo as situa mais próxima do extremo da negritude, é necessário tentar afastá-las deste, dizendo que não são tão negras assim, e por isso não devem afirmar com tanta veemência, utilizando os tais sinais de negritude. Logo, é notório que o cabelo e sua capacidade de manipulação aproximam e afastam essas mulheres dos polos raciais de acordo com a percepção de terceiros.

Dessa forma, pensando a autopercepção, faz-se interessante utilizar o conceito de identificação de Hall (2019). O autor propõe a ideia de identificação em vez de identidade para destacar a noção de um processo dinâmico e em constante evolução. Para ele, as identificações que uma pessoa adota podem mudar de acordo com a forma como ela é interpelada e representada pela sociedade. Isso significa que a construção da identificação é inerentemente instável e mutável, e não pode ser construída em isolamento, possibilitando que a rejeição e a reivindicação de elementos culturais ou pessoais possam ocorrer simultaneamente.

Portanto, não existe uma identidade singular que possa alinhar todas as identidades, já que estamos sempre negociando “diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade, classe”, pois esses elementos não “se reduzem um ao outro” (Hall, 2018, p. 385). E, a partir da articulação e negociação desses elementos, da apropriação, da tradução e da transformação de diferentes “ideologias, culturas e instituições europeias, junto a um patrimônio africano” (*op. cit.*, p. 381) tal qual é possível alcançá-las, são criadas novas formas de estilizar o corpo e o cabelo, ocupar espaços sociais, de falar e de criar e manter comunidades (Hall, 2018, p. 381).

Assumir-se como negra/o, portanto, envolve eleger elementos que são entendidos como tais em dado momento, por meio do referencial que possuímos. No Brasil, isso envolve negociar as construções da experiência brasileira, mas também a situação diaspórica, dentro do contexto do mito da democracia racial.

Por intermédio da TC, surge um novo contexto que traz novos símbolos para criar e interpretar essa identificação, passando a se pontuar e afirmar uma negritude cujo disparo de construção foi a mudança na aparência capilar.

A estética pode ser pensada como ponto de partida de um projeto político, mas também como aquela que desencadeia tal processo, e na maioria dos casos o cabelo muitas vezes passa a ser um símbolo de posicionamento em relação a tal projeto. E, como pontuado por Kilomba (2019), o cabelo e a estética podem ser usados por meio de sinais de negritude que demarcam os pertencimentos e posicionamentos dessas mulheres.

Pensando sobre culturas diaspóricas, Hall (2018) afirma que temos “usado o corpo como e se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação” (*op. cit.*, p. 381). Ocorre, pois, um exercício coletivo de produção de subjetividade, identificação e de liberdade *do e no* corpo.

Sobre minhas interlocutoras, Bruna relata: “Não me descobrir negra, obvio que eu já sabia, mas descobri de uma forma de representatividade, sabe”. Ela começou a “perceber e se envolver mais em questões políticas”, indo “fundo em estudos com relação à negritude”. Estava na faculdade, fazendo parte de vários movimentos e grupos estudantis, e isso foi lhe “abrindo esse mundo”, e ela quis “experimentar” e, como ela mesma afirma, “buscar minha identidade como uma mulher negra”.

Outra, Duda, que fez a TC junto com Bruna, afirma que no começo “a gente não tava refletindo sobre isso [questões raciais], a gente só tava vivendo aquilo ali”. Ao longo da faculdade e desse processo, começou a “criar uma identificação enquanto pessoa preta”, aproximou-se de pessoas e lugares pretos, falar sobre negritude, e “o cabelo foi parte disso”. Não começou, vale dizer, como um movimento político engajado, mas depois ela e Bruna se engajaram no movimento estudantil e começaram a fazer mobilizações e conversas, buscar esses debates.

Marianna vai na mesma perspectiva. Entende que “só de viver sendo preto você já é engajada, na própria existência”. E, quando começou a ler sobre colorismo, pensou: “Caraca, finalmente alguma coisa faz sentido né. Que bom que

chegamos até aqui! Não sem dor, não sem levar isso pra terapia, mas... foi bem acolhedor. Foi mais acolhedor do que desorganizador”.

Nesse sentido, “tornar-se negra”, tal qual pontuado por Souza (2021), envolve entender e refletir como os outros nos sabem e como nós nos sabemos, ou queremos nos saber. A forma como nós nos percebemos é central no processo de autodefinição e de autorrecuperação, que, como conceituado por hooks (2019b, p. 57), trata da recuperação de nossa história e da junção dos nossos fragmentos de ser, que se relaciona com nossa construção como sujeitas.

Por sua vez, Hall (2018, p. 384) argumenta que “é somente no modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos”. Sendo assim, é possível afirmar que o exercício reflexivo que ocorre no espaço criado pela TC envolve uma reconstituição de quem essas mulheres são. Ser negro, afinal,

é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível da exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 2021, p. 115).

Essa autora evidencia o processo de se desvencilhar dos imaginários sobre o negro que são introjetados em nossa formação, buscando conhecimentos e realizando reflexões sobre esses imaginários e como eles nos enclausuram. O processo ativo de busca de conhecimento e reconhecimento se soma à criação de uma identificação emancipatória e afirmativa como negro/a. No caso desta pesquisa, esse processo é disparado e delineado pela transição capilar.

Importante ressaltar a importância de grupos de estudos, da universidade e de pré-vestibulares, que pautam temáticas raciais e que têm pessoas negras em posições de produção intelectual, prestígio e de afirmação estética que se transformam em referências. Bia, por exemplo, menciona professores/as na época da escola que traziam a “pauta racial”. Aila pontua um grupo de estudos e a Marcha do Empoderamento Crespo. Já Isadora e Mariana trazem a importância de entrar na faculdade para ver pessoas diversas e ter “outras referências de

beleza”. Por sua vez, Bruna e Duda falam do movimento estudantil trazendo questões políticas (que elas mesmas foram desenvolvendo, deixando um legado para as novas gerações de discussões políticas na universidade), e, por fim, Marianna pontua a militância na faculdade e a construção de um coletivo preto com colegas, no qual faziam discussões e tomavam ações na universidade.

Como é notório, a importância do acesso a discussões as quais não havia acessado antes, bem como o acesso a referências visuais e intelectuais são essenciais na construção de novos entendimentos e possibilidades. Além disso, os espaços de coletividade também devem ser considerados como de relevância nesses lugares de discussão, mas também nas redes sociais, como apontado pelas primeiras pesquisas sobre a TC, ou em grupos que surgem nas redes e fazem encontros presenciais, como também apontado por muitas pesquisas.

Portanto, o deslizamento entre estética, política, subjetividade e identificação se materializa no cabelo. O engajamento político nas pautas de discussões raciais se coloca como uma das causas e/ou uma das consequências da TC.

Lino e Silva (2023) argumentam sobre a ideia do “armário” no que tange à população LGBTQIAP+ como uma concepção normativa liberal que pressupõe a necessidade universal da expressão obrigatória de uma identidade sexual (*op. cit.* p. 170). Pensando em termos raciais, existem elementos físicos que não se podem esconder ou negar, visíveis a qualquer vidente e interpretáveis por este/a, diferente de uma identificação sexual. A ideia de uma afirmação obrigatória e mais contundente de uma identidade nem sempre é o movimento que essas mulheres buscam, e ainda assim, são leituras que se fazem de nossos corpos. Nesse sentido, o corpo negro é politizado e interpretado, independente de nossas vontades e posicionamentos – é o aspecto transitivo da identificação como pontuado por Kilomba (2019).

Nesse sentido, as escolhas estéticas podem ser interpretadas como um posicionamento político e, por consequência, como uma afronta, tal qual a mãe de Duda que chegou a argumentar que filha usava o cabelo com muito volume para “provocar os outros”. Duda entende que sua “existência é um corpo político”, então só de ocupar um espaço sendo o que é – com cor, cabelo, tatuagem,

piercing –, já é um movimento sem que ela precise falar nada. Percebe que há espaços nos quais as pessoas notam. Por sinal, basta observar o que afirma: “só de olhar, não precisei falar nada”, as pessoas já “suponham várias coisas. [...] Já causei sem causar”.

Por sua vez, Lis entende que “quando você fala que você é algo que as pessoas de certo modo temem a dizer que são, né, seja candomecista, seja LGBT, seja o que for, eu acho que isso fortalece, né”. E continua: “Eu não acho que todo mundo tem que sair balançando as bandeiras, eu respeito isso, inclusive, acho que cada um é cada um – mas eu Lis, em particular, não consigo me ver num lugar político de silenciamento porque isso só dá mais manutenção ao silenciamento, e da pior forma possível, entendeu?”. Afinal, “minha fala, meu discurso diário, minha forma de me posicionar no mundo fica evidente, né. O que eu penso”, pois “tem pessoas – o meu caso – que transpiram. Não tem como não saber o que eu penso do Bolsonaro. Até calada, entende?”.

O corpo pode ser usado como plataforma política e como declaração de posicionamentos, mas também é o meio pelo qual vivemos todos os aspectos de nossas vidas – Mariana afirma que “você quer se sentir bem, porque é o seu corpo, você vai ficar nele o tempo inteiro né [risos], você tem que gostar do que você tá vendo”. Como algumas delas pontuam, viver sempre militando é cansativo, mas parece não haver escapatória para corpos como os nossos, uma vez que a identificação transitiva sempre ocorre.

A construção dessa existência como negra perpassa, portanto, negar padrões estéticos estabelecidos, mas também cobranças de politização de si incessantes – preocupação sem pausas com a “consciência racial” e a imposição e afirmação desta. Recusa-se a essência do negro que quer embranquecer e viver esses padrões, mas também a essência do negro ativista 100% tempo, combativo a todos os momentos, militando sem descanso. Essas são algumas reflexões sobre a diferença entre a autopercepção e a percepção que os outros podem ter de nós e como, sendo negro/a, não se pode “só existir, tem que se impor [...] fazer-se perceber como detentor de valores de pessoa, digno de respeito” (Souza, 2021, p. 56).

Entretanto, “tem hora também que dá uma cansada. Cansei de falar sobre isso. Tem hora que é tão difícil, né?”, afirma Duda. E, continua: “Eu penso ‘caralho,

podia ser um pouco mais fácil”, mas não é, pois “são coisas que são muito pessoais. É a nossa realidade”. Tem coisa que “deixa passar porque não vai dar em nada”, não entra em debates e discussões. Só utiliza ocasionalmente “piadas provocativas”.

Outra interlocutora, Andressa, hoje valoriza o lugar de saber quando não se posicionar ou se envolver. Entende que não é dicionário ou livro de história de ninguém e que qualquer pessoa pode buscar informações sem ela. Há momentos que entende ser melhor ficar calado em prol de si mesma, e não dos outros, para se poupar de um cansaço desnecessário. E, ao narrar uma situação de fala racista com colegas do trabalho, deixa claro, mostrando seu entendimento: “não estou aqui para militar com vocês, eu não estou aqui para ser pauta de debate racial. Eu só tô aqui pra pegar uma carona”.

Diante de todos esses fatos, considerações e reflexões, é possível inferir que a transição, portanto, não é apenas capilar. É uma transição de autopercepção e de pertencimento, de posicionamento político e emocional, que envolve diversas negociações sobre os elementos elencados na construção da identificação. E, conforme pontuado por hooks (2019a, p. 68), recuperar nosso direito à subjetividade envolve a insistência de “determinar como somos, sem depender de respostas colonizadoras para estabelecer nossa legitimidade”, pois nosso reconhecimento “parte de nós mesmos e do desejo de manter contato com todos aqueles que se unem a nós de maneira construtiva”.

Existem diferentes acepções sobre quando seria o fim da transição capilar: com o BC e a retirada de todo o cabelo com química, quando o cabelo cresce sem química até um tamanho determinado, ou quando se retira as últimas pontas com química de um cabelo que não passou por BC, mas sim foi sendo cortado aos poucos. O começo da transição capilar, o fim da transição capilar e o que se transiciona são elementos que diferem de pessoa para pessoa, ganha contornos das histórias individuais e das produções coletivas. As transições vivenciadas, e não apenas a capilar, não cessam.

A respeito disso, Andressa N reflete que a percepção do fim depende da “relação da pessoa com elas mesmas em relação a imagem que ela tá vendo”. Para ela, a “mudança de cabelo numa maneira geral demanda reconhecimento de si mesmo”. Diante disso, afirma: “Pelo que eu percebo, as pessoas têm uma

certa dificuldade – as pessoas que passam pela transição – de se reconhecer naquele lugar”. Então, o cabelo pode estar quimicamente transicionado, mas a pessoa “ainda não pegou a parada, porque a maneira de tratar o cabelo dela vai ser diferente, o formato que ela tá visualizando ali é diferente. Muito provavelmente vai ter muito mais volume, tem outra textura, tem outra parada”. Então para além do cuidado em si que muda é... a percepção de si muda um pouco também”.

Houve uma cliente de Andressa N que fez quase todo o BC e, de seis a oito meses depois, retornou para cortar. Na ocasião, foi feito um corte bem parecido com primeiro, mas ela disse que se “reconheceu” nesse cabelo. “Foram seis a oito meses de ela tendo trabalho com ela mesma, dessa relação de se olhar no espelho todo dia, de ver aquele formato, de ver aquele volume”. Ela “foi trabalhando aquilo nela mesma [...], se fortalecendo naquilo ali” e criando “outra relação de intimidade como cabelo”. Também tem gente que tem “processos de mudança interna externa mais direto”, então encara o BC com o fim da transição. Teve uma amiga sua que lhe disse que “já tava mudada” e “não tinha mais a ver com aquele cabelo”. Então, pra mim, cortar aquele cabelo foi a última coisa”, explicou Andressa N.

Minha interlocutora seguiu, afirmando que “tem gente que é a última coisa, a transição – que a pessoa tá fazendo a transição lá na cabeça dela um tempo, tipo, tá processando [...]. E tem a galera que é ao contrário – tem a galera que faz o corte primeiro e depois vai entendendo como é que é, como funciona. Tipo, vai entendendo aos poucos. E aí o corte é a primeira coisa, não a última, e a última é infinita”.

4.4 Experiência da TC e reflexões

Essas mulheres descobrem e criam novas formas de existência, bem como relatam como a TC permitiu mudanças significativas na maneira como percebem a si mesmas e como se relacionam com o mundo ao seu redor. Essa jornada não é apenas uma busca por um novo visual, mas também um movimento em direção a uma compreensão mais profunda do próprio lugar na sociedade. A conquista de um espaço de autoestima e liberdade, cumpre ressaltar, é de grande relevância

para quem traz relatos e memórias de dor, de sofrimento, de sensação de aprisionamento, de violências simbólicas, de rejeição e tantas outras experiências negativas.

Ao fim das entrevistas, eu perguntei sobre a interpretação que elas fizeram da jornada da TC, se elas pensavam que valeu a pena, se foi bom ou ruim, se elas fariam de novo ou voltariam a alisar/relaxar. Nenhuma delas afirmou que voltaria a realizar os procedimentos de alisamento/relaxamento, enquanto todas afirmaram que o processo foi importante para perceberem a vida de outra forma. Assim sendo, a sensação de construção de um pertencimento de si foi recorrente.

Bia entende que no seu processo de transição amadureceu muito e aprendeu muito, “não foi só cortar o cabelo”. Não se sentia tão bonita na época que fazia “todas essas coisas no cabelo”, e era onde ela “mais tentava ser”. Hoje em dia, sente que não tem mais essa pressão. Considera o cabelo muito bonito e afirma: “Tem tudo a ver comigo, com a minha personalidade, com a minha aparência. Ele parece que integra tudo que eu sou hoje”.

Quanto à Bruna, sentia que tinham coisas que “tinha deixado passar” e entende que foi um momento para ela “se conhecer”. Ela já tinha estudado um pouco questões sociais e raciais, mas nunca tinha relacionado isso a si. Então, foi pensando sobre as coisas que estavam presentes na sua vida e foi se “descobrimo e abrindo horizontes”. Sentiu, assim, que se tornou uma pessoa melhor depois que se aprofundou em mim mesma. Sua opinião sobre ter passado pela TC é que foi “um marco. Um marco, assim, importantíssimo de autoconhecimento, sabe. De autoaceitação [...] de descobrimo”. E, conclui: “Teve a barra pesada – e foi pesada mesmo – mas no todo, o resultado foi positivo”.

Destaca-se como uma alteração a princípio estética pode ter influências e implicações em diversos níveis do ser, criando uma expressão corpórea condizente com a percepção interna do eu e uma ideia de pertencimento a si mesma. A reflexão em retrospectiva permitida pela entrevista após a realização da TC criou espaço para que essas mulheres refletissem e falassem a mim sobre como percebiam – em momento de entrevista – as práticas e relações que tinham com o corpo antes do processo da TC.

Entendo que todas tiveram um estudo ou realizaram pesquisa sobre questões raciais, e, nesse sentido, é interessante pensar como elas interpretam suas experiências passadas. Cabe também pontuar que o fato de terem passado pelo segundo momento da transição também trouxe reflexões sobre obrigações e aprisionamentos, como tratado anteriormente, e essas reflexões também mudam as formas de interpretar o próprio passado e suas escolhas.

Thainá pensa hoje: “Nunca teve um problema com o meu cabelo”. Aliás, “tudo que eu fiz – vamos dizer, tentando consertar o meu cabelo – pra aquele momento – eram formas de talvez tentar me inserir, tentar me sentir bonita, tentar me adequar ao que era o padrão. Mas nunca foi feio, nunca foi...”. O cabelo, conclui, “não precisa ser o que tá aí nos padrões. Tem um direito próprio, e é isso”.

Vale também observar o Bruna afirmou: “Nossa, não tenho nem palavras pra te dizer **a maravilha que é a gente se dar bem consigo mesma**. Fico até meio, assim, emocionadinha, porque é uma parada muito legal, assim, você olhar pra trás e você pensar que eu me sinto bem sem precisar gastar tanto, sem precisar ter que sair da minha casa, sentar num salão, ter que passar algo no meu cabelo pra deixar ele com uma estrutura que ele não tem, sabe. E não porque eu quero, ir por necessidade de se sentir aceita, que é pior”.

Para Rafaela “o cabelo é identidade”. “É como se tirasse meu CPF. Sou gente. Do jeito que eu quero ser. Do jeito que eu sou, que eu tenho que ser”, declarou. “Eu virei outra pessoa. Quer dizer, virei não, simplesmente vim pra mim. Eu cheguei, eu me ajustei, eu me configurei”. E continuou a desabafar: “Fui tão silenciada já. Ninguém me ouvia. Você fala, ninguém te escuta. É horrível. Até você dar um grito mesmo. Dar uma de doida, dar uma de loca – e é isso aí. E aí vão ter que te escutar de qualquer jeito”.

A fala de Rafaela, mencionada no capítulo anterior, reflete como o cabelo pôde trazer a ela uma “transição do silêncio à fala”, “que cura, que possibilita uma nova vida e um novo crescimento” (hooks, 2019b, p. 29), e como isso, à perspectiva de hooks, “é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito — a voz liberta”. “Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz — e nossos seres, definidos e interpretados pelos outros” (*op. cit.*, p. 34).

Pensando sobre a reflexividade proporcionada a mim e a elas na situação da entrevista, finalizo este capítulo, evidenciando a relevância que espaços de troca com outras mulheres negras, de autorreflexão e de troca de experiências têm em nossas vidas. O poder da fala, tal qual teorizado por hooks (2019b), se fez presente no espaço de troca íntimo que foi criado. As conversas a dois e em espaços privados talvez tenham sido contextos que permitiram essas trocas.

Nesse processo, dessas mulheres, muitas vezes ouvi que nunca haviam pensado sobre a temática ou que estavam entendendo algo no momento de nosso encontro, podendo falar e elaborar sobre essas experiências – e isso também ocorreu comigo em todo o processo desta pesquisa. Além disso, memórias foram revividas e reanalisadas, trazendo emoções e momentos de cumplicidade entre nós.

Entendendo de forma genérica a terapia como um espaço seguro de troca de intimidade, no qual se podem refletir, elaborar e produzir conhecimentos e sentimentos, muitas delas chamaram a atenção sobre o momento da entrevista como um espaço terapêutico. Houve momentos nos quais eu também trouxe experiências semelhantes as delas, ou que primas e amigas haviam passado, e nesses momentos ocorria um reconhecimento entre nós que me é valioso para muito além desta pesquisa e do que foi produzido nesta dissertação. Eu também pude entender e elaborar várias experiências nessas conversas.

Como exemplo, trago o caso da Andressa N. Logo no começo da entrevista, quando lhe pergunto o porquê de atender somente cabelos naturais, com exceção das pessoas em transição, ela começa sua narrativa, afirmando: “Vai ser uma coisa meio terapeuta, porque tem umas coisas que eu também – não sei se eu já refleti em algum momento da minha vida sobre”. E, narrando sua trajetória pessoal para me responder sobre seu posicionamento profissional, ela me fala: “eu tô falando, mas eu também tô refletindo um pouco sobre mim mesma e meu trabalho assim”.

No caso de Bruna, no meio de nossa conversa, para e diz: “Muito interessante né? Como falar é terapêutico! A gente vai falando e vai lembrando várias questões relacionadas”. Ao final da entrevista, quando agradei por seu tempo e disposição, Bruna me falou que achou legal “falar sobre isso”. Afinal: “É um assunto que tem que ser falado. Achei muito interessante porque conforme a

gente foi conversando, eu fui lembrando de umas coisas que eu nem lembrava mais. [...] até mesmo coisas que eu ainda tenho traumas relacionados a isso também. Então, assim, muito interessante falar sobre isso”, declarou Bruna.

Por fim, posso dizer que a recorrência dessa percepção e os ecos que esses encontros deixaram em mim me fazem pensar sobre a importância de falar entre nós e sobre nós, bem como a importância de pautas que se atentem a nossas subjetividades, corpo e vida emocional.

Considerações Finais

Ao longo desta dissertação, estiveram presentes diferentes práticas de cuidado do cabelo e como elas perpassam vários âmbitos de nossa existência como mulheres negras. Ao longo da infância, o cuidado capilar envolvia negociar a percepção do cabelo cacheado/crespo como ruim e as consequências sociais de ter tal cabelo e as estratégias de desvencilhar-se de tal estereótipo.

O cabelo é apontado como um elemento que faz parte da percepção social, como observamos, tornando pessoas “mais” ou “menos” negras. Nesse cenário, a vida com o cabelo alisado/relaxado demanda organizar cronogramas sociais com as práticas capilares, evitar eventos e situações que envolvem água, passar horas realizando procedimentos, passar por queimaduras e cortes químicos e muitas outras situações. Sendo assim, a ideia de cabelo alisado/relaxado como mais prático pode parecer ambígua, dado essa conjuntura de cuidados.

Abordei como o alisamento/relaxamento foi realizado a partir de uma vontade de ser aceita: como semelhante, como bela e como pessoa. Entendi esse processo como de aceitação/rejeição, no qual, como discutido por Gomes, N. (2019), ocorre a aceitação de parte da proposta racista e a rejeição dos elementos que nos reconhecem como negras. A partir dessa percepção, ocorre a manipulação capilar para lidar com um desses elementos. Essa lida, entretanto, passa a ser interpretada como uma prisão, e muitas mulheres sentem-se reféns do cabelo e dos cuidados demandados por ele.

Interpretei essa relação com o corpo e a motivação para o alisamento/relaxamento a partir dos “sentimentos antagônicos” apresentados por Gomes, N. (2019), “sentimentos de inadequação”, conforme Bueno (2017) e, por fim, “sentimentos de desajuste” a partir do que traz Silva (2019). Eles indicam não somente as relações complexas que temos com nossa existência, mas também as consequências negativas do racismo em tais relações.

A sensação de aprisionamento eventualmente se tornou um motivador para o início da TC. Compreende-se que a concepção da TC surgiu principalmente por intermédio das redes sociais ou do círculo próximo de mulheres, destacando a importância de observar pessoas com diferentes estilos e receber encorajamento ou apoio delas. Além disso, questionar, refletir e compreender questões de raça e

política também se revelam como formas de autorreflexão em relação a práticas anteriormente desconfortáveis, mas que estavam integradas no cotidiano.

Esses dois tipos de influências rompem com o familiar, introduzindo fragmentos de outras possibilidades que essas mulheres começam a considerar e adotar. Nesse contexto, destaquei como o que é inicialmente entendido como apenas da aparência está profundamente interligado com os campos da subjetividade, da política e da identidade.

O processo da TC trouxe muitas novidades para as mulheres que o vivenciam com as quais se aprende a lidar, sendo a principal o próprio cabelo, até então desconhecido, que passa a crescer sem alisamento/relaxamento. As expectativas sobre ele eram semelhantes ao alisado/relaxado: ter comprimento e pouco volume. Soma-se a essas expectativas a característica da definição. Destaquei ainda como essas expectativas não eram só das mulheres que passavam pela TC, mas de seus familiares e das pessoas com quem se relacionavam, que muitas vezes esperavam uma apresentação de si condizente com papéis e expectativas de gêneros normativos.

Junto com a descoberta do cabelo, inicia-se um processo de aprendizado dos cuidados relacionados a essa nova característica. Ocorre a imersão em um universo com nomenclaturas, produtos e técnicas próprias, fomentando determinadas expectativas em relação ao cabelo. Em meio a isso, passa-se a buscar o “cacho perfeito”, que envolve a ideia do texturismo e da definição, como elaborado no quarto capítulo.

Cabe pontuar que a criação de um ideal que busque representar a perfeição gera uma busca incessante e inatingível, pois, como mencionado ao longo desta dissertação, o ideal não reflete a realidade. No processo de estabelecimento de novos padrões estéticos e de uma abordagem renovada em relação ao cabelo e à aparência, ele se transforma em uma armadilha, levando muitas mulheres a se sentirem obrigadas a buscar constantemente um determinado tipo de aparência – mais uma vez.

Se antes ocorria um movimento de saída dos enquadramentos do liso, surge a necessidade de saída dos enquadramentos dos cachos perfeitos, no qual

o cabelo e seus cuidados continuam sendo uma prisão. Entendi esse movimento como uma segunda transição, na qual se aprende e aceita-se o cabelo com frizz.

Portanto, essa segunda transição se constituiu como uma construção de possibilidade existencial, buscando, construindo e exercendo uma liberdade por meio de novos enquadramentos, símbolos e referências. Assim, ocorre uma recomposição da própria imagem intermediados por processos coletivos de construções subjetivas, nos quais o cabelo e seus cuidados deixam de ser uma prisão e passam a ser o meio pelo qual se produz autodefinição, autonomia e liberdade.

Entendendo uma das consequências do racismo como a dificuldade da criação de uma autoimagem positiva como pessoa negra, utilizei o conceito de tornar-se negro de Neusa Santos Souza para o processo de se entender e assumir como negra vivido por essas mulheres por meio da TC. Vale dizer que a transição cria um novo pano de fundo para buscar novos símbolos e possibilidades pelos quais se questionam padrões e constroem-se novas identificações.

Diante dessas observações, ficou notório como a apresentação do cabelo pode mudar a identificação racial que outras pessoas fazem de nós. Também ficou evidente que tal imagem pode alterar a forma como nós mesmas nos identificamos.

Adaptar-se ou desenvolver um apreço e uma convivência com o cabelo cacheado/crespo implica um processo interno que inclui enfrentar medos, mas também viver curiosidades e entusiasmo. Nesse sentido, é muitas vezes fundamental se permitir vivenciar essas experiências e convencer-se de sua importância, realizando um trabalho emocional para alterar e ajustar as próprias emoções. Importante notar que os sentimentos antagônicos, de inadequação e de desajuste podem ser emocionalmente trabalhados por meio da situação criada pela TC, possibilitando uma reconstrução subjetiva realizada em paralelo com uma mudança estética.

É válido, pois, considerar que as reformulações estéticas não apenas desencadearam implicações políticas e novas formas de envolvimento, mas também geraram impactos emocionais e identitários de grande relevância. Assim, observa-se uma valorização da dimensão emocional na criação de novos espaços de expressão e representatividade, os quais emergem a partir de elementos

incorporados ao corpo. Desse modo, o conceito de transição capilar está relacionado aos processos mentais e emocionais, questionamento de *status quo*, construção de novos enquadramentos, como também de produção de novas possibilidades de existência e liberdade desencadeados pela interrupção do uso de alisantes e relaxantes que modificam o formato dos fios capilares.

Assim sendo, o objetivo desta dissertação foi atingido na medida em que a investigação com as mulheres entrevistadas permitiu a reflexão e o aprendizado de que a transição capilar também é uma transição pessoal, de transformações no campo corpóreo e subjetivo.

Penso ainda que, futuramente, será interessante investigar como as mulheres negras que retornaram ao alisamento/relaxamento após realizar a TC se relacionam com o cabelo, buscando compreender as motivações por trás dessa escolha e quais as percepções sobre o cabelo cacheado/crespo e, somado a isso, a identificação de cada uma enquanto negras.

Por fim, entendendo que o alisamento/relaxamento também faz parte da produção estética e da manipulação corpórea de nossa população, creio ser também pertinente uma investigação futura com mulheres negras que optam por continuar com esses procedimentos, especialmente entre aquelas que tiveram acesso ao debate sobre a TC ou sobre questionamentos políticos e raciais em redes sociais, na universidade ou por meio de pessoas de seus ciclos sociais. Isso porque entender como esses grupos se pensam e apresentam-se poderá contribuir, acredito, para refletir e entender sobre as produções estéticas e sua relação tanto com a subjetividade quanto a identificação negra.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**: feminismos plurais. São Paulo: Pólen Livros, 2018.

ALVARÉZ, Lina M. V. **Poética del peinado afrocolombiano**. Tese de graduação para o título de Sociólogo. Universidade Nacional da Colômbia, Bogotá, 2003.

AMORIN, Cláudia Lanyelle Revorêdo.; ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos.; DANFÁ, Lassana. Mulheres negras e construção de sentidos de identidade na transição capilar. **Psicologia & Sociedade**, 33, e224920. ISSN 1807-0310. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33224920>, 2020.

ARAÚJO, Maria de L. B.; SANTANA, Wylliane E. P.; KATRIB, Cairo M. I. Nega do cabelo duro, qual é o pente que te penteia? **Anais do Congresso Internacional de História: Cultura, Sociedade e Poder**, 4., Jataí, 2014. Jataí: UFG, 1014. p. 1-10. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(180\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(180).pdf). Acesso em: 14 jun. 2024

BOUZÓN, Patrícia. Cabelos e construção de identidades: incursão antropológica em um salão de beleza. *In*: CASOTTI, Letícia; SUAREZ, Maribel; CAMPOS, Roberta (Orgs.). **O tempo da beleza**: consumo e comportamento feminino, novos olhares. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2008, p. 228-251.

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: Edufscar, 2020.

BUENO, Josiane. VICTORIA, Ceres. Do que o nosso cabelo gosta: corporalidade e ativismo negro no discurso das Gurias Crespas e Cacheadas. **Interseções**, v.20 n.1 p. 220-235. Rio de Janeiro, 2018.

BUENO, Josiane. “**É pelo corpo que se reconhece a verdadeira negra?**”: uma análise antropológica sobre a corporalidade negra feminina na cidade de Porto Alegre. 2017. 117f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) apresentada ao Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre, 2017.

CAMARGO, Karina.; MEDEIROS, Priscila Martins. A transição capilar nas mídias digitais: identificações em processo e representações em disputa. **Akesis**, v. 8, n.1. Janeiro/Junho 2019, p.117-130.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

CARNEY Judith A.; ROSOMOFF, Rich ard N. **In the shadow of slavery**: Africa's botanical legacy in the Atlantic word. University of California Press, 2009.

CARNEY Judith A.. 'With Grains in Her Hair': Rice in Colonial Brazil. **Slavery and Abolition**, Vol.25, No.1, Month 2004, pp.1–27. Published by Frank Cass, London.

CARNEY Judith A. **Black Rice**: The African origins of rice cultivation in the Americas. London: Harvard University Press, 2001.

CASTRO, Amanda Motta; OLIVEIRA, Elina; PEREIRA, Gabriele. Educação antirracista e resistência: o cabelo como posicionamento político. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-18, 2021.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança afro**: a cultura do cabelo subalterno. Artigo (curso de especialização em projetos culturais e organização de eventos) Escola de Comunicações e Artes, Universidade do Estado de São Paulo. São Paulo, 2010.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COOLEY, Timothy J.; Meizel, Katherine.; Syed, Nasir. Virtual Fieldwork: Three Case Studies. *In*: **Shadows in the field- new perspective for fieldwork in ethnomusicology**. Org. Gregory Barz e Timothy J. Cooley. Oxford University Press. 2008.

CRENSHAWN, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10, 1/2002.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Que leveza busca Vanda?** Ensaio sobre cabelos no Brasil e em Moçambique. 2017. 206f. Tese (doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

CRUZ, Denise Ferreira da Costa. **Seguindo as tramas da beleza em Maputo**. 2012. 192f. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

DAMÁSIO, Nana Clara. **Fazer-família e fazer-antropologia**: uma etnografia sobre cair pra idade, tomar de conta e posicionalidades em Canto do Buriti-PI. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2021.

FARIAS, Salomão Alencar de; SOUZA JUNIOR, João Henriques de; SILVA, Bianca Gabriely Ferreira. O significado do sacrifício nos rituais de alisamento capilar e autoimagem feminina. *In*: **Revista de Ciências da Administração**. V. 22, n. 58, p. 8-21, Dezembro/2020.

FELICIDADE POR UM FIO. Direção: Haifaa Al-Mansour. Produção: Marc Platt Productions, Badabing Pictures. Distribuição: Netflix, 2018. Streaming (Netflix).

FIGUEIREDO, Ângela. "Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada": identidade, consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. **Anais da XXVI**

Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. GT 17 – Relações raciais e etnicidade. Caxambu, MG, 2002.

FONSECA, Luana da Costa. **Minha pele é preta e o meu cabelo é de lã:** cabelo e a construção da identidade negra e feminina no ambiente escolar. 2016. 55f. Monografia (Graduação em ciências sociais) apresentada à Faculdade de Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2016.

GOOGLE. **Dossiê BrandLab:** A Revolução dos Cachos. São Paulo: 2017. Disponível em <<https://www.thinkwithGoogle.com/intl/pt-br/advertisingchannels/v%C3%ADdeo/revolucao-dos-cachos/>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

GOMES, Larisse Louise Pontes. O estilhaçar do espelho: reflexões antropológicas sobre raça a partir da lida do cabelo. **Novos debates**, 7(2): E7214, 2021. DOI: 10.48006/2358-0097-7214.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **“Posso tocar no seu cabelo?”:** entre o “liso” e o “crespo”: transição capilar, uma (re)construção identitária? 2017. 161f. Dissertação (mestrado em antropologia social) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2017.

GOMES, Larisse Louise Pontes. **Entre big chops e black powers:** identidade, raça e subjetividade em/na “transição”. Artigo (conclusão do curso de especialização em Antropologia) apresentado à Universidade Federal de Alagoas e ao Museu Théo Brandão de Antropologia e Filosofia. Maceió, AL, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz:** corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação.** N. 23, p. 75-85, 2003.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 40-51, Dec. 2002. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2019.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio - Apicuri, 2016.

HOCHSCHILD, Arlie. (2013). “Trabalho Emocional, Regras de Sentimento e Estrutura Social”. *In*: COELHO, Maria Claudia (org.). **Estudos sobre Interação**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

hooks, bell. **Anseios**: raça, gênero e políticas culturais. São Paulo: Editora elefante, 2019a.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pesar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019b.

hooks, bell. **Olhares negros, raça e representação**. São Paulo: Editora elefante, 2019c.

hooks, bell. Alisando nuestro pelo. *La Gaceta de Cuba*, enero-febrero 2005, n. 1, pp. 70-73. *In*: «Straightening Our Hair», **Zeta Magazine**, septiembre 1988, pp. 33-37; reprod. en *Good Reasons*. eds, Lester Faigley y Jack Selzer, Boston, Longman Publishers, 2001, p. 446-452.

KBELA. Direção. Yasmin Thayá. Produção: Coletivo KBELA. Brasil: Coletivo KBELA, 2015. 1 DVC (21 min), son., color. Legendado. Português. Curta-metragem.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

LEACH, Edmund. O cabelo mágico. p. 139-169. *In*. Edmund Leah: **Antropologia**. Org. Roberto da Matta. São Paulo: Editora Ática, 1983.

LeBRETON, David. *Antropologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

LINO E SILVA, Moisés. **Liberalismo Minoritário**: vida de travesti na favela. São Paulo: Editora Almedina Brasil, 2023.

MAUSS, Marcel. “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos”. *In*: S. Figueira (org.). **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. *In*: **Sociologia e Antropologia**. Vol II. São Paulo, EPU, 1974.

MATTOS, Amana Rocha. OLIVEIRA, Aryanne Pereira de Oliveira e. Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. *In*: **Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro**, v. 19, n. 2 p. 445-463. De Maio a Agosto de 2019.

MATTOS, Ivanilde Guedes. Estética afro-diaspórica e empoderamento crespo. **Pontos de Interrogação**, v.5, n.2, jul./dez., 2015.

MELO, Glenda Cristina Valim. MOITA LOPES, Luiz Paulo. A performance narrativa de uma blogueira: “tornando-se preta em um segundo nascimento”. **Alfa**, São Paulo, 58 (3): 541-569, 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-2>.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. p. 118-146.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, ano 2, n. 3, 2013.

RUBIN, Gayle. **The traffic in women?** Notes on the “political economy” of sex, 1975.

SANTOS, Nádia Regina Braga. **Do black power ao cabelo crespo**: a construção da identidade negra através do cabelo. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídia, Informação e Cultura). Escola de Comunicação e Artes /Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. 20 (2): 71-99 jul./dez., 1995

SILVA, Gleicy Mailly da. Corpo, política e emoção: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. **Horizontes Antropológicos**, 25 (54), p. 173-201, 2019.

SILVA, Gleicy Mailly da. **Corpo, política e emoção**: feminismos, estética e consumo entre mulheres negras. *Horizontes Antropológicos*, 25 (54), p. 173-201. 2019.

SOUZA, Flavia Mayer dos Santos.; PIROLA, Maria Nazareth Bis.; BRAGA, Juliana Bellia. De lola para loletes: a mulher negra nas embalagens de cosméticos capilares. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**. E-ISSN 2175-4977. v. 19 n. 40. p. 180-198, 2020.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro**. 1. reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2021.

WALKER, Alice. **Cabelo oprimido é um teto para o cérebro**. Palestra em 1987. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cabelo-oprimido-e-um-teto-para-o-cerebro/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Glossário

Alisamento: uso de produtos químicos ou aparelhos que alteram a estrutura capilar química e/ou fisicamente para o liso.

Babyliss: aparelho que modela o cabelo em cachos ou ondulações.

BC: *Big Chop* ou grande corte é quando se retira a parte alisada do cabelo.

Chapinha: aparelho que alisa o cabelo através do calor.

Cronograma capilar: rotina de cuidados com o cabelo.

Curvatura: refere-se ao formato dos fios de cabelo, podendo ser mais ou menos abertos.

Dedoliss: modelagem do cabelo feita com os dedos para cachear ou ondular.

Escova: técnica de alisamento.

Finalização: técnicas e produtos utilizados no pós lavagem.

Fitagem: técnica de finalização que separa o cabelo em fitas.

Frizz: fios arrepiados.

Hidratação: técnica de reposição de água e nutrientes no cabelo.

No poo/low poo: lavagem de cabelo sem uso ou com pouco uso de produtos que contem petróleo, sulfatos e silicones insolúveis.

Nutrição: técnica de reposição de lipídios no cabelo.

Prancha: técnica de alisamento. Sinônimo de chapinha.

Produtos liberados: produtos que não possuem petróleo, sulfatos e silicones insolúveis.

Progressiva: técnica de alisamento.

Reconstrução: técnica de reposição de proteínas e queratina no cabelo.

Relaxamento: técnica de alteração físico-química do cabelo que tem como resultado o cabelo cacheado ou ondulado.

Textura: formato, espessura e porosidade dos fios.

Texturização: técnicas que criam diferentes texturas no cabelo.